

AILSON TENÓRIO CAVALCANTI JÚNIOR

ALFABETIZAÇÃO e LETRAMENTO



**Tensões Enfrentadas pelos
Professores e Familiares
acerca dos Conceitos
e da Metodologia**



Editora
REALCONHECER

AILSON TENÓRIO CAVALCANTI JÚNIOR

ALFABETIZAÇÃO e LETRAMENTO

**Tensões Enfrentadas pelos
Professores e Familiares
acerca dos Conceitos
e da Metodologia**



Editora
REALCONHECER

© 2022 – Editora Real Conhecer

editora.realconhecer.com.br

realconhecer@gmail.com

Autor

Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

Editor Chefe: Jader Luís da Silveira

Editoração e Arte: Resiane Paula da Silveira

Capa: Freepik/Real Conhecer

Revisão: Respectiveos autores dos artigos

Conselho Editorial

Ma. Tatiany Michelle Gonçalves da Silva, Secretaria de Estado do Distrito Federal, SEE-DF

Ma. Jaciara Pinheiro de Souza, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Dra. Náyra de Oliveira Frederico Pinto, Universidade Federal do Ceará, UFC

Ma. Emile Ivana Fernandes Santos Costa, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Me. Rudvan Cicotti Alves de Jesus, Universidade Federal de Sergipe, UFS

Me. Heder Junior dos Santos, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, UNESP

Ma. Dayane Cristina Guarnieri, Universidade Estadual de Londrina, UEL

Me. Dirceu Manoel de Almeida Junior, Universidade de Brasília, UnB

Ma. Cinara Rejane Viana Oliveira, Universidade do Estado da Bahia, UNEB

Esp. Jader Luís da Silveira, Grupo MultiAtual Educacional

Esp. Resiane Paula da Silveira, Secretaria Municipal de Educação de Formiga, SMEF

Sr. Victor Matheus Marinho Dutra, Universidade do Estado do Pará, UEPA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C376a Cavalcanti Júnior, Ailson Tenório
Alfabetização e Letramento: Tensões Enfrentadas pelos Professores e Familiares acerca dos Conceitos e da Metodologia / Ailson Tenório Cavalcanti Júnior. – Formiga (MG): Editora Real Conhecer, 2022. 171 p. : il.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-84525-38-2

DOI: 10.5281/zenodo.7320366

1. Alfabetização. 2. Letramento. 3. Tensões. 4. Professores. 5. Familiares. 6. Conceitos. 7. Metodologia. I. Cavalcanti Júnior, Ailson Tenório. II. Título.

CDD: 372.41

CDU: 37

Os artigos, seus conteúdos, textos e contextos que participam da presente obra apresentam responsabilidade de seus autores.

Downloads podem ser feitos com créditos aos autores. São proibidas as modificações e os fins comerciais.

Proibido plágio e todas as formas de cópias.

Editora Real Conhecer
CNPJ: 35.335.163/0001-00
Telefone: +55 (37) 99855-6001
editora.realconhecer.com.br
realconhecer@gmail.com
Formiga - MG
Catálogo Geral: <https://editoras.grupomultiatual.com.br/>

Acesse a obra originalmente publicada em:

<https://editora.realconhecer.com.br/2022/11/alfabetizacao-e-letramento-tensoes.html>



**ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO: TENSÕES ENFRENTADAS
PELOS PROFESSORES E FAMILIARES ACERCA DOS CONCEITOS
E DA METODOLOGIA**

AILSON TENÓRIO CAVALCANTI JÚNIOR

APRESENTAÇÃO

Esse livro é oriundo de uma pesquisa de mestrado do autor Ailson Tenório Cavalcanti Júnior, egresso do Mestrado em Ciências da Educação da Universidad Desarrollo Sustentable.

O autor analisa as tensões enfrentadas pelos professores e familiares acerca dos conceitos de alfabetização e letramento no que diz respeito às controvérsias dos mesmos. Neste sentido, ele faz uma abordagem sobre conceitos de alfabetização e letramento, destacando nesse contexto, uma visão política da alfabetização no Brasil segundo a Base Nacional Curricular Comum (BNCC). Além disso, discute sobre a alfabetização e letramento dentro do processo ensino-aprendizagem, currículo e alfabetização, bem como as competências de alfabetização, materiais didáticos no ciclo da alfabetização, leitura e escrita, a aprendizagem da escrita, as práticas sociais da leitura como alicerce para a aprendizagem, alfabetização e letramento na sala de aula, o papel do professor frente à alfabetização e letramento, a importância do estímulo no desenvolvimento da criança, o papel do professor frente às atividades de alfabetização e letramento, o papel da família na alfabetização e no letramento e a contribuição da família na formação do educando.

Foi realizada uma pesquisa descritiva de abordagem mista, na qual foi realizada a partir de uma entrevista com onze professoras, além disso, contou com um questionário adaptado e validado a cem pais/responsáveis da escola.

A análise dos dados quantitativos foi realizada no banco de dados EPI INFO, versão 3.5.4 que foi exportado para o software SPSS, versão 18; enquanto a análise dos dados qualitativos foi orientada pela análise de discurso através das formações discursivas.

Portanto, o autor nos convida a compreender melhor sobre esse assunto, para tanto, enfatiza que é através do domínio da leitura e escrita que o sujeito terá mais facilidade para aprender os diversos componentes curriculares, pois a base é de fato leitura e escrita. Com isso, percebe-se a importância de uma melhor compreensão do que de fato é e para que sirva a alfabetização e o letramento na trajetória escolar.

Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Capítulo I Antecedentes e formulação do problema	12
Capítulo II MARCO TEÓRICO	25
Capítulo III MARCO METODOLÓGICO	65
Capítulo IV APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	86
Capítulo V CONCLUSÕES	117
REFERÊNCIAS	125
APÊNDICES	135
O AUTOR	170

INTRODUÇÃO



INTRODUÇÃO

Esta investigação tem como fio condutor o estudo das tensões encontradas pela escola e familiares no que diz respeito à alfabetização e letramento. A escolha em estudar a relação entre a família e escola se deu pela minha atuação como educador de apoio na Educação Infantil e professor no ensino fundamental I de escolas públicas, desde meados de 2005. Principalmente pelas novas mudanças de conceitos que vem acontecendo frente aos processos de leitura e escrita, visto que a participação da escola e família são cruciais na vida da criança.

O presente trabalho pretende analisar as tensões enfrentadas pelos professores e familiares acerca dos conceitos de alfabetização e letramento no que diz respeito às controvérsias dos mesmos. Neste sentido, esta análise perpassa pelas transformações nas quais estão passando tanto a instituição família como a instituição escola e como estas podem colaborar colocando o objetivo comum que é educar a criança para que haja a melhoria da qualidade do ensino.

Essas discussões são de grande relevância, pois suscitam reflexões que ajudarão diretamente no desenvolvimento do trabalho pedagógico do professor e dos familiares que ainda sentem dificuldades em compreender a concepção e o processo de alfabetização e letramento, assim como colaborar no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

As discussões sobre alfabetização e letramento sempre despertaram interesse por parte dos professores, revelando uma grande preocupação e insegurança na busca de uma melhor compreensão desses dois processos.

As dificuldades enfrentadas pelos professores, muitas vezes refletem no seu trabalho de ensinar os alunos a ler e a escrever, por isso, muitas pesquisas vêm sendo realizadas com a intenção de apontar caminhos para que se tenha uma efetivação do trabalho vivenciado na escola.

Nos dias atuais, percebemos uma grande tensão enfrentada pela escola, principalmente em ensinar a ler e escrever em virtude dos fatores que atrapalham esses processos, uma delas é a participação da família que pouco tem ajudado, o que dificulta a aquisição de exercer a alfabetização e o letramento com eficácia.

É através do domínio da leitura e escrita que o sujeito terá mais facilidade para aprender os diversos componentes curriculares, pois a base é de fato leitura e escrita. Com

isso, percebe-se a importância de uma melhor compreensão do que de fato é e para que serve a alfabetização e o letramento na trajetória escolar.

Este trabalho foi estruturado da seguinte forma: o primeiro capítulo, antecedentes e formulação do problema, apresentamos um breve histórico da política nacional e internacional sobre a temática, produção científica de teses e dissertações, a formulação do problema, as perguntas norteadoras e da investigação, os objetivos, geral e específicos seguidos da hipótese formulada e da justificativa.

No segundo capítulo, intitulado como Marco Teórico, apresentamos as categorias eleitas: Alfabetização e letramento, família. a abordagem desenvolvida englobou: alfabetizar e letrar: uma visão política, alfabetização no Brasil, alfabetizar letrando segundo a Base Nacional Curricular Comum (BNCC), alfabetização e letramento dentro do processo ensino-aprendizagem, currículo e alfabetização, as competências de alfabetização, materiais didáticos no ciclo da alfabetização, leitura e escrita, a aprendizagem da escrita, as práticas sociais da leitura como alicerce para a aprendizagem, alfabetização e letramento na sala de aula, o papel do professor frente a alfabetização e letramento, a importância do estímulo no desenvolvimento da criança, o papel do professor frente as atividades de alfabetização e letramento, o papel da família na alfabetização e no letramento e a contribuição da família na formação do educando.

O terceiro capítulo, Marco Metodológico, traz a concepção sobre o enfoque epistemológico da pesquisa, o tipo de estudo e sua justificativa, a descrição e justificativa do desenho da investigação, as unidades de análises, o lócus da pesquisa, a escola participante, os sujeitos da pesquisa, os instrumentos de coleta de dados, a entrevista, o questionário, a observação, os instrumentos de análises de dados, as análises qualitativa e quantitativa.

O quarto capítulo é dedicado à apresentação e discussão dos resultados, a síntese do processo de observação e os resultados e discussão da abordagem qualitativa e quantitativa, são sintetizadas as respostas dos professores entrevistados e dos pais/responsáveis do questionário aplicado.

Para finalizar este trabalho, no quinto capítulo conclusões, são feitas as considerações finais, confrontando os objetivos com os dados da pesquisa. Destacando as principais reflexões desenvolvidas entre a família e escola, buscando uma melhor parceria e interação para novos caminhos que melhorem o processo de aquisição do conhecimento e um reforço significativo para que os professores compreendam melhor o conceito de

alfabetização e letramento, adquirindo assim novos métodos para serem vivenciados na sua prática pedagógica.

Capítulo I

Antecedentes e formulação do problema



CAPÍTULO I – Antecedentes e formulação do problema

1.1 – Antecedentes nacionais

No Brasil algumas pessoas ainda confundem os conceitos de alfabetização e letramento. Essa confusão se dá essencialmente quando falam de alfabetização das crianças. Ninguém fala em letramento. As pessoas falam em alfabetização para se referir às competências de ler e escrever. E ninguém nega que é preciso ser mais que alfabetizado para compreender a maioria dos textos impressos.

A partir do século XVIII, para Zilbermam (1985), a leitura se relaciona como um fenômeno historicamente delimitado e circunscrito a um modelo de sociedade que se valeu dela, para sua expressão. Antes a pessoa aprendia a assinar o nome para poder casar ou votar, hoje o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), entende que é preciso ser capaz de ler e escrever um bilhete com compreensão.

No Brasil, algumas políticas educacionais com base nas informações do PISA (Programme for International Student Assessment) tem norteado o rumo da educação. A CF (Constituição Federal de 1988) garante a Escola, local de assistência para as crianças. Na própria LDB (Lei de Diretrizes e Bases) nº 9394/96 a escola é vista como local para que o pensamento e o desenvolvimento da linguagem sejam desenvolvidos.

O PNE (Plano Nacional de Educação), lei nº 13.005, em sua sétima meta contém a estratégia de melhorar o desempenho dos alunos da Educação Básica nas avaliações desse processo significativo.

Outro documento importante apresentado em síntese são os PCN's (Parâmetros Nacionais Curriculares), que trazem uma concepção de linguagem e aquisição da língua apoiados nos conceitos e ideias de Emília Ferreiro a Ana Teberosky, onde afirma que: O objetivo da alfabetização e do ensino da língua é levar o aluno a compreender os usos sociais da linguagem e usá-la para esses fins; aprender a ler é um ato natural, tão natural quanto aprender falar.

Da mesma forma que as crianças aprendem a falar por meio de atividades sociointerativas com adultos, aprender a ler deve ser o resultado de interação com adultos e com uma variedade de texto de diferentes gêneros; As crianças aprendem sobre código alfabético fazendo hipóteses sobre as relações entre letras, seus sons e significados. Essas relações devem surgir naturalmente como fruto de interações com textos e com crianças e adultos, sendo descobertas de forma incidental.

Registra-se no campo da legislação, que o PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), foi instituído pela portaria nº 867 de 4 de julho de 2012 e teve sua origem marcada por um programa de eliminação do analfabetismo implementado pelo governo municipal de Sobral em 2004, no estado do Ceará.

O referido programa, em 2007, foi intitulado de Programa pela Alfabetização na Idade Certa (PAIC) e foi assumido pelo governo do estado do Ceará, com o apoio da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (UNDIME) e do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF).

Este programa conta com um curso presencial de 120 horas por ano destinado à formação de professores, que tem como proposta de trabalho, estudos e atividades pedagógicas, sendo mediadas por orientadores e dispõe de materiais como livros didáticos, obras pedagógicas complementares, dicionários de língua portuguesa distribuídos pelo PNLD (Programa Nacional do Livro Didático), jogos pedagógicos e outras obras de apoio pedagógico que são distribuídos nas turmas de alfabetização que fazem parte do programa.

Outro programa que viabiliza a alfabetização e o letramento na educação Básica é o Programa Mais Alfabetização – PMALFA, Instituído por meio da portaria MEC (Ministério da Educação) nº 142, de 22 de fevereiro de 2018, é uma estratégia do ministério da educação, que visa fortalecer e apoiar as unidades escolares no processo de alfabetização dos estudantes regularmente matriculados no 1º e 2º anos do ensino fundamental e fundamenta-se na LDB, que determina o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo.

As atividades desenvolvidas no programa, particularmente nas turmas envolvidas serão apoiadas pelos seguintes atores: professor alfabetizador, assistente de alfabetização, gestor da unidade escolar, coordenador pedagógico escolar, coordenador da rede municipal do programa Mais Alfabetização e pelo secretário de Educação.

Os alunos dos 1º e 2º anos participam de avaliações de Língua Portuguesa (Leitura e Escrita) e de Matemática. Após a realização das avaliações os professores lançam os resultados na Plataforma do Programa e vão analisando os resultados. A partir daí o assistente se alinha ao professor e juntos traçam atividades com base nos descritores apresentados e assim promovem a melhoria da aprendizagem nos alunos das turmas envolvidas. Esse programa tem acelerado o processo de aquisição de conhecimentos dos alunos.

O ministério da Educação (MEC) por meio da Secretaria de Alfabetização (Sealf), apresenta a Política Nacional de Alfabetização (PNA), criada em 2019, que busca elevar a qualidade da alfabetização e combater o analfabetismo em todo o território brasileiro. A PNA pretende inserir o Brasil no rol de países que escolheram a ciência como fundamento na elaboração de suas políticas públicas de alfabetização, levando para a sala de aula os achados das ciências cognitivas e promovendo, em consonância com o pacto federativo, as práticas de alfabetização mais eficazes, a fim de criar melhores condições para o ensino e a aprendizagem das habilidades de leitura em todo o país.

1.2 – Antecedentes internacionais

O Brasil utiliza em suas políticas de avaliações institucionais as intituladas Prova Brasil e a Provinha Brasil para atribuir resultados satisfatórios do desenvolvimento educacional.

Essas avaliações são baseadas no PISA, que é um programa internacional de avaliação comparada, desenvolvido pela OCDE (Organização para Cooperação Econômica), entidade que reúne 35 países, que tem como foco de atuação projetos na área social, ambiental, de educação e geração de emprego e como objetivo educacional, o que nos interessa, avaliar o desempenho dos alunos, na faixa dos 15 anos de idade e produzir indicadores sobre a efetividade dos sistemas educacionais dos países envolvidos.

Já no Brasil a coordenação do PISA cabe ao INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira), que a cada três anos aplica uma avaliação com foco no letramento, buscando através de habilidades os saberes significativos.

A avaliação do PISA é aplicada a cada três anos. Em cada edição uma das áreas do conhecimento é enfatizada, com a maior parte das questões aplicadas sendo direcionada a ela. Os testes visam abranger variados aspectos dos resultados educacionais, procurando avaliar o chamado letramento nas áreas de estudo. O emprego do termo letramento, nesse caso, significa a totalidade dos saberes e habilidades analisadas.

A função do PISA é coletar através de questionários informações do aluno sobre: si próprio; hábitos de estudos; percepções do contexto de aprendizagem; envolvimento na escola e suas motivações, onde esses resultados demonstram em sua totalidade as habilidades que os alunos aprenderam.

O desenho de teste utilizado pelo PISA possibilita o uso de técnicas modernas de modelagem estatística, como a TRI (Teoria de Resposta ao Item) que numa escala do menor para o maior, mede o desempenho ou proficiência dos resultados que os alunos sabem em uma disciplina e também referente a áreas de estudos.

Gestores do Brasil inteiro utilizam os resultados do PISA como parâmetro ao decidirem o rumo da educação nacional.

Outro documento importante é o Painel Nacional de Alfabetização Precoce (NELP), criado nos Estados Unidos. O mesmo realiza pesquisas científicas sobre o desenvolvimento de habilidades de alfabetização precoce em crianças de 0 a 5 anos. O NELP foi estabelecido com o propósito expresso de resumir evidências científicas sobre a alfabetização precoce, desenvolvimento e as influências domésticas e familiares.

O principal objetivo do painel é sintetizar pesquisas para contribuir com decisões na política e prática social, afetando o desenvolvimento inicial da alfabetização e determinar como professores e famílias podem apoiar no desenvolvimento da linguagem e alfabetização de crianças pequenas. Além disso, essa evidência seria uma chave fator na criação de materiais específicos para pais, professores, funcionários, educadores da primeira infância e profissionais de alfabetização familiar.

1.3 – Estudos Nacionais e Internacionais da Temática

No Chile o Programa Primero Lee que trabalha de forma equilibrada os diferentes componentes da linguagem (leitura, escrita e comunicação oral) com ênfase na compreensão da leitura e no desenvolvimento do vocabulário. Programa implementado desde 2011 nos níveis NT1 ao 2º básico, com presença em 22 comunidades do país, 76 escolas, 13.000 alunos e 1104 professores.

Possui um estudo quase experimental que indica que, após 1 ano de implantação, o programa tem um impacto positivo na compreensão leitora e na produção de textos. Meninos e meninas são matriculados no segundo nível de transição em estabelecimentos classificados com desempenho insuficiente pelo sistema de garantia de qualidade e que estejam em turmas com matrícula igual ou superior a 15 alunos. A implementação foi concebida em 3 fases de implementação, privilegiando os conselhos com maior concentração de escolas com os critérios especificados.

Em 2019, teve início os trabalhos com 16 comunidades que apresentaram no processo de categorização de 2017 uma maior concentração de estabelecimentos na categoria insuficiente, traduzindo-se em 151 estabelecimentos e 204 sala NT2.

Em Portugal, o Rotary apoia treinamentos e práticas para a melhoria da educação para todas as crianças com foco na alfabetização. Capacita os rotarianos a fazerem com que as pessoas tenham acesso à educação básica e alfabetização. Os principais propósitos e aumentar a taxa de alfabetização na educação básica, melhorando a qualidade de nível primário e secundário. Apoia também as escolas e os professores disponibilizando e instalando materiais para fortalecimento da educação e buscando novas metodologias. Investe também na formação do professor através de cursos de pós-graduação com foco na alfabetização.

É um projeto Sustentável, pois é contínuo. Mensurável, seleciona critérios e monitora a avaliação dos resultados. Voltado a comunidade que realmente necessita e alinhado com enfoque de superação e aprendizagem significativa.

Na Argentina a construção da Escuela Cooperativa Tierra del Sol tem como ponto de partida a preocupação de pais, professores e outras pessoas da comunidade com a aprendizagem das crianças. No pequeno povoado de Tilcara, no norte da Argentina e com pouco mais de seis mil habitantes, as duas escolas do município estavam lotadas. Isso, explicam os criadores da iniciativa, dificultava a atenção particular a cada estudante, e também não havia possibilidades de escolarização de crianças com deficiência.

O que era visto como déficits do município se tornou as potencialidades da escola. Assim, o acompanhamento individual de cada estudante, a inclusão de crianças com deficiência e a criação de práticas mais inclusivas que propiciem a integração, e não reforcem a exclusão, foram os eixos a partir dos quais se construiu o projeto político pedagógico da instituição. Após dois anos de debates sobre qual escola se queria, é que em 2006 a Terra do Sol entrou em funcionamento, com duas salas de jardim de infância e uma de primeira série. Atualmente, a escola conta com 49 matriculados, da educação infantil até o equivalente ao 1º ciclo do ensino fundamental, abarcando a faixa etária de 3 a 12 anos.

A escola tem como centralidade o aluno, onde desenvolve as aprendizagens significativas, respeitando a potencialidade e o ritmo de cada criança. Desenvolve também o pensamento lógico e a inteligência emocional, produz processos educativos personalizados e atende as necessidades especiais.

Um dos pontos negativos é contratar docentes que estejam alinhados a proposta da escola. A alfabetização é eficaz, pois cada indivíduo resolve seus problemas e busca autonomia na aprendizagem e no desenvolvimento do potencial criativo.

Na alfabetização, as crianças são gradativamente convidadas ao universo leitor, partindo dos signos oferecidos pela própria comunidade. A leitura e escrita se dão como construção individual de cada criança em um processo coletivo, em que os que já acessam a palavra escrita apoiam os que ainda estão se desenvolvendo. Para tanto, a escola afirma que toda a unidade se converte em um universo leitor, convidando as crianças a diariamente decifrarem e se apropriarem de códigos que até então não conhecem.

No Brasil, O Instituto Paulo Montenegro, localizado em São Paulo é uma organização sem fins lucrativos, criada no ano de 2000 para desenvolver e disseminar práticas educacionais inovadoras que contribua para melhoria da educação, pois seu objetivo essencial é que a sociedade seja mais justa e desenvolvida e avalia que a alfabetização é a capacidade de compreender anúncios e outros textos do dia a dia. Trabalha em parceria com o IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião e Estatística), que através de pesquisas beneficia a sociedade na responsabilidade social com os resultados da alfabetização, contribuindo com resultados transformadores.

1.4 Teses e Dissertações Acerca da Temática

Quando se discute o processo de apropriação da leitura e da escrita, observa-se que a alfabetização escolar ao longo dos anos tem levantado muitos debates, visto que hoje, o sistema educacional volta seu olhar para desenvolver com êxito a leitura e a escrita. A academia tem realizado investigações sobre a temática, destacando:

Ximenes (2015, UFG) em sua dissertação: “Concepções e práticas de alfabetização e letramento de professores da pré-escola”, analisa as concepções e práticas da Alfabetização e Letramento de professores da pré-escola da rede municipal de educação de Catalão – GO.

A autora pontua que, a discussão ainda é cercada por dúvidas e incertezas para as quais nem mesmo os educadores que atuam neste nível conseguem encontrar respostas e direcionar os rumos do processo educativo.

Martins (2018, UFN). “As representações de alfabetização e letramento por professores do ensino fundamental I, da EMEF Maria de Lourdes Ramos Castro”. A autora

buscou investigar sobre a temática em um contexto social caracterizado como um estudo de caso e abordagem qualitativa. Na pesquisa, participaram professores do 4º e 5º anos do Ensino fundamental I.

Os dados coletados foram analisados e a autora percebeu que as representações que as professoras possuem acerca de alfabetização e letramento são muito semelhantes, estando o letramento muito próximo de uma concepção de processo de apreensão do código da língua, seja na leitura, seja na escrita, semelhante aos que as professoras reconhecem como sendo a própria alfabetização. Com isto verificou-se a necessidade de uma formação continuada para aprofundamento da temática.

Mendes (2017, UNIARA-SP): “Reflexões sobre alfabetização e letramento: ênfase nas publicações da ANPED (2010 a 2015)”, a autora apresenta uma investigação sobre os trabalhos publicados pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em educação (ANPED), no período de 2010 a 2015. A investigação envolveu a análise de 33 trabalhos que discutem o letrar e o alfabetizar nos anos iniciais do ensino fundamental, foco central de nossas reflexões.

Nas pesquisas analisadas sobre avaliação (externa e interna) percebe-se a necessidade de os professores utilizarem instrumentos de avaliação que incentivam a formação dos alunos no processo de aprendizagem do código escrito. Nas pesquisas investigadas sobre os caminhos e propostas para ensinar ler e escrever, a autora entende que professor tem um papel importante no processo de aquisição do código escrito com a perspectiva de contribuir para a aprendizagem do código escrito.

Nas pesquisas investigadas sobre os caminhos e propostas para ensinar ler e escrever, a autora entende que professor tem um papel importante no processo de aquisição do código escrito com a perspectiva de contribuir para a aprendizagem do aluno de forma produtiva e que diante das análises sobre alfabetização e letramento se percebe que há diversas pesquisas que permeiam a concretização dessas práticas no contexto da Educação Básica, em especial, nos anos iniciais do ensino fundamental.

Verificamos que as discussões sobre letramento e alfabetização estão relacionadas a diferentes temáticas e que merecem ser investigadas e refletidas com afinco no processo de formação e atuação dos professores responsáveis pelo ensino do código escrito.

Rossetto (2009, UFRRJ) nesta pesquisa seu objetivo foi compreender as dificuldades e possibilidades no processo de integração da família e a escola. Com este

trabalho buscamos compreender as dificuldades que se estabelecem neste campo e sugere possibilidades de melhorias nesta relação.

Esta pesquisa focou as características institucionais e familiares que interagem na produção da qualidade de ensino e da excelência escolar. Neste sentido buscamos investigar quais os fatores que aproximam ou afastam as famílias da escola e as estratégias que podem facilitar essa aproximação. Para o desenvolvimento da pesquisa foi necessário analisar o perfil das famílias que investem na escolaridade de seus filhos, quanto o acompanhamento mais próximo de sua vida escolar.

Silva (2017, UDS – Paraguai) nesta pesquisa seu objetivo foi estudar as relações da família e a escola, visando compreender representações da comunidade escolar acerca das famílias e dos docentes envolvidos.

Esta pesquisa analisou o estudo da relação entre família e escola. Esta análise perpassou as transformações pelas quais estão passando tanto a instituição família como a instituição escola, sem perder de vista o objetivo comum que é educar criança e melhorar a qualidade do ensino.

A partir da parceria escola e família, estas duas instituições, embora de características distintas com que realizou sua função formativa de crianças e jovens, são complementares e podem atuar de forma integrada, contribuindo assim, para o crescimento institucional, o desenvolvimento humano e a integração da escola com as famílias.

1.5 – Formulação do problema

A sociedade tem passado por profundas mudanças nas últimas décadas, mudanças estas que tem afetado de forma fundamental, a estrutura e o equilíbrio das famílias e da escola.

No interior de nossa própria cultura, sem sair de nossa própria cidade nem de nosso próprio bairro, um belo dia observamos nosso ambiente e nos damos conta de que tudo mudou tanto que mal somos capazes de saber como as coisas funcionam. Sentimo-nos, então, desorientados como se tivéssemos viajado para uma sociedade estranha e distante, mas sem esperança de voltar a recuperar aquele ambiente conhecido no qual sabíamos nos arranjar sem problemas. (ESTEVEES, 2004, p. 24)

A escola também, ainda que de forma mais lenta e compassada, tem procurado se adaptar a essas mudanças, mas o que urge nos nossos dias é a interação entre ambas,

promovendo uma maior eficiência na educação e ensino das crianças. Muitos profissionais e familiares infelizmente não estão atentos às divergências, principalmente no que diz respeito à Alfabetização e Letramento.

Piaget destaca:

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (2007, p.50).

A escola como detentora do conhecimento científico deve fornecer e promover nessa relação, todo seu cabedal de conhecimento de forma que esse esforço leve em consideração os aspectos particulares da situação social e cultural hora vigente, e que influenciam de forma decisiva o equilíbrio familiar.

Marchesi (2004) nos diz que a educação não é uma tarefa que a escola possa realizar sozinha sem a cooperação de outras instituições e, a nosso ver, a família é a instituição que mais perto se encontra da escola. Sendo assim se levarmos em consideração que Família e Escola buscam atingir os mesmos objetivos, devem elas comungar os mesmos ideais para que possam vir a superar dificuldades e conflitos que diariamente angustiam os profissionais da escola e também os próprios alunos e suas famílias.

Este trabalho de pesquisa tem como problema investigar as dificuldades encontradas pelos professores e pelas famílias em compreender e distinguir os conceitos de alfabetização e letramento em uma escola do município de Arcoverde – PE, visto que muitas vezes não sabem agir diante das dificuldades apresentadas pelos educandos.

Diante das situações apresentadas dentro e fora das salas de aula, é preciso entender como os professores, pais, gestores e alunos buscam diferenciar esses conceitos, uma vez que alfabetização trata de o saber ler e escrever, já o letramento é quando se usa a leitura e a escrita para atender as demandas sociais.

A necessidade do desenvolvimento da aprendizagem depende da convivência social, sendo assim o aluno só se torna apreendente quando a informação é clara e objetiva, daí ele passa a exercer o seu protagonismo construindo de maneira satisfatória seu projeto de vida, visando um futuro promissor, onde os conhecimentos adquiridos na escola servirão de suporte fundamental para o desenvolvimento intelectual e profissional

e muitas vezes esses próprios sujeitos conseguem transformar o conceito dos familiares que infelizmente não tiveram a oportunidade de ingressar em um determinado estabelecimento de ensino.

1.6 – Pergunta da Investigação

1.6.1 – Pergunta norteadora

Quais as tensões enfrentadas pelos professores e familiares acerca dos conceitos de alfabetização e letramento no que diz respeito às controvérsias dos mesmos, quando da aplicação destes conceitos no processo de alfabetização em uma escola do município de Arcoverde – PE?

1.6.2 – Perguntas específicas

Quais as tensões que norteiam o trabalho do professor para que haja compreensão nos processos da alfabetização e do letramento?

Como os professores ajudam a família na compreensão da importância da alfabetização e do letramento na fase escolar?

O que a família tem feito para contribuir na alfabetização e letramento dos seus filhos?

Quais as concepções de professores e pais diante aos processos de cooperação no desenvolvimento da escolaridade no que tange os conceitos de alfabetização e letramento?

1.7 – Objetivos

1.7.1 – Geral

Analisar as tensões enfrentadas pelos professores e familiares acerca dos conceitos de alfabetização e letramento no que diz respeito às controvérsias dos mesmos, quando da aplicação destes conceitos no processo de alfabetização em uma escola do município de Arcoverde – PE.

1.7.2 – Específicos

- Compreender as concepções dos os conceitos de Alfabetização e Letramento na concepção dos professores e familiares;
- Identificar as tensões enfrentadas pelos professores e familiares para que haja contribuição nos processos de Alfabetização e Letramento.
- Investigar o que leva as famílias a não colaborarem no processo de Alfabetização e Letramento.

1.8 – Justificativa

Acreditamos que a relação família escola assume um papel na sociedade bastante alargada. É neste sentido que novas políticas sociais e educativas são desenvolvidas constantemente, e nem sempre expressam resultados favoráveis.

A vertente desta relação prende-se com a participação dos pais no contexto escolar reverter sempre para resultados positivos para o educando. No entanto, nunca a sensação de abandono se fez sentir tão intensamente nos campos dos dois intervenientes: de um lado os professores, do outro lado os pais quem a escola exige cada vez mais suas presenças.

Diante disso, percebemos que os professores e as famílias tem dificuldade em compreender o conceito de alfabetização e letramento, pois eles ainda não aprenderam a diferenciar o objetivo de cada um. Por não possuírem esses conhecimentos, produzem várias confusões nos seus discursos, o que acarreta problemas negativos na prática em sala de aula assim como na vivência cotidiana dos filhos.

Esta pesquisa pretende contribuir para uma melhor análise na busca de uma educação de qualidade dentro da escola. O rompimento das dificuldades será algo muito positivo, principalmente para a formação integral do professor e conseqüentemente do aluno no que diz respeito a alfabetização e letramento, visto que não basta apenas codificar e decodificar.

O aluno necessita e deve no decorrer da sua vida acadêmica interpretar, compreender e assimilar o conteúdo ou objeto de conhecimento para que de fato ocorra a concretização do ensino e a aprendizagem da leitura e escrita.

A importância dada ao uso das atividades diariamente que são desenvolvidas tanto individuais quanto coletivas, ocupam um papel de destaque para o professor e também ao aluno que buscam os mesmos ideais, e essas atividades priorizam ações que contribuem de forma expressiva para o processo pedagógico, o qual tornará o aluno sujeito, ativo, pensante e protagonista do seu projeto de vida.

A aprendizagem vai além das quatro paredes que chamamos de escola, é preciso juntar pensamento, afeto, atitude, leitura, escrita e daí resolver as pendências encontradas neste ambiente de ensino, visto que a família tem grande importância no rompimento dessas barreiras e a participação da família só vem a acrescentar no resultado final esperado.

Há algum tempo estamos observando essa relação escola/família na alfabetização e letramento, o que despertou o desejo incessante de aprofundar esta pesquisa, tentando entender o que de fato tem causado tanta tensão no melhor rendimento escolar, visto que essas duas instituições sociais contribuem positivamente para o avanço intelectual do sujeito.

Sendo assim, nosso objetivo na pesquisa é detectar as tensões que atrapalham os processos de alfabetização e letramento, tanto na escola quanto na família e daí buscar alternativas que possam melhorar essa relação.

Capítulo II MARCO TEÓRICO



CAPÍTULO II – MARCO TEÓRICO

2.1 – Alfabetização e Letramento

Alfabetização e letramento são processos diferentes, mas complementares e que devem caminhar juntos.

O conceito de alfabetização, por muito tempo, ficou atrelado à ideia de que para aprender a ler era necessário apenas a capacidade de decodificar os sinais gráficos, transformando-os em sons, e de que para aprender a escrever era necessário apenas desenvolver a capacidade de codificar os sons da fala, transformando-os em sinais gráficos. Para definir alfabetização, devemos levar em conta o fenômeno que origina e refere-se à atividade de relacionar à decifração de um código. Decodificar consiste em aprender a transformar fonemas em grafemas. A especificidade da alfabetização, como definida por José Morais, reside em extrair a pronúncia ou o sentido de uma palavra a partir de sinais gráficos (ou seja, a capacidade de ler) e em codificar graficamente os sons correspondentes a uma palavra (ou seja, a capacidade de escrever). Ferreiro (1999, p. 47) afirma: A alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola é que não termina ao finalizar a escola primária.

A partir da década de 1980, várias hipóteses e teorias mostram que o aprendizado da escrita não se reduziria ao domínio da correspondência entre grafemas e fonemas (a decodificação e a codificação), mas se caracteriza como um processo ativo, por meio do qual, desde os primeiros contatos com a escrita, a criança construiria e reconstruiria hipóteses sobre a natureza e o funcionamento da língua escrita como um sistema de representação.

Segundo Cagliari (1998),

O processo da alfabetização inclui muitos fatores e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, de como uma criança se situa em termos de desenvolvimento emocional, de como vem evoluindo o seu processo e interação social, da natureza da realidade linguística envolvida no momento em que está acontecendo a alfabetização, mais condições terá esse professor de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem, sem os sofrimentos habituais (CAGLIARI, 1998, p. 32).

A incorporação do termo letramento na educação brasileira tem gerado uma série de inquietações entre os professores. Muitos desses apresentam dificuldades no que se

refere ao conceito e à proposta do letramento. Alguns professores acham que o letramento é um método que vem substituir a alfabetização.

O termo letramento é considerado atual no Brasil. Conforme Soares (2009, p.33), esse termo parece ter sido utilizado no país pela primeira vez em meados de 1986 por Mary Kato, no livro “No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística”. E só em 1995 reaparece, desta vez como parte do título “Os significados do letramento”, organizado por Angela Kleiman e em outro exemplar, intitulado “Alfabetização e Letramento” de Leda V. Tfoudi, grandes autoras que abordam essa temática.

Na década de 80 várias discussões sobre altos índices de repetências e analfabetismo viralizava no Brasil. Daí foi necessário encontrar algo que se referisse à condição do que seria a possível causa do analfabetismo. Grande parte da população brasileira vivia esse momento, então foi preciso incorporar uma nova palavra para mudar esse cenário do saber ler e escrever, buscando saberes que pudessem ser compreendidos pela demanda social que necessitavam desse conhecimento.

Segundo Soares (2011), o termo letramento, vem substituir a palavra alfabetização:

O surgimento do termo *literacy* (cujo significado é o mesmo de analfabetismo), nessa época, representou, certamente, uma mudança histórica nas práticas sociais: novas demandas sociais pelo uso da leitura e da escrita exigiram uma nova palavra para designá-las. Ou seja: uma nova realidade social trouxe a necessidade de uma nova palavra. (SOARES, 2011, p.29).

Em relação à etimologia do termo, a palavra letramento é uma tradução do termo inglês *literacy*, que, por sua vez, tem origem do latim *littera*, que se refere à letra. Soares interpreta esta definição da seguinte forma: [...] *literacy* é a condição de ser letrado, dando a palavra ‘letrado’ sentido diferente daquele que vem tendo em português. (2009, p.35).

O conceito de letramento é relativamente recente, surgiu há cerca de 30 anos, entra em cena e permite ampliar a visão de alfabetização, chamando a atenção não apenas para o domínio da prática de ler e escrever (codificar e decodificar), mas também para os usos dessas habilidades em práticas diárias em que ler e escrever é necessário, levando esses conhecimentos adquiridos principalmente para fora do espaço escolar, ou seja, a vida social.

Soares (1998) define letramento como o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita: é o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais

Trata-se, portanto, de um processo que se fundamenta quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações de escrita na sociedade (rótulos, placas, revistas, entre outros) e se propaga por toda a vida, com crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (leitura e redação de cartas, de convites, de avisos, de obras literárias, por exemplo).

Tfouni (2010) explica:

A necessidade de se começar a falar em letramento surgiu, creio eu, da tomada de consciência que se deu, principalmente entre os linguistas, de que havia alguma coisa além da alfabetização, que era mais ampla, e até determinante desta. (2010, p.32)

À medida que a criança cresce ela entende a finalidade da leitura dos diversos textos e vai ampliando suas habilidades e buscando cada dia novas descobertas. As práticas de letramento são um fenômeno existente na realidade, que passou a ser estudado e discutido, tendo sido definido. Silva (1998) nos diz:

Em sociedade, são múltiplos e diversificados os usos da leitura. Lê-se para conhecer. Lê-se para ficar informado. Lê-se para aprimorar a sensibilidade estética. Lê-se para fantasiar e imaginar. Lê-se para resolver problemas. E lê-se também para criticar e, dessa forma, desenvolver posicionamento diante dos fatos e das ideias que circulam através dos textos. (SILVA, 1998, p. 27)

Alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas se completam, apesar de serem distintos. Porém, ambos são indispensáveis quando se leva em consideração a aprendizagem da leitura e da escrita.

Ainda segundo Soares (1998), a entrada da criança no mundo da escrita, ocorre simultaneamente por esses dois processos: “a alfabetização desenvolve-se no contexto de e por meio da aprendizagem das relações fonema/grafema, isto é, em dependência da alfabetização”. Indispensáveis para se garantir a inserção e a participação efetiva nas sociedades letradas, a alfabetização e o letramento são, portanto, processos diferentes, mas complementares e inseparáveis.

Reconhecendo a particularidade de cada um desses processos, é preciso combinar a alfabetização e o letramento, assegurando aos alunos tanto a apropriação dos sistemas de escrita, como o domínio das práticas sociais da leitura e de escrita. Como consequência, o desafio que se coloca é “alfabetizar letrando”, ou seja, permitir que a alfabetização se desenvolva em um ambiente onde a criança conviva com variados aportes de texto ao mesmo tempo em que constrói a base alfabética. Segundo Cagliari (2010):

A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma. (CAGLIARI, 2010, p. 130)

O professor, facilitador dessa prática de alfabetização, não pode ser visto apenas como sendo um aplicador de pacotes educacionais ou um mero constatador do que o aluno faz ou deixa de fazer. Ser facilitador desse processo significa, antes de qualquer coisa, através dos conhecimentos estabelecer ao aprendiz um canal de comunicação entre esses dois pilares.

2.1.1 - Alfabetizar e letrar: uma visão política

Na Conferência Mundial sobre Educação para Todos (1990), a alfabetização fica sendo entendida, como instrumento fundamental para a aprendizagem, criando novos conhecimentos e produzindo de maneira positiva o desenvolvimento e a participação na cultura pessoal e na cultura mundial.

De acordo com Piaget (2007, p.34) assegurar o direito da pessoa humana à educação, é uma pesada responsabilidade que vai além das possibilidades de escrita, leitura e cálculos.

A escrita é comparada a um instrumento e passa a ser vista como capaz de permitir a inserção do aprendiz no mundo da informação, possibilitando o acesso aos conhecimentos histórico e socialmente produzidos e contribuindo na produção de novos conhecimentos.

Para que possamos considerar o aspecto da escrita, devemos perguntar: A escrita é apenas um instrumental tecnológico para acesso a conhecimentos? Para responder a essa questão, podemos considerar o que Soares (2006) discute sobre alfabetização e letramento.

Soares afirma que, para entrar e viver nesse mundo do conhecimento, o aprendiz necessita de dois passaportes: o domínio da tecnologia de escrita (o sistema alfabético e ortográfico) que se alcança por meio do processo de alfabetização, e o domínio de competências de uso dessa tecnologia (saber ler e escrever em diferentes situações e contextos), que se obtém por meio do processo de letramento.

As práticas em sala de aula devem ser orientadas de modo que haja promoção da alfabetização na perspectiva do letramento e, tomando as palavras de Soares (2001), que

se proporcione a construção de habilidades para o exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita.

[...] implica habilidades várias, tais como: capacidade de ler ou escrever para atingir diferentes objetivos – para informar ou informar-se, para interagir com os outros, para imergir no imaginário, no estético, para ampliar conhecimentos, para seduzir ou induzir, para divertir-se, para orientar-se, para apoio à memória, para catarse...: habilidades de interpretar e produzir diferentes tipos e gêneros de textos; habilidades de orientar-se pelos protocolos de leitura que marcam o texto ou de lançar mão desses protocolos, ao escrever: atitudes de inserção efetiva no mundo da escrita, tendo interesse e informações e conhecimentos, escrevendo ou lendo de forma diferenciada, segundo as circunstâncias, os objetivos, o interlocutor [...]. (SOARES, 2001, p. 92)

Considerar diariamente os múltiplos usos e as funções da escrita na sociedade, potencializa as possibilidades de refletir criticamente sobre as relações que são estabelecidas entre as pessoas em nossa sociedade, sabendo que todos esses fatores influem positivamente na construção pessoal.

Ao interpretar e produzir textos escritos em diferentes gêneros, o sujeito consegue se perguntar sobre quem escreve e em que situação escreve; o que se escreve; a quem o texto se dirige e com que intenções; quais os efeitos que o texto procura produzir no leitor, etc. Essas indagações favorecem a compreensão de como as relações sociais são representadas e constituídas por meio da escrita, ou seja, há uma apropriação do que se está sendo trabalhado e executado nos diversos espaços de aprendizagem.

O professor tem de refletir e analisar sobre a ação pedagógica que se processa o trabalho realizado diariamente para desenvolver a alfabetização e o letramento. Conforme observam Castanheira, Marciel e Martins (2009):

Acreditar que é possível alfabetizar letrando é um aspecto a ser refletido, pois não é interessante apenas compreender a alfabetização como a aquisição de uma tecnologia. O ato de ensinar a leitura e a escrita, nada mais é do que possibilitar o domínio de uma tecnologia, criando condições para a inserção do sujeito em práticas sociais de consumo e produção de conhecimento em instâncias sociais e políticas. (CASTANHEIRA, MARCIEL E MARTINS, 2009, p.16).

Diante da complexidade do ato de alfabetizar e letrar, o professor é desafiado a assumir uma postura que envolve o conhecimento e o domínio do que vai ensinar, pois ele tem a missão de verificar diariamente se o aluno está aprendendo e daí ela se torna um grande parceiro, desenvolvendo o hábito de ler e escrever.

2.1.2 – Alfabetização no Brasil

Historicamente, o conceito de alfabetização definia-se como o ensino do sistema alfabético de leitura e escrita e como desenvolvimento das capacidades de decodificar os sinais e codificação dos sons em sinais gráficos. Atualmente esse processo de alfabetização tem o seu sentido ampliado, ou seja, permite dizer que alfabetizar e letrar na perspectiva dos usos sociais da leitura e da escrita facilita a vida do sujeito envolvido, inserindo o mesmo no mundo alfabético letrado.

Há uma certa diferença no processo de alfabetização entre o passado e o presente. No passado o que se esperava com a alfabetização era a pessoa saber ler e escrever, hoje, principalmente no Brasil, com estudos e pesquisas evoluídas, percebeu-se que esse processo vai além da visão antiga. Como aborda Mortatti (2006):

As primeiras cartilhas brasileiras, produzidas no final do século XIX, sobretudo, por professores fluminenses e paulistas a partir de suas experiências didáticas, baseavam-se nos métodos de (marcha sintética de soletração, fônico e de silabação) e circularam em várias províncias por muitas décadas. (MORTATTI, 2006, p. 5).

Considerada como o ensino das habilidades de “codificação” e “decodificação”, a alfabetização foi transportada para a sala de aula, no final do século XIX, a partir da criação de diferentes métodos – métodos sintéticos (silábicos ou fônicos) e métodos analíticos (global) -, que padronizaram a aprendizagem da leitura e da escrita. E conseqüentemente as cartilhas relacionadas a esses métodos e utilizadas para o desenvolvimento da alfabetização, passaram a ser amplamente utilizadas como livro didático para o ensino na área.

Segundo Lourenço Filho (1943), um dos precursores no estudo e publicações no âmbito da Escola Nova, no ano de 1932, dizia que as crianças brasileiras parecem não ter conhecido outros livros senão os escolares, até 1894. Nessa data, uma grande publicação feita pela Livraria Quaresma publicou um livro tendo como título de Contos da Carochinha e o subtítulo “Livros para crianças contendo coleção de contos populares morais e proveitosos, de vários países, traduzidos e recolhidos diretamente da tradição oral por Figueiredo Pimentel”, e inserida como suporte para o desenvolvimento da alfabetização.

Não parecia existir uma literatura brasileira para crianças antes de 1920. Ela só se iniciou, na verdade, com Lobato. Como enfatiza Lourenço Filho (1943, p. 153), “[...] uma

nova época é marcada, com o aparecimento, em 1921, do primeiro livro infantil, original de Monteiro Lobato, Narizinho arrebitado. Logo seguidos de numerosos trabalhos originais, de tradução e de adaptações, pelo mesmo escritor”.

Por volta dos anos 70 e início dos anos 80, a forma de ensinar a Língua Materna sofre uma mudança, ignorando o ensino da gramática. A maioria dos livros didáticos apresentavam questões referentes à Comunicação (oralidade) e Expressão.

Segundo Cagliari (2007), a alfabetização começou no momento em que o sistema de escrita foi inventado. Com isso, a escrita tornou-se a porta de entrada para trabalhar a decifração, onde o principal segredo da alfabetização era: saber como se lê e como se escreve.

O livro didático/cartilha fomentou um grande retrocesso na educação, condicionando o aprendizado, com fases pré-determinadas a serem alcançadas, focando inicialmente as letras, depois as sílabas e por último pequenas frases.

A partir daí surge então no mercado e nos meios educacionais teorias e métodos voltados ao processo de alfabetização, trazendo uma disputa, uma corrida contra o tempo. Dessa forma, surgiram: os métodos analíticos, sintético, global, figurativo, lúdico, fônico, silábico e a teoria construtivista.

2.1.3 – Alfabetizar letrando segundo a Base Nacional Curricular Comum (BNCC)

A língua considerada como um processo de interação entre seus usuários, na sala de aula, não pode ser vista como um código pronto, acabado e fechado em si mesmo. As práticas de ensino/aprendizagem não devem se restringir a atividades de repetição, de memorização e de regras. Para Bakhtin (1986),

A verdadeira substância da linguagem não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas, nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada pela enunciação ou pelas enunciações. A interação constitui, assim, a realidade fundamental da linguagem. (BAKHTIN, 1986, p. 123)

Essa língua precisa ser compreendida dentro de um sistema em funcionamento, cujo objetivo é proporcionar situações de ensino que promovam às crianças atividades de desafios, levando-as a refletirem sobre o funcionamento desse sistema, de modo a compreendê-lo e usá-lo nas práticas de linguagem onde ele, atue através da linguagem no contexto social.

Durante séculos, a linguagem foi considerada um instrumento passivo de comunicação, que permitia ao ser humano apenas descrever o que percebia, sentia ou pensava. Hoje se reconhece que, ao falar, o indivíduo não só descreve o que observa, mas atua no mundo e faz com que certas coisas aconteçam. Por meio da linguagem, ele também pode modificar suas relações com os demais e desenvolver sua própria identidade. (KOCH, 2003, p. 123).

Partindo dessa ótica, o foco de ensino da alfabetização precisa estar centrado em atividades que deem conta dessas práticas de linguagem, ou seja, na formação de um usuário da língua que começa a perceber como esse sistema funciona; na formação do leitor e produtor de textos escritos e orais, mesmo que ainda não tenha a autonomia da leitura e escrita formais, tendo o professor inicialmente como leitor e escriba; e na formação dos falantes e produtores de textos que usam a língua de forma adequada em vários contextos interacionais. Para Koch (2003),

É preciso pensar a linguagem humana como lugar de interação, de constituição das identidades, de representação de papéis, de negociação de sentidos, por palavras, é preciso encarar a linguagem não apenas como representação do mundo e do pensamento ou como instrumento de comunicação, mas sim, acima de tudo, como forma de interação social. (KOCH, 2003, p. 128)

Conforme orienta a BNCC no ensino fundamental – anos iniciais, os componentes curriculares precisam tematizar diversas práticas, considerando especialmente aquelas relativas às culturas infantis tradicionais e contemporâneas. Nesse conjunto de práticas, nos dois primeiros anos dessa fase, o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica.

Afinal, aprender a ler e escrever oferece aos estudantes algo novo e surpreendente: amplia suas possibilidades de construir conhecimentos nos diferentes componentes, por sua inserção na cultura letrada, e de participar com maior autonomia e protagonismo na vida social. (BRASIL, 2017, p.65.).

Para garantir a inserção da criança nessa cultura letrada, é fundamental que o processo de alfabetização aconteça tendo como ponto de partida os gêneros pertencentes aos campos de atuação da sua vida cotidiana e de práticas efetivas de linguagem presentes, inicialmente, nos campos artístico-literário e da vida cotidiana que fazem parte do seu dia a dia.

Essa inserção pressupõe a prática de alfabetizar e letrar, tornando o processo de aquisição do sistema alfabético de escrita uma aprendizagem significativa, até porque

frases, palavras, sílabas, não existem fora dos textos com os quais a criança interage diariamente.

Para melhor entender a relevância da prática de alfabetizar letrando, partiu-se da ideia deferida por Soares (2008) de que alfabetizar significa orientar a criança para o domínio da tecnologia escrita. Enquanto letrar, para a autora, significa levar ao exercício das práticas sociais de leitura e escrita. Uma criança alfabetizada é uma criança que sabe ler e escrever.

Para a autora, uma criança letrada é uma criança que tem as habilidades e até mesmo o prazer da leitura e da escrita de diferentes gêneros de textos, em diferentes suportes/portadores, em diferentes contextos e circunstâncias. Logo, alfabetizar letrando significa orientar a criança para que aprenda a ler e a escrever, levando-a a conviver com práticas reais de leitura e de escrita.

Portanto, esse documento assume a ideia de alfabetizar e letrar, simultaneamente, tendo em vista que ensinar a ler e escrever não é sinônimo de decodificar e codificar apenas, porque a escrita alfabética não é um código, mas um sistema notacional em funcionamento.

Qualquer aprendiz de uma escrita alfabética, criança ou adulto, para aprender as convenções desse sistema (aí incluídas as relações letra-som), precisará dar conta de uma tarefa conceitual: compreender como o sistema funciona. Isso pressupõe desvendar dois enigmas básicos: descobrir o que a escrita nota ou “representa” e descobrir como a escrita cria essas notações ou “representações”. (FERREIRO, 2003)

Nesse contexto, as crianças em processo de alfabetização precisam saber notar, escrever, bem como saber o que essa notação/escrita representa – partindo das práticas de linguagem que desenvolvem. Saber apenas codificar e decodificar palavras, frases ou textos não dá conta da inserção nessas práticas.

É necessário conhecer a diversidade de textos que percorrem a sociedade, suas funções, intencionalidades, especificidades e as ações necessárias para interpretá-los e produzi-los. Logo, ao assumir em sala de aula a perspectiva de alfabetizar letrando, o professor promove o acesso à vivência de práticas de uso da leitura e da escrita, ajudando o estudante a, ativamente, reconstruir essa invenção social que é a escrita alfabética.

Conforme já salientado, a orientação estabelecida na BNCC é que a sistematização da alfabetização aconteça nos dois primeiros anos de escolaridade. Ou seja, que, ao final do segundo ano, as crianças estejam com a consciência fonológica desenvolvida, sendo

capazes de estabelecer a relação letra/som de forma convencional – ainda com ortografia não totalmente adequada às normas estabelecidas -, e inseridas no mundo letrado dos campos de atuação e dos gêneros adequados ao seu nível de escolaridade e a práticas de linguagem de seu cotidiano.

2.1.4 - Alfabetização e letramento dentro do processo ensino-aprendizagem

O trabalho pedagógico se reflete na organização da sala de aula, ou seja, no processo de ensino e de aprendizagem. Para a organização das rotinas é necessário considerar e articular a real função dos objetivos da alfabetização, da opção conceitual e da definição das ações, procedimentos e técnicas para atingir todos os objetivos e não apenas estabelecer “um conjunto de prescrições geradoras de uma prática rotineira” (SOARES, 2003, p. 95).

Com isso, surge a pergunta: como organizar propostas que contribuam para a efetivação do ensino e para compreensão da alfabetização na perspectiva do letramento?

A sala de aula de alfabetização deve ter o duplo objetivo: um primeiro consiste em ajudar a criança por meio da reflexão “sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e finalidades” (SOARES, 2003, p. 70) e um segundo, implica em ajudá-la a se apropriar do sistema de escrita, para que tenha autonomia para interagir por meio da escrita. No entanto, é preciso atentar que:

[...] sem proposições metodológicas claras, estamos correndo o risco de ampliar o fracasso escolar, ou porque rejeitamos os tradicionais métodos [...] ou porque não saberemos resolver o conflito entre uma concepção construtivista da alfabetização e a ortodoxia da escola ou [...] porque podemos incorrer no espontaneísmo.” (SOARES, 2003, p. 96).

Organizar o tempo pedagógico garante a execução de cada eixo de ensino a ser contemplado, levando o professor a refletir sobre o que ensina? Por que ensina? E que tempo precisa para ensinar o que ensina? Através do planejamento, podemos refletir sobre as nossas decisões, considerando as habilidades, possibilidades e conhecimentos prévios dos alunos.

Para Menegola e Sant’Anna (2001, p. 25):

Planejar o processo educativo é planejar o indefinido, porque educação não é o processo, cujos resultados podem ser totalmente pré-definidos, determinados ou pré-escolhidos, como se fossem produtos de correntes de uma ação puramente mecânica e impensável. Devemos, pois, planejar a ação educativa para o homem não impondo-lhe diretrizes que o

alheiem. Permitindo, com isso, que a educação, ajude o homem a ser criador de sua história.

Na organização das rotinas, podemos garantir uma melhor condução da aula, prevendo as possíveis dificuldades dos alunos, organizando o tempo de execução do que foi previsto de forma sistemática, flexibilizando as estratégias utilizadas para o desenvolvimento de ensino e avaliando os resultados obtidos através do que foi assimilado. A vivência efetiva de rotinas na alfabetização contribui tanto para a prática de ensino como para o processo de aprendizagem da criança, mostrando os resultados alcançados.

Um importante elemento a ser considerado na elaboração de rotinas é a diversificação do ensino, as formas de intervir e os tipos de atividades de rotina, adaptando-os de acordo com o desenvolvimento de cada criança e da turma, na realização das tarefas propostas que busquem atingir os objetivos esperados.

Os direitos de aprendizagem de cada criança, nas variadas etapas da escolarização e na execução do eixo do ensino, consistem em uma boa ação. O que garante os alunos serem estimulados a desenvolver suas habilidades em situações diversificadas, planejadas e sistemáticas diariamente.

No planejamento das rotinas é importante estabelecer acordos com base em planejamento e com objetivos partilhados considerando a organização espacial e temporal para as tarefas pedagógicas.

Com base no que diz os PCNS sobre o nível de projeto educativo:

O projeto educativo precisa ter dimensão de presente, a criança, o adolescente, o jovem vive momentos muito especiais de suas vidas; vivenciam tempos específicos da vida humana e não apenas tempos de espera ou de preparação para a vida adulta. Daí a importância de a equipe escolar procurar conhecer, tão profundamente quanto possível, quem são seus alunos, como vivem, o que pensam, sentem e fazem. Quando os alunos percebem que a escola atenta às suas necessidades, os seus problemas, as suas preocupações, desenvolvem autoconfiança e confiança nos outros, ampliando as possibilidades de um melhor desempenho escolar; isso vale também para os adultos que trabalham na escola ou que estão de alguma forma, envolvidos com ela: professores, funcionários, diretores e pais. (BRASIL, 1997, p. 87)

Com isso, o aluno é incluído no processo de planejamento para gerenciar seu tempo e atividades, e ganha consciência sobre o que irá ser trabalhado, avaliado e o que precisa ser retomado, tornado o momento significativo.

Além de diversificar as atividades, é preciso também diversificar seus modos de organização por meio de situações didáticas em grande grupo, pequenos grupos, duplas e de forma individual.

Segundo Leal (2005): A organização dos alunos em sala de aula não pode ser decidida apenas com base nos conhecimentos que eles possuem [...]. Para organizarmos os alunos, precisamos ter em mente o que queremos naquele momento da aula (LEAL, 2005, p. 107).

Algumas maneiras de organização do trabalho pedagógico têm sido mais comuns e mostrado resultados positivos nos dias atuais entre elas podem destacar: sequência didática, projeto didático, atividades permanentes e jogos.

As sequências didáticas planejadas de forma sequenciada garantem ao aluno um bom direcionamento, interferindo através da realização um grande alicerce para a construção do conhecimento e a desejo de realizar atividades seguintes.

Outra maneira atrativa de organizar as atividades são os projetos didáticos, onde o professor e os alunos se comprometem com um propósito e com um produto final: em um projeto, as ações propostas, ao longo do tempo, têm relação entre si e fazem sentido em função do produto que se deseja alcançar (produção de um livro; jornal escolar; organização de uma Feira Literária, construção de mural...). O projeto didático, geralmente, pressupõe um problema a ser resolvido, produto a ser produzido pelos alunos e um acompanhamento coletivo de todo o processo (LEAL, 2005).

E também temos as atividades permanentes que acontecem ao longo de um determinado período de tempo na rotina (semana, mês, ano) e são importantes para o desenvolvimento de conceitos, procedimentos e atitudes. Muitas vezes essas já são propostas no plano de ensino fixo daquela determina turma.

A rotina é uma categoria pedagógica cujo desafio é o desenvolvimento do trabalho cotidiano nas instituições de Educação Infantil e Fundamental, sua organização e atendimento à criança, exercendo a função de organizar o trabalho do educador, exigindo ser um momento único, mágico e de desenvolvimento pleno. Para Gonçalves (2015), rotina é:

a estrutura básica, da espinha dorsal das atividades do dia. A rotina diária é o desenvolvimento prático do planejamento. É também a sequência de diferentes atividades que acontecem no dia-a-dia da creche e é esta sequência que vai possibilitar que a criança se oriente na relação tempo- espaço e se desenvolva. Uma rotina adequada é um instrumento

construtivo para a criança, pois permite que ela estruture sua independência e autonomia, além de estimular a sua socialização. (GONÇALVES, 2015, p. 01)

Essas atividades, quando adotadas em uma rotina pedagógica, podem exercer um papel importantíssimo por possibilitar que as crianças tenham acesso, de forma regular, a atividades que envolvem o alfabetizar letrando. Em relação às atividades permanentes, a roda de leitura pode fazer parte da rotina como uma atividade que busca incentivar nas crianças o prazer pela leitura.

Ainda em relação às formas de organização do trabalho pedagógico, os jogos se configuram como atividades lúdicas desenvolvidas como recurso em várias modalidades da atividade pedagógica atrelado à mediação do docente. Atividades que envolvem o brincar com a língua, tais como o jogo da forca, adedonha, palavras cruzadas, dentre outros, já são desenvolvidas pelas crianças mesmo antes da escola.

Os resultados das práticas de rotina dependem da organização dos diferentes tipos de atividades e das aprendizagens esperadas para a turma e devem ser distribuídas de forma equilibrada e progressiva na rotina semanal, bem como estas devem contemplar ações como reflexão, sistematização e consolidação dos direitos de aprendizagem; além de diversas formas de agrupamento dos alunos, diariamente e ao longo da semana.

Isto é, variando as formas de gestão em sala de aula, estaremos conciliando a aprendizagem do (SEA) Sistema de Escrita Alfabética e o desenvolvimento de estratégias de compreensão e produção de textos orais e escritos, sem negligenciarmos nenhuma dessas dimensões da organização inicial, integrando-as ao trabalho focado em saberes relativos a diferentes áreas do conhecimento.

2.2 – Currículo e Alfabetização

A real função da escola se amplia à medida que o direito à educação dissemina. É preciso diariamente considerar as individualidades e subjetividades, na perspectiva da formação de indivíduos comprometidos com a ética, a justiça, a solidariedade e a paz. Porém, considerar essas aprendizagens relativas atreladas aos valores éticos não implica desconsiderar os conteúdos escolares.

No documento “Indagações sobre o currículo”, Moreira e Candau (2007) apontam a necessidade atual de recuperar o direito do estudante ao conhecimento. Recupera, portanto, os vínculos entre cultura, currículo e aprendizagem. Para Silva (1999):

O currículo é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: no currículo se forja a identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade. (SILVA, 1999, p. 193)

Ao entendermos a educação como um direito, somos convidados a pensar e refletir sobre a inclusão do currículo, como algo norteador nas práticas escolares. Significa considerar a necessidade de que todos os estudantes tenham acesso ao conhecimento e avancem nas suas aprendizagens, respeitando assim as particularidades. Segunda Veiga-Neto (2001):

É por isso que o currículo – entendido como um artefato que ao mesmo tempo traz, para a escola, elementos que existem no mundo e cria, na escola, sentidos para o mundo – passa a ser visto como ocupando uma posição central nos processos de identidade social, de representação, de regulação moral. (VEIGA-NETO, 2001, p. 101)

Com isso, é primordial considerar dos direitos de aprendizagem como um compromisso social, de modo a garantir que até o 3º ano do Ensino Fundamental todos estejam alfabetizados, seja por meio de programas específicos ou pelo manuseio e articulação do próprio currículo vigente.

O currículo é uma prática na qual se estabelece diálogo, por assim dizer, entre agentes sociais, técnicos, alunos que reagem frente a ele, professores que o modelam.

O entendimento sobre currículo escolar adquire um novo sentido quando reconhecemos à atitude centralmente produtiva do currículo. Assim, o currículo é percebido como algo que se movimenta e ao se movimentar muda de “cara”. Estas mudanças produzem novos efeitos. Estes efeitos ajudam a construir os alunos e alunas e esta construção se aplica nos diferentes convívios dos diferentes grupos sociais. Estas convivências também terão efeitos sobre outros currículos que terão efeitos sobre outras pessoas. Ou seja: Nós fazemos o currículo e o currículo nos faz. (SILVA, 1999, p.194).

É importante ressaltar que a educação inclusiva a que estamos nos referindo é a que dentro da escola justa possibilita à aprendizagem da criança, não só da leitura e da escrita de palavras isoladas, mas da leitura e produção de textos, cumprindo a real função da alfabetização dentro da sua dimensão política e pedagógica, igualando e oportunizando o acesso a diversidade dentro do processo de aprendizagem e respeitando a heterogeneidade dos anos (turmas) em vigência dentro dos estabelecimentos de ensino.

A configuração do currículo no ciclo da alfabetização tem como ponto forte um produto histórico-cultural, norteando as práticas de ensino da leitura e da escrita, refletindo as relações pedagógicas da organização escolar.

Não se conformando como elemento neutro, constitui-se como um instrumento de confronto de saberes, ou seja, como um conjunto de experiências, conteúdos, disciplinas, vivências e atividades na escola que visam à construção de identidades e subjetividades, sem desconsiderar o “currículo oculto” no ambiente escolar. Segundo Marinho (2008, p. 2),

As prescrições governamentais sobre currículo representam, [...], importante acervo a ser levado em conta quando se procura entender as tendências que têm predominado no conteúdo veiculado pela escola. De algum modo, essas prescrições procuram responder às demandas feitas à escola por parte da sociedade em face às transformações sociais, culturais e econômicas pelas quais estas tem passado. Além de veicularem certos valores compartilhados, as orientações curriculares constituem também instrumentos legitimadores de saberes e atitudes capazes de referendar interesses de grupos e segmentos que disputam a hegemonia na área.

A escrita é um produto cultura adquirido principalmente na escola e o ato de ler e escrever são patrimônios culturais que devem ser ofertados a todos. Historicamente a escola transformou a escrita em objeto social/cultural, possuindo uma existência social, em objeto único e exclusivo da escola, ocultando, muitas vezes, suas funções extraescolares.

A criança encontra e se depara com a escrita por toda parte e de várias formas, permitindo a construção do conhecimento desde o seu nascimento. O currículo no ciclo de alfabetização é, portanto, uma proposta de reorganização temporal e espacial do ensino, que se traduz em uma nova forma de conceber os percursos de aprendizagem das crianças. De acordo com o parecer CEED (Conselho Estadual de Educação) nº 323/99 (p.2), a LDB, no seu artigo 26 determina que: Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia [...]

A ampliação do período de alfabetização para três anos, sem retenção, se justifica pela possibilidade de o ensino propiciar a produção/apropriação da escrita e da leitura baseado nos princípios da continuidade e do aprofundamento, onde o aluno tem um

tempo maior para adquirir suas habilidades durante toda aquela permanência nas turmas que focam a alfabetização.

De acordo com esse contexto a construção/apropriação do conhecimento pelos estudantes varia em uma progressão durante o período. Contudo, não implica deixar de garantir os direitos da aprendizagem necessários. As crianças em fase de alfabetização são agrupadas em ciclos que criam mecanismos para atender, em determinado momento as necessidades intelectuais e permitir o domínio dos conhecimentos esperados, sem interromper as trajetórias da escolarização.

Na elaboração da proposta curricular do ciclo da alfabetização, é a tomada de decisões básicas relacionadas à “o que”, “para que” e ao “como” ensinar articuladas ao “para quem”, atreladas ao conteúdo, às experiências, aos planos de ensino, aos objetivos, aos procedimentos e processos avaliativos, tem desenvolvido uma boa convivência entre os sujeitos envolvidos.

De acordo com Veiga (2006), essas decisões estão relacionadas à relevância do conteúdo (devemos saber que ele não é neutro, e sim marcado pelo interesse das diferentes classes sociais). Intencionalidade (é necessário definir a intencionalidade para alcançar a finalidade em função dos objetivos). Tipo de conteúdo, pois esse deve ser significativo e crítico (é preciso privilegiar a qualidade desses conteúdos, e não a quantidade de informações, e ainda, a seleção desse conteúdo deve estar relacionada com a realidade social dos alunos).

Na perspectiva da organização curricular, a escola precisa está preparada para ampliar as inúmeras possibilidades dos estudantes, permitindo o acesso a diferentes saberes. Os conhecimentos construídos e circulantes nos diferentes espaços sociais constituem-se como direito de todos à formação e ao desenvolvimento humano, focando a vida fora da escola, ou seja, preparando o aluno para vida e tornando-o conhecedor das suas particularidades.

O desenvolvimento do ensino é muito importante para a fragmentação entre os conhecimentos oriundos de diferentes áreas do conhecimento ainda tão presente em muitas práticas de ensino. Planejar o ensino sabendo que os conhecimentos podem ser tratados de modo articulado e podem ser retomados e aprofundados de um ano para o outro é um passo necessário quando se assume uma perspectiva interdisciplinar.

Portanto, um conteúdo pode ser inserido nos três anos do ensino fundamental com objetivos semelhantes e em diferentes níveis de aprofundamento, o que permite uma

melhor análise da forma que o aluno está aprendendo. Nesse sentido, devemos procurar estabelecer relações em uma perspectiva de ensino e aprendizagem em espiral, ou seja, as temáticas abordadas podem ser retomadas e ampliadas ao longo dos anos de escolarização.

O ciclo de alfabetização como uma etapa escolar de três anos, favorece o desenvolvimento e a execução de estratégias onde os conhecimentos são gradativamente apropriados, por meio de retomadas e aprofundamentos contínuos, garantindo assim, um trabalho dinâmico e proveitoso.

2.2.1 - As competências da alfabetização

O conceito de competência não é novo. Ele começou a ser discutido mais amplamente na área pedagógica a partir da década de 1990, destinando-se ao ensino de crianças nas séries iniciais. Com o passar do tempo, o conceito de competência ganhou tamanha amplitude que acabou incorporado pelo meio empresarial e industrial.

Perrenoud (2000) reflete que competência seria a capacidade do indivíduo agir eficazmente em um determinado tipo de situação, mediante a mobilização de diversos recursos cognitivos. Segundo o autor as dez competências por ele contempladas estabelece todas as relações em uma sala de aula, englobando um olhar atento ao educador.

Para Gardner (2006), recebe outra denominação, seria inteligência ou talento, pois acredita que a inteligência é um potencial biológico que o indivíduo expressa quando consegue resolver problemas, criar projetos e desenvolver ações úteis à sua vida social.

A competência central da alfabetização é a decodificação, para ela concorrem todas as demais. As competências denominadas fundamentos requisitos devem anteceder o processo de decodificação. Quanto mais o aluno dominar, mais eficiente será seu processo de alfabetização.

Nada impede, no entanto, que ele continue aprendendo e reforçando essas competências durante o processo de alfabetização. Sabemos, por exemplo, que a leitura e a escrita – ainda que primitivas – reforça a consciência fonêmica. Mas isso não significa que se deva desenvolver a consciência fonêmica única ou principalmente de forma indireta, por meio de atividades de leitura e escrita. As competências não são neutras, todas contribuem para a melhoria do conhecimento do aluno. Segundo Perrenoud: Essa

representação não é neutra e não pretende dar conta das competências do professor médio de hoje. Ela descreve, antes, um futuro possível e, a meu ver, desejável da profissão. (2000, p. 12).

Por outro lado, as competências chamadas de desenvolvimento, como o vocabulário e a compreensão, também estão presentes antes do processo de alfabetização, referimo-nos à habilidade de aprender vocabulário e compreender textos a partir de sua leitura – e não independentemente dela – como a compreensão oral, por exemplo. Nesse sentido é preciso saber ler para depois compreender.

Perrenoud (2000) acrescenta que a pedagogia deve ser diferenciada e vai mais além quando coloca essa mesma pedagogia como responsabilidade ativa dos discentes e pais. Se quisermos uma democratização de ensino devemos defender uma pedagogia ativa, diferenciada que considere a alteridade, e não uniformize os instrumentos de ensino considerando as diferenças.

Por outro lado, quanto mais vocabulário o aluno tem, mais rapidamente ele associa uma palavra ao seu sentido, o que contribui para melhorar a fluência e a compreensão de leitura.

No Brasil, a maioria dos alunos não aprende essas competências, chamadas de pré-requisitos, em casa ou na escola. Portanto, o programa de ensino deve ser flexível para permitir que o aluno adquira essas competências antes de iniciar o processo de alfabetização.

Segundo Hoffmann (2001) a organização e planejamento das atividades diárias proporcionam ao professor a reflexão de suas ações e metodologias, analisando os resultados de seu projeto.

De acordo com Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998, p. 196) cabe: “[...] ao professor planejar uma sequência de atividades que possibilite uma aprendizagem significativa para as crianças, nas quais elas possam reconhecer os limites de seus conhecimentos, ampliá-los e/ou reformulá-los.”

Quando isso não ocorre, e dadas outras deficiências de vocabulário e compreensão, o aluno de classes socioeconômicas menos favorecidas já começa sua escolarização com grande desvantagem.

Ignorar as competências que condicionam ou compõem o processo de alfabetização e sua inter-relação, achar que alfabetização é natural e que decorre da mera

exposição do aluno a textos, maximizar os usos sociais da linguagem se dar ao aluno as ferramentas para lidar com a linguagem e condená-la ao fracasso.

2.2.2 – Materiais didáticos no ciclo da alfabetização

O planejamento do ensino é uma das responsabilidades do professor, mas é mais que uma obrigação, é uma maneira de garantir a sua autonomia como profissional. Segundo Freire (1996, p. 43), a prática não planejada “produz um saber ingênuo, um saber de experiência [...] (na qual) falta rigorosidade metódica que caracteriza a curiosidade epistemológica do sujeito” (1996, p. 43).

É na ausência de um planejamento realizado pelo próprio docente que são impostos modos de agir padronizados e não reflexivos, que muitas vezes são contrários às concepções dos próprios professores. O planejamento, na realidade, é uma ação autoformativa, que propicia a articulação entre o que sabemos, o que fizemos e o que vamos fazer.

Segundo Gómez (1995, p. 10), o planejarmos, aprendemos a “construir e comparar novas estratégias de ação, novas fórmulas de pesquisa, novas teorias e categorias de compreensão, novos modos de enfrentar e definir problema”.

Uma das tarefas do professor quando planeja sua ação didática é escolher os recursos a serem utilizados. Leal e Rodrigues, ao discutirem sobre o uso de recursos didáticos alertam que,

[...] no bojo da ação de planejar, como já dissemos, está a ação de selecionar os recursos didáticos adequados ao que queremos ensinar. Igualmente, é preciso refletir para escolher tais recursos. De igual modo, é necessário ter clareza sobre as finalidades do ensino, as finalidades da escola e atentar que, nessa instituição, além dos conceitos e teorias, estamos influenciando a construção de identidades, de subjetividades. Assim, na escolha dos recursos didáticos, tais questões precisam ser consideradas. (LEAL e RODRIGUES, 2011, p. 96-97)

Ao situarmos nosso debate nos direitos de aprendizagem e nos princípios didáticos discutidos, consideramos que alguns tipos de recursos didáticos são essenciais no ciclo de alfabetização.

1 livros que aproximem as crianças do universo literário, ajudando-as a se constituírem como leitoras, a terem prazer e interesse pelos textos, a desenvolverem estratégias de leitura e a ampliarem seus universos culturais, tais como os livros literários de contos, poemas, fabulas, dentre outros;

2 livros que ampliem o contato com diferentes gêneros e espaços sociais, considerando as diferentes finalidades de leitura, tais como os livros de reflexão sobre o mundo da ciência, as biografias, os dicionários, os livros de receitas, dentre outros.

3 livros que estimulem a brincadeira com as palavras e promovam os conhecimentos sobre o Sistema de Escrita Alfabética;

4 revistas e jornais variados que promovam a diversão e o acesso a informações, tais como os jornais, com destaque aos suplementos infantis, as revistas infantis e os gibis;

5 os livros didáticos, que agrupam textos e atividades variadas;

6 materiais que estimulem a reflexão sobre palavras, com o propósito de ensinar o sistema alfabético e as convenções ortográficas, tais como jogos de alfabetização, abecedários, pares de fichas de palavras e figuras, envelopes com figuras e letras que compõem as palavras representadas pelas figuras e coleções de atividades de reflexão sobre o funcionamento do sistema de escrita;

7 os materiais que circulam nas ruas, estabelecimentos comerciais e residências, com objetivos informativos, publicitários, dentre outros, como os panfletos, cartazes educativos e embalagens;

8 os materiais cotidianos com os quais nos organizamos no tempo e no espaço, como calendários, folhinhas, relógios, agendas, quadros de horários de todos os tipos, catálogos de endereços e telefones, mapas, itinerários de transportes públicos etc.

9 os registros materiais a respeito da vida da criança e dos membros de seus grupos de convívio: registro de nascimento/batismo ou casamento (dos pais e/ou dos parentes), boletim escolar, cartões de saúde/vacinação, fotografias (isoladas e em álbuns), cartas ou e-mails, contas domésticas, carnes, talões de cheque, cartões de crédito etc.

10 recursos disponíveis na sociedade que inserem as crianças em ambientes virtuais e que promovem o contato com outras linguagens, tais como a televisão, o rádio, o computador, dentre outros.

Muitos desses materiais são disponibilizados pelo Ministério da Educação e pelas secretarias de educação. Outros são selecionados ou produzidos pelos professores.

Sem dúvida, jamais teremos nas escolas todos os tipos de materiais possíveis para promover o ensino no ciclo de alfabetização, mas alguns desses materiais são extremamente importantes.

2.3 – Leitura e escrita

Ler é atribuir o significado de um texto e interpretar o objeto do mesmo. Escrever é produzir ideias interagindo com função e significados apresentados e definidos. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais,

Um leitor competente só pode constituir-se mediante uma prática constante de leitura de textos de fato, a partir de um trabalho que deve ser organizado em torno de diversidade de textos que circulem socialmente. Esse trabalho pode envolver todos os alunos, inclusive aqueles que ainda não sabem ler convencionalmente. (PCN – LP, 1997, p. 54).

Conhecer letras é o mesmo que definir códigos. E isso não é apenas saber ler, a leitura vai além, embora esses conhecimentos são necessários. Repetir informações reproduzindo as famílias silábicas não é saber ler, para a leitura se concretizar é preciso ser capaz de dizer o significado do texto em estudo.

Reconhecer a mensagem que o texto passa é de grande importância, pois assim o aluno consegue interpretar os significados, sem ter conhecimento do código e da norma geradora da escrita.

Ao ter contato com um gênero textual, o aluno precisa compreender questionamentos tais como: O que está escrito? Para que serve? De que fala o texto? Entre outros. Enfim, ela vai distinguindo e conhecendo os demais significados sendo assim capaz de interpretar o que está escrito. A leitura muitas vezes não depende das regras de combinação ortográfica.

A leitura já começa antes mesmo da escola, a criança vai fazendo suas próprias descobertas sobre a escrita e como usá-la. E essas descobertas são incorporadas na parte cognitiva não de forma espontânea e nem natural, mas sim dependendo de um conjunto de informações que são provenientes de amigos, familiares, colegas, professores, enfim de inúmeras situações que levam a utilização destes recursos.

Quando o aluno tem muito contato com textos, seu repertório sociocultural é estimulado e ele se torna um ser capaz de ler, interpretar e conseqüentemente construirá rapidamente uma base para conceituar leitura e escrita.

Todo esse processo tem um tempo para se concretizar, porém é preciso estímulo, principalmente nos espaços de interação e construção do conhecimento.

Sabemos que a escola tem a função de ensinar a criança a ler e escrever, visando cada vez mais torná-la uma cidadã letrada. Toda leitura traz em seu contexto um objeto,

seja para compreender regras de um jogo, para demonstrar um sentimento ou até mesmo para saber os últimos acontecimentos em tempo real do mundo. Segundo Cagliari:

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É mais importante saber ler do que saber escrever. Se um aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas se for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte sua tarefa. Se, porém, outro tiver notas excelentes em tudo, mas não se tornar um bom leitor, sua formação será profundamente defeituosa e ele terá menos chances no futuro do que aquele que, apesar das reprovações, se tornou um bom leitor. A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escrita. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma. (CAGLIARI, 1998).

Ao entrarmos em contato com a leitura, utilizamos um emaranhado de estratégias que facilita e agiliza a rapidez com a própria leitura e é importante promover situações que a criança tenha contato com recursos que possibilitem o desenvolvimento da mesma.

2.3.1 – A aprendizagem da escrita

Escrever envolve além de um trabalho cognitivo uma prática motora. Seja ao traçar letras em um papel ou até mesmo teclando em um computador. É justamente com a ajuda da família ou na escola que se utiliza alguns materiais que permitem a apropriação da escrita, entre eles podemos destacar: caneta, lápis, borracha, teclado de computador, giz, entre outros, o que leva a melhor compreensão do que é de fato escrever.

A escrita alfabética não é um código que simplesmente transpõe graficamente as unidades sonoras mínimas da fala (os fonemas), mas sim, um sistema de representação escrita (notação) dos segmentos sonoros da fala. (FERREIRO, 1995; MORAIS, 2005).

Sabemos que a escrita não é apenas memorizar os sinais gráficos, vai muito além. Se apropriar desse processo é registrar, no papel ou em outros suportes textuais, as particularidades orais das palavras. O reconhecimento dos fonemas de uma língua não é o suficiente para se dizer que alguém conseguiu ler e escrever.

Com isso, reconhece que na escrita é preciso ter a aquisição de um determinado código que simplesmente substitui as unidades mínimas da fala. Segundo Ferreiro (1995, p 15) embora se saiba falar adequadamente, e se façam todas as discriminações

perceptivas aparentemente necessárias, isso não resolve o problema: compreender a natureza desse sistema.

Em resumo, para se apropriar da leitura e escrita é necessário compreender: O que a escrita alfabética representa? Quais são os segmentos sonoros da palavra? De que maneira a escrita é representada?

As pessoas evoluem na escrita de acordo com as competências que lhes são ensinadas, o que depende muitas vezes do ensino, prática e contato com a leitura, sendo a mesma frequente em sua vida.

À medida que a aprendizagem acontece, algumas características são predominantes, entre elas destacamos: a tentativa de escrever, mesmo com garatujas ou rabiscos; em seguida, a transformação do som em letras, tornando melhor o seu significado e respeitando de fato o código ortográfico.

E todo esse processo não acontece por acaso ou naturalmente, ele se concretiza de acordo com as maneiras que são disponibilizadas para aprender. Para Ferreiro (1995)

Temos uma imagem empobrecida da criança que aprende: a reduzimos a um par de olhos, um par de ouvidos, uma mão que pega um instrumento para marcar e um aparelho fonador que emite sons. Atrás disso, há um sujeito cognoscente, alguém que pensa, que constrói interpretações, que age sobre o real para fazê-lo seu. (FERREIRO, 1995, p.40-41)

É preciso ter cuidado e analisar minuciosamente todo esse processo na criança, pois é uma das fases mais importante. Apropriar da escrita o trará um grande leitor e escritor no futuro.

2.3.2 – As práticas sociais da leitura como alicerce para a aprendizagem.

Imaginemos uma criança que desde a mais tenra idade pôde conviver com pessoas que fazem uso da leitura e da escrita em seu cotidiano e, além disso, teve a oportunidade de ouvir histórias e manusear livros. Agora, imaginemos outra criança a quem essas condições não puderam ser oferecidas. Não é difícil supor que a transição entre o ambiente privado (a família) e o público (a escola) trará, para cada uma delas, sensações iniciais bastante diferentes.

No caso da primeira infância, gestos leitores (olhar a capa de um livro, folheá-lo, escutar atentamente a leitura em voz alta feita pela professora, entre outros) e gestos escritores (ver a professora escrevendo na lousa ou em cadernos, por exemplo) parecerão

familiares e o fato de ela estar em um ambiente organizado intencionalmente para a sua aprendizagem lhe oferecerá novos desafios ajustados à sua capacidade de enfrenta-los.

No caso da segunda criança, tudo será novidade. Diante desse contexto, embora algum grau de interesse possa ser suscitado, inseguranças diante do desconhecido podem vir à tona e desafios podem se transformar em grandes obstáculos.

Esta desigualdade, logo no ponto de partida de escolaridade, merece nossa máxima atenção não apenas porque todas as classes são heterogêneas, mas porque é possível criar condições para que cada um dos alunos se aproprie dos saberes estruturantes ao enfrentamento da vida escolar. Baseando –se em estudos, Gontijo (2008) vai nos dizer:

Estas relações que podem ser construídas individualmente pelas crianças, por meio de um processo espontâneo de interação com a escrita, pois isso resultaria em relações arbitrárias. Sendo assim, para que as crianças elaborem com precisão essas relações é necessária uma ação intencional, deliberada e planejada por parte dos professores alfabetizadores. (GONTIJO, 2008, p. 121)

Crianças que têm boas oportunidades para desenvolver sua linguagem contam com mais ferramentas (vocabulário, expressões, conhecimento de estruturas sintáticas) para falar com maior precisão, compreender as leituras que ouvem, participar das conversas e atividades que se desenvolvem em sala (respondendo perguntas, fazendo descrições, dando explicações, recontando histórias), acompanhar explicações e tomar a palavra para expressar suas incompreensões.

No ciclo da alfabetização, os alunos têm o direito de compreender como funciona a escrita alfabética, mas também se apropriar de algumas convenções sociais necessárias a leitura. Segundo Ferreiro e Teberosky (1999):

Os espaços em branco entre as palavras não correspondem, pois, as pausas reais, na locução, mas separam entre si elementos de um caráter sumamente abstrato, resistentes a uma definição linguística precisa, que a própria escrita definirá à sua maneira: as palavras. (FERREIRO e TEBEROSKY, 1999, p. 116)

A leitura e as conversas em torno dos textos são situações férteis para o desenvolvimento da linguagem. Por meio delas, as crianças têm a chance de conhecer os diversos usos e possibilidades que a língua materna oferece para narrar, explicar, descrever, definir, rimar.

A presença do professor como parceiro mais experiente é fundamental para a formação dos leitores: além de apresentar e interpretar aquilo que está escrito, ele conhece o caminho, ou seja, pratica socialmente atos de leitura em seu cotidiano com

propósitos diversos – lê para saber o que acontece no mundo, para obter informação específica, para se divertir, para saber mais sobre determinado assunto, para se encantar, para realizar algum procedimento, para viajar por outros tempos e lugares, para confortar a alma e tantos outros.

A leitura feita em voz alta pelo professor permite que os alunos observem que o texto é sempre um convite: ao riso, à indignação, à seriedade, à comoção, à descoberta, à beleza, à ampliação e às associações.

A progressiva construção de intimidade com a cultura escrita favorece que os alunos, mesmo muito antes de saberem ler convencionalmente, arrisquem hipóteses sobre o que a escrita representa porque vão, aos poucos, percebendo certas regularidades.

Ao observarem e escutarem as leituras por sua professora, os alunos têm a chance de aprender como manejar e como transitar pelos vários textos em seus diferentes suportes (livro, jornal, carta, etc.), o que lhes abre as portas da construção de sentidos para os diferentes gêneros.

2.4 - Alfabetização e letramento na sala de aula

Atualmente, várias reflexões estão sendo feitas sobre o processo de ensino-aprendizagem da leitura e da escrita, focando a alfabetização e seus usos sociais e também o letramento. Como afirma Veiga (1992, p. 16). “A prática pedagógica é uma prática orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social”.

Analisar a alfabetização na perspectiva do letramento requer várias discussões, principalmente ocorridas na sala de aula, visto que ainda existe uma má interpretação desses conceitos por parte de alguns professores.

O termo letramento ganhou complexidade e tem sido usado de maneira correta em algumas escolas, já em outras ainda causa dúvidas recorrentes. Alguns profissionais que estão entrando na área e outros que já atuam há mais tempo tem demonstrado um despreparo na hora de conceituar a alfabetização atrelada ao letramento. Ferreiro (2001) nos diz:

Se aceitarmos que a criança não é uma tábua rasa onde se inscrevem as letras e as palavras segundo determinado método; se aceitarmos que o “fácil” e o “difícil” não podem ser definidos a partir da perspectiva do

adulto, mas de quem aprende; se aceitarmos que qualquer informação deve ser assimilada, e portanto transformada, para ser operante, então deveríamos também aceitar que os métodos (como consequência de passos ordenados para chegar a um fim) não oferecem mais do que sugestões, incitações, quando não pratica rituais ou conjuntos de proibições. O método não pode criar conhecimento. (FERREIRO, 2001, p. 29 e 30).

Daí vem a importância de perceber que é justamente na sala de aula que o aluno se envolve de maneira eficaz para adquirir o domínio das capacidades específicas como: conhecer os diversos usos sociais da leitura e da escrita.

Alguns professores ainda acreditam que o letramento só ocorre após a concretização do processo da alfabetização. Para que o sujeito se torne letrado, ela precisa adquirir a tecnologia usual da escrita, o que permite a interação com a alfabetização.

O Brasil tem desenvolvido alguns estudos para que haja uma melhor compreensão, principalmente dos professores sobre o processo escolar de alfabetização e letramento, e esse estudo leva os envolvidos a construir alternativas pedagógicas que possam superar os limites impostos entre essas duas vertentes.

O trabalho de alfabetizar vai se moldando a medida que os novos conhecimentos vão sendo adquiridos por meio de cursos de formação e aperfeiçoamento, através de conversas com colegas de trabalho e pelos próprios alunos, inseridos na sala de aula. E essas ações trazem como consequência, o rompimento das dificuldades de compreensão do professor de alfabetizar letrando. Desde o contato inicial com a escrita a criança precisa experimentar o ser autor. Assim assinala os Parâmetros Curriculares Nacionais.

É necessário, portanto, ensinar os alunos a lidar com a escrita da linguagem – os aspectos notacionais relacionados ao sistema alfabético e às restrições ortográficas – como a linguagem escrita – os aspectos discursivos relacionados à linguagem que se usa para escrever. Para tanto é preciso que tão logo, o aluno chegue à escola, seja solicitado a produzir seus próprios textos, mesmo que não saiba grafá-los, a escrever como lhe foi possível, mesmo que não o faça convencionalmente (PCN – LP, 1997, p. 68)

Muitas vezes o professor tem o seu referencial teórico para orientar o seu trabalho de alfabetizar, mas suas práticas vão contra o que é proposto, o que tem causado grande desconforto nos centros de ensino. E esse desconforto distancia os envolvidos na educação, pois alguns não conseguem diferenciar os termos alfabetização e letramento.

2.4.1 - O papel do professor frente a Alfabetização e o Letramento

Para que ocorra a construção do conhecimento acerca da leitura e escrita, o professor precisa compreender todo o percurso do processo da alfabetização atrelada ao letramento, tentando verificar como o aluno pensa e usa a escrita, o que facilita o seu trabalho pedagógico. Como afirma Veiga:

A prática pedagógica é uma prática social orientada por objetivos, finalidades e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. A prática pedagógica é uma dimensão da prática social. (VEIGA, 1992, p.16)

Ao interagir com o aluno, sendo um mero mediador, o professor tornará o objeto do conhecimento algo prazeroso, onde verificará a compreensão seja do texto ou da parte escrita. Ao vivenciar o lúdico, o professor também se beneficiará no âmbito social. Andrade defende que:

A busca por situações favorecedoras de integração entre as crianças, sabendo da sua riqueza para o desenvolvimento humano, deve se estender para as relações docentes visto que o trabalho docente tem se demonstrado tão individualizado. (ANDRADE, 2002, p. 62)

A intervenção diária de forma planejada favorece ao aluno o ato de saber lidar com o texto. E essa mediação exige dele um conhecimento que permite identificar através das práticas postas no planejamento o que a criança já sabe, tanto na leitura quanto na escrita, tornando o conhecimento significativo para que a cada dia se concretize a evolução do aluno.

Infelizmente ainda se percebe um certo distanciamento do professor diferenciar alfabetização de letramento. Falta domínio teórico para um possível desenvolvimento prático. O professor é visto como um profissional provido de competências que influenciam no ato de planejar e inserir diariamente situações que permitem ocorrer a concretização da aprendizagem. Contudo,

A preocupação com os conteúdos e as metodologias pode levar ao esquecimento de que os alunos precisam de alguns estímulos para que se envolvam mais efetivamente com o que a escola selecionou para eles e, assim, se desenvolvam intelectualmente. (BRASIL, 2012b, p. 06.)

Por outro lado, percebe-se que muitos professores não dão a mínima atenção para que o aluno se desenvolva e isso está ligado a vários fatores, onde um dos principais é o acompanhamento das famílias, que tem provocado grande prejuízo no desenvolvimento intelectual do aluno.

Devido a esses fatores, a mediação através da prática pedagógica pode influenciar de maneira positiva ou negativa no processo de formação e na construção pessoal de cada criança.

Na alfabetização e letramento, o professor precisa criar oportunidades para que a criança vivencie com maior intensidade atos de leitura e escrita. O ambiente educacional deverá ser altamente alfabetizador, onde garantirá o estímulo na criança através da leitura e escrita, seja valorizando ou possibilitando na criança o que é fundamental e assim ele se torna um ser apreendente. Cavalcante (2005) nos diz:

O relacionamento professor aluno precisa estar pautado no diálogo, ambos se posicionando dos sujeitos no ato do conhecimento numa relação horizontal. O autoritarismo tradicional que permeava a relação de educação tradicional precisa ser banido para dar lugar à pedagogia do diálogo. (CAVALCANTE, 2005, p. 68).

A partir daí o professor cria expectativas positivas em relação a alfabetização e letramento, tornando sua prática construtiva e acreditando na capacidade de aprendizagem do aluno, tornando-o um sujeito: pensante, inteligente, ativo e comprometido com a sua formação. Como observa Baptista:

O desejo de compreender o sistema da escrita e dele se apropriar é fruto da interação da criança com a cultura escrita, o que pode ocorrer antes mesmo de ele frequentar instituições de Educação Infantil. (BAPTISTA, 2010, p. 3)

Com essa visão, o professor não determina respostas e nem desempenhos, ele procura compreender e valorizar o que cada um aprende e essa análise resulta em colaborar para os níveis de evolução no processo da construção do conhecimento e nas formulações concretas e individuais do aluno.

O processo de alfabetização e letramento causa no professor comprometido a busca pelo acerto, a positividade e os avanços a partir do eu é planejado. A motivação, o interesse, a metodologia, o ambiente escolar favorecem para que se acredite no potencial do aluno, e nessa credibilidade o aluno avança e melhora seu desempenho. Com essa melhora há uma interação entre, escola, família e aluno, pois quando todos se envolvem no processo, o cognitivo passa a ser desenvolvido e as práticas melhoram a convivência entre esses envolvidos.

2.4.2 – A importância do estímulo no desenvolvimento da criança

O maior aspecto no processo de alfabetização que precisa ser levado em consideração é o conceito pessoal que a criança constrói e reconstrói a partir das normas pessoais, tornando assim o direcionamento de seu caráter com o uso do código linguístico.

Na maioria das vezes, o aluno precisa ser um sujeito ativo e pensante, desenvolvendo de forma satisfatória e usual o conhecimento sobre leitura e escrita. Deve se considerar, por parte de quem ensina, o respeito às singularidades dos meninos e meninas. Segundo a autora Kramer (2006, p. 14) Conhecimentos e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e riso colaboram para o desenvolvimento da criança.

Construir o conhecimento não é fácil e requer caminhos complexos. Vários fatores contribuem para que haja a aprendizagem. Dentre eles podemos citar: motivação, estímulo, troca de saberes. Daí a criança consegue estabelecer certa relação entre a leitura e a escrita, e ao mesmo tempo há uma rica e variada interação entre o ler e o escrever, baseado nos estímulos que o meio social oferta. Concordando com Silva (2005), acreditamos que esse processo dar-se-ia por meio da articulação da aprendizagem da leitura e da escrita a momentos de brincadeira e de exploração de outras linguagens. Sendo assim, a ludicidade seria contemplada durante todo o trabalho pedagógico, respeitando e considerando os interesses e necessidades da criança.

O aluno precisa diariamente criar e recriar normas próprias para utilizar o sistema gráfico, a partir do uso de sinais que formalizem a sua escrita, apropriando-se assim do sistema convencional.

Ferreiro (2001):

É útil se perguntar através de que tipo de práticas a criança é introduzida na língua escrita, e como se apresenta este objeto no contexto escolar. Há práticas que levam a criança à convicção de que o conhecimento é algo que os outros possuem e que só se pode obter da boca dos outros, sem nunca ser participante na construção do conhecimento. (FERREIRO, 2001, p.30).

A partir dessa apropriação, o aluno reconhece as diferenças no uso da leitura e escrita e também formula hipóteses com base no que encontra em ambientes escolares e comunitários, o que facilita sua construção pessoal e o desenvolvimento da escrita alfabética.

À medida que a criança vai crescendo, ela experimenta sons, cria formas de expressão, procurando ajustar sua fala no que escuta dos adultos. A mesma coisa ocorre com o escrever. Ela começa rabiscando, criando letras, até aprende a produzir e replicar os modelos de sinais gráficos já existentes.

Uma das formas de deixar a criança em total contato com os sinais gráficos é utilizando letras soltas (alfabeto móvel) e atividades que promovam esse contato mais aprofundado com as letras. Segundo Ferreiro:

Iniciar o aprendizado da leitura e da escrita antes do primário, vemos a sala de aula da pré-escola assemelhar-se notadamente à do primeiro ano do primário, e a prática docente passa a seguir o modelo das mais tradicionais práticas do primário: exercício de controle motriz e discriminação perceptiva, reconhecimento e cópia de letras, sílabas ou palavras, repetições em coro... e nenhum uso funcional da língua escrita. (FERREIRO, 1995, p. 97)

Para que o processo de construção do conhecimento aconteça, é necessária a exploração e experimentação das experiências convencionais que originam um conflito cognitivo e o professor reconhece a criança como um ser capaz de pensar e realizar atividades com foco no desenvolvimento da leitura e escrita.

A partir do momento que a criança é desafiada, ela procura respostas concretas, evitando os erros e inventa o seu sistema de escrita não perdendo de vista a função comunicativa do processo. Quanto mais a criança é estimulada, mas ela compreende que escrever, fazer registros, buscar significados nos textos e decodificar sinais, possibilitará uma relação positiva com a apropriação de todo esse processo.

O trabalho com o código alfabético pode ser desenvolvido através de jogos com informações contextualizadas a serem resolvidas. O exercício mecânico sobre o uso da leitura não deve ser muito utilizado. Momento de convivência e experimentação precisa ser promovido, pois a criança precisa construir seu conhecimento e todo esse processo precisa ser prazeroso.

2.4.3 – O papel do professor frente às atividades de alfabetização e letramento

É comum ouvirmos alguns questionamentos tipo: Como o aluno precisa aprender todas as letras do alfabeto? A partir dessa pergunta, podemos responder que sim. E ainda vai mais além, pois aprender as letras do alfabeto e usá-la em diversas situações favorece o desenvolvimento da consciência fonêmica dos alunos.

Segundo Libâneo (1994), o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social. Esse planejamento pode se configurar como educacional, escolar, curricular e de ensino.

Algumas atividades que podem ser desenvolvidas para a concretização da alfabetização e letramento são: localização de informações em catálogos telefônicos, criação de agenda pessoal, lista com os nomes dos colegas de sala, uso do dicionário, entre outros. Essas atividades se forem bem articuladas e focadas no trabalho de alfabetização na perspectiva do letramento, trará resultados satisfatórios para o desenvolvimento intelectual das crianças. De acordo com Soares:

A sala de aula de alfabetização deve ter um duplo objetivo: um primeiro consiste em ajudar a criança por meio da reflexão sobre as características dos diferentes textos que circulam ao seu redor, sobre seus estilos, usos e finalidades e um segundo a se apropriar do sistema de escrita para que tenha autonomia para interagir. (SOARES, 2003, p. 70)

Outra forma de levar o aluno a reconhecer a sequência alfabética é utilizando alguns títulos de obras literárias para serem organizadas pelos mesmos. Explorar esses títulos na sala de aula é de fato ampliar o conhecimento e reconhecimento da sequência alfabética.

Durante muito tempo, acreditava-se que a memorização do padrão silábico era o suficiente para a compreensão das famílias silábicas. Porém percebeu-se que algumas consciências sonoras não estavam sendo atribuídas, pois existem letras que assumem diferentes sons e assim apenas a memorização não é suficiente para levar o aluno a aprender.

Algumas sugestões de atividades podem ser encontradas em Bortoni-Ricardo (2004) e Moraes (1998) para ampliação do conhecimento do aluno sobre o real uso da escrita. Nos últimos anos, novas orientações surgiram para enfatizar o ensino das funções sociais da escrita. Diferentes gêneros textuais foram introduzidos no processo de ensino: carta, bilhete, conto, convite, são alguns gêneros que desde a Educação Infantil estão sendo trabalhados com frequência e os alunos gostam de ouvir as leituras dos mesmos e compreender suas características.

Vários desafios são encontrados, mas as mudanças tem causado impacto satisfatório na tentativa de conduzir uma melhor compreensão da alfabetização na

perspectiva do letramento e várias dúvidas tem sido solucionadas pela busca do aprofundamento nas temáticas dos estudos.

2.5 – Família e alfabetização

A família é a primeira e mais importante instituição educadora na vida da criança. É também um sistema complexo de relações, onde seus membros compartilham um mesmo contexto social de pertencimento. A família é o lugar do reconhecimento da diferença, do aprendizado, de unir-se e separar-se, a sede das primeiras trocas afetivos-emocionais, da construção da identidade. Sutter (2007) nos diz:

A família é o âmbito em que a criança vive suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor, o campo da ação no qual experimenta tristezas, desconfortos, brigas, ciúmes medos ódios. (SUTTER, 2007, p.2).

Falar de família é também falar de mito, memória, transmissão. No seio da família no constituímos como sujeitos, como seres sociais e nossos comportamentos só são compreensíveis sob a luz da organização e funcionamento de um sistema de relações, cujo contexto delimita e confere significado a tudo que ocorre no seu interior.

Segundo López (2009, p. 20), são os pais os responsáveis pela educação dos seus filhos e tal responsabilidade não se pode passar para outrem.

É um sistema em constante transformação, por fatores internos à sua história e ciclo de vida em interação com as mudanças sociais. Sua história percorre a dialética continuidade/mudança, entre vínculos de pertencimento e necessidade de individuação. É no cenário familiar que aprendemos a nos definir como diferentes e enfrentar os conflitos de crescimento.

Essas mudanças sociais e culturais que caracterizam a sociedade moderna, as relações familiares e principalmente os tipos de formação das famílias atuais que são totalmente diferentes e mais diversificadas que as famílias de antigamente. Carvalho (2009) relata o seguinte:

Hoje em dia não podemos mais falar de família brasileira de um modo geral, pois existem vários tipos de formação familiar coexistindo em nossa sociedade, tendo cada uma delas suas características e não mais seguindo padrões antigos, nos dias atuais existem famílias de pais separados, chefiadas por mulheres, chefiadas por homens sem a companheira, a extensa, a homossexual, e ainda a nuclear que seria a formação familiar do início dos tempos formada de pai, mãe e filhos, mas não seguindo os padrões antiquados de antigamente. (CARVALHO, 2009, p.1).

Entender essa diversidade familiar acabou gerando uma maior participação dos profissionais da educação, principalmente na vida pessoal e educacional dos alunos, substituindo a função dos pais em algumas situações, elevando assim a sobrecarga aos professores.

Conforme López (2009), a responsabilidade da família na educação não pode desaparecer, porque a escola não fica o tempo todo com o aluno, então é necessário que os familiares busquem um tempo diário para dar a devida atenção aos seus filhos, sendo que as crianças têm a necessidade de contar o que realizam na escola, as amizades que fazem e as inquietudes que têm.

É fundamental que os pais assumam sua responsabilidade, enquanto orientados que estão dentro do lar, conversem, orientem e escutem seus filhos, para que eles aprendam com seus familiares de forma descontraída, pois, na família, a aprendizagem é espontânea, livre e significativa. Sendo assim, a família e a escola devem estar em constante interação, pois isto permitirá à criança um desenvolvimento cognitivo maior e um ajustamento social, cultural e emocional mais adequado. A postura da família pode facilitar a aquisição da leitura e da escrita, mas é importante lembrar que todos os alunos, mesmo provenientes de lares cultural e economicamente marginalizados, aprendem a ler e escrever se lhes forem dados o tempo e as condições para que isso se efetive. Libâneo (2000) afirma que:

A pedagogia familiar não deve estar desarticulada da pedagogia escolar. As ações educativas sejam na escola, na família ou em outro ambiente não acontecem isoladamente, uma influencia a outra implícita ou explicitamente e se procederem de forma desarticulada pode levar ao fracasso escolar do aluno, principalmente quando este pertence a uma classe economicamente baixa, tendo uma educação familiar diferente da educação escolar. (LIBÂNEO, 2000, p.85).

Para compreender os desafios da família diante do processo de socialização escolar, é necessário compreender a evolução e o desenvolvimento dessa instituição que há séculos compõe a nossa sociedade. Contudo, a família tem mais responsabilidade na educação dos indivíduos, por estar em constante contato em sua casa, fase de formação e desenvolvimento. É comum presenciar a escolar atribuindo a culpa de uma dificuldade de aprendizagem ou de um comportamento inadequado à família não estruturada.

A formação familiar é diversificada sim, mas nem de longe pode ser negligente ou empurrar suas responsabilidades para a instituições educacionais.

2.5.1 – Família X Alfabetização X Letramento

No Brasil, com o passar dos anos e com o desenvolvimento de diversas políticas públicas, a família passou por profundas transformações. Na década de 50, por exemplo, a vida econômica era estável, a família era patriarcal e os valores morais eram extremamente marcantes.

Com a mudança do eixo produtivo das economias do campo para os grandes centros, formou-se uma grande migração das famílias para as cidades. A relação entre pais e filhos passa a se dar dentro de um contexto em que o pai necessita na busca do sustento de seu lar, se ausentar do mesmo por longos períodos, fazendo com que a mãe passe a ocupar o papel principal de educadora.

Antes desse período os filhos recebiam diretamente de seu pai todo o treinamento para desenvolver e dar continuidade ao seu ofício. A ausência do pai passou a influenciar na formação psicológica e do caráter dos filhos, que neste momento são privados drasticamente do convívio paterno.

Sabemos da importância da matrícula efetiva da criança na escola, pois o ambiente escolar, se utilizado de maneira correta proporcionará o desenvolvimento cognitivo da criança.

Atualmente estamos vivendo um tempo em que encontramos alguns entraves que impedem a garantia da aprendizagem. Por um lado, vemos que o papel da escola é possuir uma estrutura que possa acolher e atender as necessidades da criança.

Segundo Melo (2005, p.24):

a escola, cabe conhecer o universo social dos alunos. Alargar essa compreensão é o grande desafio que os educadores têm pela frente. A escola é o espaço para se aprender e apreender o conhecimento histórico, mas é também o lugar para se exercitar a convivência, de refletir sobre as diversas formas do convívio social.

Em relação a família, há uma grande preocupação, principalmente no que diz respeito a idade correta para aprender, assim como o acompanhamento escolar.

A maioria das famílias só mostram preocupação quando percebem que o desenvolvimento da criança está em atraso o quando acontece a reprovação anual. Geralmente este atraso ocorre com crianças que estão matriculadas na escola e que tem rendimento abaixo do esperado, e aí começa a cobrança da presença dos pais, e

geralmente por não terem tempo e às vezes conhecimento se retraem e não são capazes de compreender a importância do processo de aprendizagem.

Segundo Laroca (1999, p. 19)

[...] as famílias esperam da escola o auxílio de que precisam para ajudar os filhos a resolverem impasses e dificuldades. [...] A escola nutre também expectativas de que a família proporcione o mínimo de sustentação para que o aluno seja bem sucedido na escola. [...]

A aprendizagem da leitura e escrita para ser eficaz precisa de alguns requisitos. Entre eles podemos destacar: família, boa oralidade, ambiente estimulador em casa, entre outros. Esses requisitos facilitam não apenas a alfabetização e letramento, mas também toda aprendizagem escolar, o que contribuirá para vida social e bom desempenho do aluno.

Atualmente nos deparamos com famílias que não estimulam suas crianças em casa, acham que todo processo de alfabetização e letramento é obrigação apenas da escola. A maioria dos pais e responsáveis não leem para seus filhos e também não os acompanham nas atividades diárias que são encaminhadas para casa.

A partir do momento que as crianças dão o primeiro passo na leitura, é importante que haja ajuda e acompanhamento diário dos pais. E esse processo melhora a alfabetização e contribui para o futuro promissor do aluno.

A alfabetização não é apenas função da escola, a família precisa estar presente, completando o desenvolvimento desse processo. O processo de alfabetização na vida das crianças em todas as etapas e ambientes, o que colabora para o desenvolvimento.

A família e a escola como instituição de formação desempenham um papel importante na formação intelectual das crianças. Os pais ou responsáveis quando passam a conviver no ambiente escolar, o cognitivo da criança passa a ser mais estimulado e o desenvolvimento é mais rápido e dinâmico.

2.5.2 - O papel da família na alfabetização e no letramento

O artigo 3º do caderno do PNA, destaca a centralidade do papel da família na alfabetização. A promoção de práticas de literacia familiar é considerada estratégia para a implementação desta nova política pública. Segundo o Governo Federal: Um conjunto de práticas e experiências relacionadas com a linguagem, a leitura e a escrita, as quais a criança vivencia com seus pais e cuidadores.

Segundo Moreira & Candau (2003, p. 160)

“A família é uma instituição construída historicamente no contexto da modernidade, considerada como mediação privilegiada para desenvolver uma função social fundamental: transmitir culturas, oferecer as novas gerações o que de mais significativo produzirá culturalmente a humanidade”.

A atual gestão do MEC considera as práticas familiares importantes até os 6 anos de idade, ainda que o estímulo e o auxílio dos adultos devam prosseguir ao longo do processo de aprendizagem. A partir dessa perspectiva a família começa agir antes de a criança ingressar no ensino fundamental.

Algumas atividades são recomendadas para que as famílias possam colaborar de maneira eficaz no processo de alfabetização e letramento. Para a mestra Mônica Timm de Carvalho, leitura em voz alta feito pelo adulto à criança, a contação de histórias, o manuseio de lápis e giz, o contato com livros ilustrados, os jogos com letras e palavras, além de brincadeiras sonoras com rimas e cantigas tem ajudado a comunidade escolar.

A questão sociocultural tem causado um impacto enorme na aprendizagem, principalmente no período da alfabetização. Uma criança sem contato com o mundo letrado, torna-se uma criança sem vocabulário. Segundo Prado (1981):

No ambiente familiar, modo de ser do sujeito pode ser aprendido por meio de imitações, de significados atribuídos às determinadas situações que se dão na convivência via discurso das pessoas da família ou via comportamentos. É na família, que a criança aprende a se relacionar com outro, que aprende mitos, crenças e valores que traçam seu perfil como pessoa. (PRADO, 1981, p.28).

Para a autora o ambiente familiar tem de fato grande contribuição na vida da criança, a partir do momento que a mesma é levada a questionar, o ingresso na escola, vai se tornando mais fácil. Uma criança que dialoga, apresenta um relacionamento mais favorável com o seu semelhante, o que torna um grande construtor de valores.

2.5.3 - A contribuição da família na formação do educando

Daniel e Sales (2016, UFMS) no artigo: “A importância da família no processo de alfabetização da criança”, distingue com clareza que é importante ressaltar que para a aprendizagem da escrita e da leitura, a criança deve ter alguns pré-requisitos, como a familiaridade com a oralidade do seu idioma e com as palavras. Inúmeros são os casos de crianças que possuem um ambiente estimulador em casa para a leitura e por esta razão,

possuem mais facilidade não apenas na alfabetização, mas também na aprendizagem escolar como um todo, que somada ao longo dos seus anos escolares, contribuirá imensamente para o seu bom desenvolvimento como aluno.

Dessa forma, é de suma importância que haja estímulo em casa e este deve começar a partir do exemplo, ou seja, é necessário que os pais e os que estão ao redor da criança leiam, inclusive para ela, mostrando-lhe o livro e as palavras, num ambiente acolhedor, para que a atividade se torne prazerosa.

Quando os primeiros passos na jornada da leitura forem dados, é importante que haja ajuda e incentivo dos pais, tornando-os assim, inteiramente participantes de todos os processos da alfabetização do seu filho, e contribuindo, portanto, para o seu futuro positivo como aluno.

Vieira Neta e Silva (2014, FAM), o artigo “Importância da família na alfabetização da criança”, ressalta que a participação da família no processo de alfabetização de uma criança tem uma fundamental importância para o desenvolvimento do ensino-aprendizagem, pois é na família que a criança encontra os primeiros professores com a função de transmitir conhecimentos e ensinamentos que vão acompanhá-las por toda a vida, nos aspectos cultural, social, familiar e pessoal.

A participação da família e a afetividade são de grande importância para formação, desenvolvimento e aprendizagem do educando no contexto escolar, pois esse envolvimento forma, apoia, encoraja e estimula a criança. A partir do momento que há o envolvimento, a busca pelo interesse é maior, o que torna eficaz o desenvolvimento cultural, emocional, social e cognitivo da criança.

Para compreender os desafios da família diante dos processos de socialização escolar na conjuntura atual, é necessário compreender a evolução e o desenvolvimento dessa instituição que há séculos compõe a nossa sociedade.

Na maioria das vezes as famílias jogam toda responsabilidade da educação de seus filhos para os educadores, esquecendo que a participação da família é fundamental e é função dos pais educar os filhos. Alguns professores e gestores acreditam que os pais não têm muito com o que contribuir no aprendizado nem tão pouco no currículo escolar. A participação da família vai muito além de apenas enviar seus filhos para a escola, o processo pedagógico também precisa ser acompanhado pelos pais.

No momento em que os pais transferem a responsabilidade de educar para a escola, pode-se desenvolver um fracasso ou ruptura do ensino-aprendizagem da criança. A

primeira formação social é na família, é justamente nesse meio que inicia a construção de conhecimentos, valores éticos e morais. Moreira (2010) apud Medeiros (2012) diz:

A família, por não compreender exatamente o seu papel de provedora e autoridade na vida de seus filhos, por delegar às escolas e aos seus profissionais funções que não são deles e sim suas, a escola ensina, a família educa. São papéis e funções diferentes, mas que infelizmente nem sempre ficam claros para os pais. Além de transferir suas responsabilidades para os agentes escolares a família ainda se entrega totalmente aos caprichos e desejos dos filhos, pois teme perder seu amor e estima, fazendo, nesse caso, um jogo de amizade problemático com as crianças e adolescentes, chegando muitas vezes a eles a responsabilidade por sua própria formação moral e intelectual (MOREIRA, 2010, p.1).

O sucesso das crianças no desenvolvimento da aprendizagem na leitura e escrita estar fortemente ligado ao ambiente familiar e conseqüentemente ao conjunto de experiências dentro da (leitura, escrita e linguagem) vivenciadas juntamente com os pais ou responsáveis, mesmo antes do ingresso na instituição de ensino.

Uma das vivências que têm causado maior impacto no futuro escolar da criança é a prática de leitura partilhada, onde o adulto lê em voz alta para as crianças. Essa prática desenvolve a compreensão da linguagem oral, desperta a imaginação e amplia o vocabulário. Conversar com a criança, narrar histórias, promover o manuseio de lápis, visitas a bibliotecas estimula para o desenvolvimento cognitivo da criança.

Se aplicadas de maneira positiva, essas práticas evitam o insucesso escolar, pois quando a criança se depara com o ambiente letrado, a mesma não apresentará tantas dificuldades para dar continuidade a sua vida escolar.

A educação recebida no âmbito familiar tem grande contribuição para a construção do sujeito. Os primeiros educadores das crianças são os pais ou responsáveis que com suas práticas e atitudes influenciam no desenvolvimento e comportamento da criança. O âmbito familiar e social são fatores decisivos para a autoestima da criança (TEIXEIRA, 2013).

Os professores, pais e responsáveis têm o dever de exercer sobre a criança uma liderança da melhor maneira possível, priorizando a formação social do sujeito. O diálogo entre o docente, aluno, família e escola faz a diferença no ambiente escolar. Essa comunicação permite a construção de conhecimentos e valores. Rios (2006) diz:

Falamos em comunicação criativa. Se o ato de comunicar, além de tornar comum, é fazer saber, podemos pensar que essa expressão deve ser estendida não só como um gesto de professor que faz saber o aluno alguma coisa, mas um gesto do aluno, que, no processo comunicativo, faz

saber-constrói conhecimentos, cria cultura e histórias – com o professor e colegas (RIOS, 2006, p. 130)

Cabe a escola e família promover momentos de diálogos entre os educandos.

Capítulo III

MARCO METODOLÓGICO



CAPÍTULO III – MARCO METODOLÓGICO

3.1 – Enfoque epistemológico da investigação

A busca do ser humano pelo saber ocorre desde os primórdios das primeiras civilizações. Laville e Dionne (1999) pontuam que é necessário o indivíduo se dispor e construir saberes, pois essas ações influenciam diretamente na sua sobrevivência, promovendo assim o ato de existir. Ainda segundo os autores, a pesquisa científica é um saber fundamentado e pautado em conhecimentos e métodos elaborados, o que torna o resultado confiável.

Observa-se que um projeto de pesquisa é formado por pontos, ideias, e isso, para a investigação científica é essencial. Segundo o pensamento de Gil (2002, p. 162 apud SILVA, 2011 p. 101) a metodologia compreende “[...] os procedimentos a serem seguidos na realização da pesquisa. Sua organização varia de acordo com as peculiaridades de cada estudo”.

A responsabilidade de toda pesquisa é fazer o conhecimento avançar. Para que isso seja possível, é necessário dominar o conteúdo, os conceitos, os métodos e os procedimentos de cada área que se investiga. (PIMENTA; GHEDIN; FRANCO, 2006, p. 7).

O estudo é descritivo, uma vez que almeja descrever o que foi pesquisado, falado, observado, utilizando instrumentos técnicos de coletas de dados como, entrevista, observação e questionário.

Laville e Dionne (1999, p.11) afirmam que:

“o pesquisador é alguém que, percebendo um problema em seu meio, pensa que a situação poderia ser melhor compreendida ou resolvida, caso fossem encontradas explicações ou soluções para a mesma”.

Geralmente, nesse formato de estudo, faz-se um levantamento de dados por meio de interrogativas diretas com os envolvidos na pesquisa.

O uso da pesquisa descritiva permite observar, registrar, analisar e relacionar os fatos estudados, buscando evidenciar, com a máxima eficácia possível a natureza e características das ocorrências. Outro fator pertinente é a internet, que através da navegação nos fornece um leque de material de estudo que ajuda a constatar o lócus da pesquisa.

A metodologia usada nesta pesquisa foi a qualitativa e a quantitativa, atendendo aos objetivos propostos. Creswell (1994, p. 196), faz uma alerta: “a investigação qualitativa deve dar voz aos participantes, assim, as suas vozes não serão silenciadas nem marginalizadas. Além disso, as vozes alternativas ou diversificadas”.

Nesta investigação quali-quantitativa os processos ordenados e lógicos, podem ser vistos como um conjunto de atitudes, cujo objetivo é conseguir a solução para um determinado problema. Considerando que se desenvolve uma investigação quando existe uma dificuldade e não existe solução para ela por falta de informações (SILVA MENEZES, 2001).

A opção da pesquisa quali-quantitativa, explica-se por avaliar-se e ser a mais apropriada para compreender as tensões enfrentadas pelos professores e familiares acerca dos conceitos de alfabetização e letramento, no que diz respeito às controvérsias dos mesmos em uma determinada escola.

Os objetos da investigação qualitativa e quantitativa, nomeando de qualiquantitativa, permite mensuração de dados coletados, discurso do sujeito e interpretações coletivas.

3.2 – Tipo de estudo e sua justificativa

O trabalho de pesquisa de campo aproxima o pesquisador da realidade estudada, assim como cria um conjunto de interações entre todos os sujeitos envolvidos, o que possibilita um conhecimento empírico com imensa validade. Nesse contexto, Gil (2009), pontua a pesquisa como:

O processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para problemas mediante o emprego de procedimentos científicos. A partir dessa conceituação, pode-se, portanto, definir pesquisa social como o processo que, utilizando a metodologia científica, permite a obtenção de novos conhecimentos no campo da realidade social. (GIL, 2009, p.26).

Ao desenvolver a pesquisa, conciliamos abordagem que possibilitam um maior aprofundamento das informações fidedignas na interpretação dos dados coletados. Através da pesquisa descritiva torna-se possível observar, registrar, analisar e correlacionar os fatos estudados, visando evidenciar, com a máxima exatidão possível, a frequência de ocorrência dos fatos, sua natureza e características, bem como as relações existentes com outros fatos (CERVO & BERVIAN, 1998)

O presente estudo, caracterizado como uma pesquisa quantiqualitativa e descritiva, feita por meio de levantamentos a partir do ponto de vista de sua natureza, com o intuito de compreender a abordagem do problema trabalhado e os objetivos escolhidos.

Ao escolher o método misto, nos mostra o quanto é importante os dois enfoques, qualitativo e quantitativo na mesma pesquisa, ambos apresentam pontos marcantes e também as fragilidades na construção do conhecimento. May (2004) afirma que:

Ao avaliar esses diferentes métodos, deveríamos prestar atenção, [...] não tanto aos métodos relativos a uma divisão quantitativo-qualitativa da pesquisa social como se uma destas produzisse automaticamente uma verdade melhor do que a outra, mas aos seus pontos fortes e fragilidades na produção do conhecimento social. Para tanto é necessário um entendimento de seus objetivos e da prática. (MAY, 2004, p. 146)

De acordo com as abordagens quanti-qualitativas da pesquisa, optamos fazer um estudo para identificar as tensões enfrentadas por professores e familiares frente aos conceitos de alfabetização e letramento em uma escola do município de Arcoverde-PE.

A escolha do enfoque quanti-qualitativo dessa investigação justifica-se por considerar a mais adequada para compreender as tensões dos professores e familiares no que diz respeito à alfabetização e letramento contribuindo para melhoria da sua prática pedagógica. Ela é considerada um método de estudo que integra análise estatística e investigação dos significados das relações humanas. Isto possibilita melhor compreensão do tema investigado, e facilita a interpretação dos dados obtidos (SILVA; MENEZES, 2001).

Esse tipo de pesquisa enfatiza um método de estudo que investiga, faz uma análise estatística, proporcionando uma melhor compreensão do tema pesquisado, auxiliando assim os dados adquiridos.

3.3 – Descrição e justificativa do tipo de desenho da investigação

A pesquisa qualitativa e quantitativa permite a consolidação dos resultados apresentados com base nos levantamentos estatísticos como também em qualquer diferente instrumento de qualificação.

A pesquisa quantitativa assegura a realidade dos dados obtidos, evitando distorção e apresentando uma margem altamente segura em relação aos números apresentados.

Diante da busca de compreender melhor a conduta da pesquisa, Richardson (1999), menciona que a abordagem quantitativa:

Caracteriza-se pelo emprego de quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informação, tanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas, desde a mais simples como percentual, média, desvio-padrão, as mais complexas, como coeficiente de correlação, análise de regressão, etc. (RICHARDSON, 1999, p. 70).

A pesquisa qualitativa produz uma compreensão mais profunda dos fenômenos sociais, com características subjetivas. Foca no mundo real, coletando e fazendo a análise dos dados. Nas palavras de Marques (2006), a pesquisa qualitativa:

É aquela cujo dados não são passíveis de serem matematizados. É uma abordagem largamente utilizada no universo das ciências sociais, e por conseguinte da educação (...) busca uma explicação da realidade via abordagem qualitativa que corresponde compreendê-la a partir da revelação dos mapas mentais dos sujeitos-objetos da Investigação. Interessa, pois, nessa abordagem aprender as percepções comuns e incomuns presentes na subjetividade das pessoas envolvidas na pesquisa, notadamente na condição de objeto-sujeito. (MARQUES, 2006, p. 38-39)

Ao investigarmos o processo qualitativo conseguimos descrever a complexidade que trazem os problemas, analisando assim emoções, vivências, sentimentos, experiências, entre outros. E essa investigação é baseada nos objetivos escolhidos a serem alcançados no decorrer da pesquisa, o que permite com exatidão o que esperamos.

Segundo as autoras Alvântara e Vesce (2008). A investigação qualitativa trabalha com opiniões, representações, posicionamentos, crenças e atitudes, possuindo procedimentos racional e intuitivo para a melhor compreensão da complexidade dos fenômenos individuais e coletivos. Portanto, se caracteriza como uma abordagem de alto grau de complexidade, na medida em que aprofunda as interpretações e decifra seus significados. Embora existam diferenças entre os enfoques qualitativos, não é correto dizer que mantém relação de oposição ou se outras dizem.

Sendo assim, o processo qualitativo nos leva a conhecer o contexto da vida em uma visão ampla que envolve escola, família e a representação social, atrelados as experiências educacionais, comportamentais, temporais e sentimentais.

A possibilidade de quantificar os dados depende da ampliação do universo a ser investigado e compreendido.

A escolha do enfoque quali-quantitativo justifica-se por considerar ser esta a mais indicada para compreender as tensões enfrentadas pelos professores e familiares no que diz respeito às controvérsias dos conceitos de alfabetização e letramento. E

Assim a opção pela pesquisa qualiquanti nos leva a refletir e estudar a realidade social.

3.4 – Princípio da Triangulação Metodológica

O termo triangulação não é novo nas pesquisas, ele integra diferentes perspectivas e observações, o que garante rigor, riqueza e complexidade ao trabalho.

Para Souza e Zioni (2003), a triangulação surge da necessidade ética para confirmar a validade dos processos, servindo como uma proposta para alcançar os objetivos da pesquisa e os resultados esperados a partir das análises dos vários aspectos.

Denzin e Lincoln afirmam que:

A triangulação é a exposição simultânea de realidades múltiplas, refratadas. Cada uma das metáforas “age” no sentido de criar a simultaneidade, e não o sequencial ou o linear. Os leitores e as audiências são então convidados a explorarem visões concorrentes do contexto, a se imergirem e a se fundirem em novas realidades a serem compreendidas. (2006, p.20)

Cabe ressaltar a discussão sobre a combinação, em uma mesma pesquisa de métodos quantitativos e qualitativos, pois é permitido triangular sujeito, objeto e fenômeno, possibilitando as múltiplas pesquisas na sua complexidade.

Stake (1995) tem na triangulação a alternativa para a maior precisão nos estudos de caso. Com base em várias concepções apresentadas por diversos autores, cabe sistematizar e subsidiar um conceito simples com uma enorme diversidade de interpretações sobre a literatura e método utilizado a aplicação do estudo.

Creswell e Plano Clark (2013) também abordam a triangulação como um método que congrega abordagens metodológicas distintas.

Duarte da sua contribuição ao afirmar que ambos os métodos quantitativos e qualitativos podem ser combinados de forma diferentes na mesma pesquisa. A autora destaca ainda que a investigação quantitativa também pode ser “facilitadoras da qualitativa ou ainda ambas assumem a mesma importância”. (20069, p. 15).

3.5 – Princípios de Validação de Instrumentos

Os instrumentos de validade desta investigação foram entrevistados para os professores e questionários para os pais ou responsáveis, o que possibilitou uma abordagem quanti-qualitativa com maior fidedignidade nas informações.

O questionário utilizado já era validado por SILVA (APENDICE?), apenas sofreu algumas adaptações, o mesmo foi realizado com 10 pais/responsáveis para um pré teste, onde os resultados foram satisfatórios, sendo então aplicado para todos com maior confiabilidade

A entrevista utilizada também passou pelo processo de teste piloto, com os resultados fidedignos, o que garantiu a realização da mesma para o público envolvido.

Ollaik e Ziller (2011) e Herminda e Araújo (2005) ressaltam que a validação de instrumentos de pesquisa, mais precisamente em pesquisa qualitativa serve para trazer elementos como a cautela, à coerência e, sobretudo possibilitar consistência nos resultados que serão alcançados ao final da investigação que pressupõe continuidade e deve ser repetido inúmeras vezes para a credibilidade. A validação começa no momento em que se pensa no processo de elaboração, aplicação, correção e interpretação dos resultados.

Com isso Fiorentini & Lorenzato caracterizam a ética:

Como parte da Filosofia do estudo de valores morais e princípios ideais da conduta humana. A ética aborda e reflete, principalmente, sobre os valores dos indivíduos em face de dilemas e situações críticas da vida. (2009, p.193)

A fidedignidade de um instrumento que apresenta resultados consistentes é condição necessária para a validade e determinação do grau de finalidade de qualquer investigação.

3.6 – Unidades de análises

De acordo com Brandão (2010), no art. 2º da LDB, a educação é dever da família e do Estado, e é importante que os pais garantam a educação escolar de seus filhos. Esta deve ser inspirada nos princípios de liberdade, proporcionando as condições necessárias para que a criança usufrua de seus direitos e dos seus ideais de solidariedade humana,

tendo por finalidade seu preparo e qualificação. É na educação escolar que se obtém o pleno desenvolvimento do educando, devendo considerar que o papel dos pais e das instituições é formar cidadãos capazes de trabalhar e conviver em sociedade.

Segundo Piaget (2007, p.35) a educação é um direito, e a forma social de atingir os melhores processos de formação é através da escola.

López (2009, p. 78) comenta “que os pais devem ter um papel ativo na educação escolar, pois os mesmos não podem abdicar de sua responsabilidade de educadores dos filhos”.

Piaget (2007, p.50) complementa “toda pessoa tem direito à educação, é evidente que os pais também possuem o direito de serem senão educados, ao menos, informados no tocante à melhor educação a ser proporcionada a seus filhos.”

Para Zenker (2004 apud SOUSA, 2011), toda relação começa a existir quando há uma procura, no caso a família que vai ao encontro da escola, e a escola deste modo, apresenta suas formas, princípios, qualidades, enfim, o que pode ofertar a família e ao aluno. Sendo assim, é preciso pesquisar o melhor ambiente escolar para matricular seu filho.

Para Huberman (1995, p. 38), “[...] o desenvolvimento de uma carreira é um processo não uma série de acontecimentos [...]” que para cada indivíduo ocorre em diferentes segmentos, a dificuldade vista por uns pode nunca ser sentida por outros e é neste espaço escolar que ao iniciar uma carreira o professor enfrenta o choque de realidade que muitas vezes até acaba por abandonar a profissão, por não se sentir estruturado para arcar com total responsabilidade que é o aprender e o saber ensinar.

3.7 – Instrumentos da coleta de dados

Foram utilizados instrumentos variados para melhor fundamentar e esboçar o nosso estudo, buscando assim um maior entendimento do que esperamos adquirir na nossa investigação. Rodrigues (2006) diz:

A escolha das técnicas de coleta de dados a serem empregados deverá estar de acordo com o problema, as hipóteses e os objetivos da pesquisa. E dependerá também dos sujeitos a serem pesquisados, do tempo disponível para realização da pesquisa, dos recursos financeiros e

humanos e de outros elementos que possam surgir no desenvolvimento da pesquisa. Na coleta de dados, são mais utilizados: a observação, a entrevista, o formulário e o questionário. (RODRIGUES (2006, p. 92).

Por ser uma pesquisa quanti-qualitativa foi possível a utilização de instrumentos variados para sintetização dos dados, como: análises documentais, conversas formais, observações, questionário e a entrevista semiestruturada.

3.7.1 – Entrevista

Optamos pela entrevista semiestruturada como forma de esclarecer e aprofundar questões, bem como entender as concepções de professores frente ao tema proposto e sua trajetória na educação.

Marconi & Lakatos (1986, p. 70) definem a entrevista como “uma conversação de natureza profissional, a fim de que se obtenha informações a respeito de determinado assunto”.

Szymansky (2010), em um trabalho acerca da pesquisa em educação ressalta que a entrevista é uma alternativa eficaz no estudo de significados subjetivos e de pontos difíceis de serem pesquisados por instrumentos fechados e uniformes.

A entrevista semiestruturada presente na investigação foi desenvolvida por questões elaboradas, porém não rígidas, permitindo ao entrevistador a possibilidade de necessárias adaptações. Trivinhos (1987, p. 146) nos esclarece que a entrevista semiestruturada é:

“(...) aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem respostas do informante. Desta maneira, o informante, seguindo espontaneamente a linha de seu pensamento e de suas experiências dentro do foco principal colocado pelo investigador, começa a participar na elaboração do conteúdo da pesquisa”.

Com esse recurso metodológico buscamos identificar o conhecimento dos professores e a participação da família na vida escolar para o desenvolvimento da alfabetização e letramento.

Ainda segundo Marconi & Lakatos (1986) é importante que haja a “preparação da pesquisa”, ou seja, conversação do que vai ser abordado com antecedência, organização do roteiro de perguntas e marcação de data e local.

A entrevista semiestruturada permite aos entrevistados mais propriedade em relação ao assunto abordado, a fim de esclarecer possíveis dúvidas durante a entrevista, criando assim um clima de confiança entre os participantes.

A primeira categoria diz respeito à identificação pessoal e profissional dos professores, contendo 05 (cinco) questões acerca das categorias: gênero, idade, grau de instrução, tempo de função e turma que leciona.

A segunda categoria contempla o conceito de alfabetização, contendo 04 (quatro) questões sobre a categoria: o que você compreende por alfabetização, qual o papel de Educação Infantil e anos iniciais em relação ao processo de alfabetização, como você pode contribuir para a melhoria da alfabetização, quais as semelhanças e diferenças entre alfabetização e letramento.

Segue-se com a terceira categoria referente ao conceito de letramento, contendo 02 (duas) questões acerca das categorias: o que você entende por letramento, qual o seu papel para a melhoria do letramento no seu ambiente de trabalho.

A quarta categoria está relacionada a prática pedagógica, contendo 04 (quatro) questões com as categorias: quais as atividades de alfabetização e letramento que você realiza com seus alunos, suas atividades são planejadas e direcionadas, os alunos interagem na execução das atividades e você costuma levar atividades diferenciadas para os alunos.

A quinta categoria contempla Escola/Família X Alfabetização/Letramento, contendo 03 (três) questões: Como educador você tem notado se a família participa ativamente do processo ensino-aprendizagem dos alunos, o que a escola pode fazer para fortalecer o vínculo com a família e atualmente como você define a relação família/escola.

A sexta categoria contempla a formação pessoal, contendo 05 (cinco) questões: O que você tem feito para melhorar sua prática diária na escola, na sua formação foram aprofundados conceitos de alfabetização e letramento, você se sente preparado em tratar dos temas alfabetização e letramento com os colegas de profissão melhorando assim o conhecimento dos mesmos, você costuma participar de formação para desenvolver suas práticas de alfabetização e letramento e seus alunos cobram aulas dinâmicas.

Foi realizado um teste piloto da entrevista com 10 professores, para realmente alinhar o pensamento e de fato alcançar os resultados propostos nos objetivos postos na pesquisa, visto que essa prévia é de grande importância.

(Quadro 1).

Descrição das categorias da entrevista aplicada aos professores	
Q1	Identificação do entrevistado (gênero, idade, grau de instrução, tempo de função e turma que leciona)
Q2	Conceito de alfabetização
Q3	Conceito de letramento
Q4	Prática pedagógica
Q5	Escola/família X alfabetização/letramento
Q6	Formação pessoal

QUADRO 1: Descrição das categorias da entrevista aplicada aos professores

Fonte: Entrevista aplicada (2020).

3.7.2 – Questionário

O questionário é um instrumento de investigação que além de determinar alguns fatores sociais de uma população facilita o conhecimento, o que torna menos difícil a avaliação de maneira geral. Este instrumento permite o acesso a uma quantidade maior de elementos, sistematizando a coleta de dados e a gestão da informação.

Richardson (1999, p. 189) aponta que este instrumento cumpre pelo menos duas funções “[...] descrever as características e medir determinadas variáveis de um grupo social”.

O instrumento foi elaborado com questões objetivas, traçados para o desenvolvimento da investigação e para escolha dos participantes investigados, o mesmo foi entregue para os pais/responsáveis dos alunos a fim de identificarmos quais cumprem os critérios para a melhor representação do perfil da pesquisa.

Anteriormente à realização do questionário, foi pedida a autorização para a adaptação do mesmo junto a Romildo Monte da Silva (apêndice). Após a autorização do autor (apêndice), procedeu a adaptação do questionário original. O questionário adaptado é parte da representação da comunidade escolar – pais/responsáveis. O

questionário é composto por 19 (dezenove) questões e 79 (setenta e nove) respostas opinativas, onde cada um desmembra 03 a 06 (três a seis) opções de respostas, e o questionário é formulado por 15 (quinze) questões fechadas onde expressam total desempenho na relação escola-família.

A adaptação foi pautada nos nossos objetivos. As perguntas foram agrupadas juntamente com a adaptação, a fim de facilitar a organização para a apresentação e codificação dos dados diante dos resultados.

Foi realizado um teste piloto com 50 pais/responsáveis para aprimorar a coleta de dados e a partir daí relacionar os procedimentos a serem seguidos, pois esse momento trouxe características muito próximas das que foram planejadas para a pesquisa. Após aplicação do teste houve uma discussão com os pares no intuito de atingir os objetivos esperados na pesquisa.

Descrição das variáveis do questionário aplicado aos pais

Q1	Sexo
Q2	Estado Civil
Q3	Idade
Q4	O que sua família é para você?
Q5	Como você define a relação entre escola x família x conhecimento?
Q6	O que a escola representa para você?
Q7	Que relação você tem com a escola?
Q8	O que tem levado a família a se afastar da escola?
Q9	O que a escola tem de atrativo em seus conceitos escolares?
Q10	Observamos que é necessária a troca de saberes entre você e a escola, e que juntos sempre buscaram soluções. O que quebrou esta parceria?
Q11	Você tem participado frequentemente das atividades escolares do seu filho?
Q12	Quando você participa, percebe que o rendimento escolar dele(a) melhora ou retrocede?
Q13	Hoje em dia, como está a relação da família com a escola?
Q14	A escola tem demonstrado alguns interesses pela participação da família na escola, apresentando seu currículo e o que espera alcançar com os alunos?

Q15 Em sua visão, como a família poderia ser parceira e cooperar com a escola, viabilizando o processo de alfabetização e letramento?

Q16 Como você avalia a comunidade escolar, diretor(a), coordenador(a), secretário(a), professor(a), serviços gerais, vigia e porteiros?

Q17 A direção da escola abre espaço para a participação de vocês nos planos escolares e são capazes de apresentar a proposta utilizada para avançar no processo de alfabetização e letramento?

Q18 Que atitude você faria para que suas relações com a escola fluíssem?

Q19 Como você define o conceito de alfabetização?

QUADRO 2: Descrição das variáveis do questionário aplicado aos professores

Fonte: Questionário aplicado (2019).

3.8 – Instrumento de análise de dados

As ciências sociais podem ser compreendidas por duas correntes principais de pesquisa, o positivismo (base quantitativa) e o interpretativismo (base qualitativa).

A pesquisa pode ser considerada um conjunto de ações, fundamentada em métodos racionais e sistemáticos, com o propósito de obtenção de solução para os reais problemas. Realiza-se uma pesquisa quando há um problema e não há solução para ele por falta de informações. (Silva & Menezes, 2001)

Em conformidade com Laville e Dionne (1999) proceder à análise e interpretação das informações colhidas para, em seguida, chegar a etapa de verificação em que se deve ainda estudar dados.

O enfoque nessa dimensão se baseia em critérios internos e externos, cujas verdades favorecem a flexibilidade da análise de dados.

De acordo com Bourdieu (2008), é indispensável visualizar nas palavras dos sujeitos da pesquisa a estrutura de semelhanças objetivas. Sendo assim, a análise dessa pesquisa qualitativa buscou adentrar nas palavras dos sujeitos envolvidos, com o sentido de compreender os seus sentidos e suas experiências. Gewandsznajder (1998) vai nos dizer:

A medida que os dados vão sendo coletados, o pesquisador vai procurando tentativamente identificar temas e relações, construindo interpretações gerando novas questões e/ou aperfeiçoando as anteriores, o que, por sua vez, o leva a buscar novos dados, complementares ou mais específicos, que testem suas interpretações,

num processo de “sintonia fina” que vai até a análise final.(GEWANDSZNAAJDER 1998, p.170).

Portanto, a coleta e a análise de dados são realmente um processo contínuo com técnicas que permitem a montagem de um relatório final da pesquisa, que abrange: o que desencadeou a pesquisa, como ela foi realizada, quais os resultados obtidos, a que conclusões chegamos e para quem sugerimos o estudo da mesma.

3.8.1 – Análise qualitativa

A abordagem qualitativa leva o pesquisador a analisar características impossíveis de serem observadas na mesma. Dentro dessa abordagem há uma relação dinâmica “entre o mundo real e o sujeito que não pode ser traduzida em números”. (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20)

A escolha por desenvolver este trabalho proporcionou uma melhor interação entre o entrevistador e o entrevistado

Segundo Zanelli (2002):

O principal objetivo da pesquisa qualitativa “é buscar entender o que as pessoas apreendem ao perceberem o que acontece em seus mundos”. O autor complementa ainda que “é muito importante prestar atenção no entendimento que temos dos entrevistados, nas possíveis distorções e no quanto eles estão dispostos ou confiantes em partilhar suas percepções”. (ZANELLI, 2002, p. 83)

Para as análises dos dados obtidos através das entrevistas, foi utilizada a prática da Análise do Discurso (AD), com o intuito de analisar as tensões enfrentadas pelos professores no que diz respeito às controvérsias dos conceitos de alfabetização e letramento.

Sobre discurso Foucault (1986) diz:

Gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrinca mento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. (...) não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdo ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os

torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 1986, p.56)

Para Orlandi (2007, p. 17) o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentido por/para os sujeitos.

O discurso ultrapassa a simples referência às coisas. Vai além da utilização de letras, palavras e frases. Apresenta irregularidades e não reside na mentalidade e nem na consciência dos indivíduos.

Pensar dessa forma nos conduz ao entendimento de que ao estudar o discurso, o sentido se assenta na dimensão tempo e espaço das experiências humanas, deslocando o entendimento de sujeito e negando o caráter absoluto.

Sobre isto, Pinto (2010, p. 56) relata: “O discurso é movimento dos sentidos, é a palavra se metamorfoseando pela história, pela língua e pelo sujeito além de constituir um conjunto de práticas sociais do homem na sua relação com a realidade”.

O discurso torna possível tanto à permanência e a continuidade, quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade na qual ele vive.

Analisar o discurso é fazer com que desapareçam e reapareçam as contradições, é mostrar o jogo que elas desempenham; é manifestar como ele pode exprimi-las, dar-lhes corpo, ou emprestar-lhes uma fugidia aparência.

Na nossa investigação foi utilizada a Análise do Discurso (AD) de perspectiva francesa, estruturada por Michel Pêcheux, orientando assim a defesa da tese através da linguagem relacionada à exterioridade, onde situa a reflexão, a linguística e a teoria do discurso.

Para a elaboração do discurso, o indivíduo produz mentalmente sua ideia e a expressa através da linguagem. E esse conteúdo vai muito além das palavras ditas, pois as questões sociais dão direcionamento ao que é falado.

Orlandi (2007, p. 15) traz uma visão clara: A Análise de Discurso concebe a linguagem como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Essa mediação, que é o discurso, torna possível tanto a permanência e a continuidade quanto o deslocamento e a transformação do homem e da realidade em que ele vive. O trabalho simbólico do discurso está na base da produção da existência humana.

A produção do discurso compreende: a participação do sujeito, intencionalidade, aceitabilidade e informatividade.

Afirma Orlandi (2007, p. 16). Levando em conta o homem na sua história, considera os processos e as condições de produção da linguagem, pela análise da relação estabelecida pela língua com os sujeitos que a falam e as situações em que se produz o dizer. Desse modo, para encontrar as regularidades da linguagem em sua produção, deve-se relacionar a linguagem à sua exterioridade.

Na AD, focaliza-se o ponto de associação entre a linguagem e a ideologia do conteúdo expressado, sendo necessário o entendimento sobre como o texto pode produzir diferentes sentidos, como o discurso pode assumir o papel de construtor de significados produzidos (ORLANDI, 2005).

As formações discursivas representam uma noção básica da AD, entendida por Foucault (2005, p.43)

Sempre que se puder descrever entre certo número de enunciados, semelhantes sistemas de dispersão [...] e se puder definir uma regularidade, uma ordem, correlação, posições funcionamentos, transformações, dizemos por convenção, que se trata de uma formação discursiva.

As práticas discursivas geram também outros âmbitos de análise do discurso, como o universo de concorrências, que consiste na competição entre vários emissores para atingir um mesmo público alvo. A partir disto, os emissores precisam inteirar-se do contexto da vida do seu receptor, para que deste modo possam interpelá-lo segundo sua própria ideologia, fazendo com que assim, sua mensagem seja recebida e assimilada pelo receptor sem que o mesmo perceba que está sendo alvo de uma tentativa de convencimento.

O entendimento remete a compreensão dos sentidos nas diferentes formações discursivas. Sendo assim para toda afirmação discursiva, existe algo subentendido. As palavras não são totalmente transparentes, não possuem um único sentido, elas dependem do envolvimento dos sujeitos e suas ideias e da memória discursiva.

Para Orlandi (2007):

Problematizar as maneiras de ler, levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem. Perceber que não podemos não estar sujeitos à linguagem, a seus equívocos, sua opacidade. Saber que não há neutralidade nem mesmo no uso mais aparentemente cotidiano dos signos. A entrada no simbólico é irremediável e permanente: estamos comprometidos com os sentidos e o político. Não temos como não interpretar. [...] nos colocar em estado de reflexão e, sem cairmos na ilusão de sermos conscientes de tudo, permite-nos ao menos sermos

capazes de uma relação menos ingênua com a linguagem. (ORLANDI, 2007, p. 09)

Para Mangueneau (2001, p.53), “a condição de produção do discurso representa o contexto social que envolve um corpus, ou seja, um conjunto desconexo de fatores entre os quais são relacionados previamente os elementos que permitem descrever uma conjuntura”.

Para colher as informações necessárias nessa etapa, foi realizada, duas visitas na escola, permitindo fazer registros das informações necessárias, bem como a gravação de sons com o intuito de alcançar os objetivos propostos.

3.8.2 - Análise quantitativa

Para análise dos dados quantitativos foi criado um banco no programa EPI INFO, versão 3.5.4, o qual foi exportado para o software SPSS, versão 18, onde foi realizada a análise. Para caracterizar o perfil dos cuidadores e a percepção deles acerca da relação escola x família x conhecimento, foram calculadas as frequências percentuais e construídas as respectivas distribuições de frequência. Ainda, foram criadas as distribuições dos fatores relacionados à percepção dos familiares acerca da relação: escola, família e comunidade escolar. Para comparação dos percentuais dos níveis das variáveis avaliadas foi aplicado o teste Qui-quadrado para comparação de proporção. Todas as conclusões foram tiradas considerando o nível de significância de 5%.

3.9 - Sujeitos da investigação

O universo total da escola é de cerca de 260 discentes e 12 docentes. Essa investigação foi fundamentada pela amostra de 2 professores de Educação Infantil e 9 do Ensino Fundamental dos Anos Iniciais, ficando de fora da entrevista o docente de Educação Física. Este critério de inclusão e exclusão de coleta de dados foi baseado nos professores citados anteriormente da escola e de 100 pais/responsáveis que se disponibilizaram em contribuir no desenvolvimento da pesquisa.

Como parte da amostra para realização da entrevista semiestruturada – parte qualitativa – 11 (onze) professores da Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental e a parte quantitativa 100 (cem) pais/responsáveis

3.10 – Contexto Prático da Investigação

3.10.1 - Lócus da pesquisa

A pesquisa científica nos reporta procedimentos que dirige o estudo e a partir do mesmo obtemos os dados colhidos. Gil (1999, p.65) afirma que o componente “[...] mais importante para a identificação de um delineamento é o procedimento adotado para coleta de dados”, que através de análise e interpretações das informações possibilita as conclusões esperadas.

A princípio buscamos analisar as tensões enfrentadas pelos professores e familiares acerca dos conceitos de alfabetização e letramento no que diz respeito às controvérsias dos mesmos. Sendo assim, após a análise e coleta de dados é necessário, com base nos autores envolvidos na pesquisa, transformar este material até então significativo real em algo fundamentado e útil na construção de futuros saberes.

Para a realização desta pesquisa, buscamos uma instituição educacional da cidade de Arcoverde-PE

A cidade de Arcoverde está localizada no estado de Pernambuco, região Nordeste do país. É integrante da Mesorregião do sertão Pernambucano e pertence a Microrregião do sertão do Moxotó.

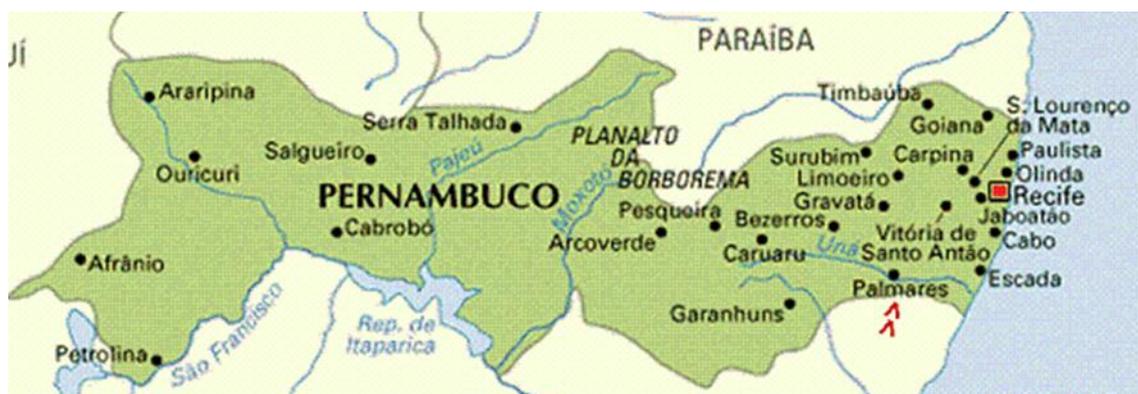


Figura 1: Mapa do Estado de Pernambuco.

Situa-se a oeste do Recife, capital estadual, distante 256 km. Ocupa uma área de 350 899 km². Em 2018, O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística estimou a população em 73.844 habitantes, ocupando a 22^a colocação no ranking dos mais populosos de Pernambuco.



Figura 2: Localização da cidade de Arcoverde no estado de Pernambuco.

Arcoverde está incluída na Região de Desenvolvimento do Moxotó, cuja economia é baseada na agropecuária. Nas atividades pastoris, a bovinocultura e a caprinocultura recebem destaque. A área rural apresenta uma atividade agrícola mais diversificada onde além da cana de açúcar, predomina a produção de frutas. As lavouras de algodão também têm grande importância na economia da região.

A cidade se destaca como principal pólo comercial e de serviços do Sertão do Moxotó. Cerca de milhares de pessoas visitam diariamente a cidade em busca do movimentado comércio local, de atendimento médico nas mais variadas especializações. Na educação possui escolas públicas e privadas, além de um Pólo Universitário, com faculdade privada e uma sede da UPE. No lazer e turismo conta com um diversificado calendário de festividades profanas e religiosas. O clima é semiárido e o relevo é marcado por vales profundos e estreito.

Por fim é considerada o portal do sertão, tem o melhor São João da região e uma grande marca cultural é o Samba de coco.

3.10.2 – Escola Investigada

A escola é localizada na zona urbana da cidade de Arcoverde-PE, área de fácil acesso de médio porte, mas muito bem cuidada.

A principal renda das famílias é proveniente de funcionários públicos que sobrevivem da sua formação acadêmica, pequenos empresários, estes desenvolvem suas atividades em pequenos comércios, muitas vezes nas suas próprias residências, trabalhadores do comércio, que relatam a facilidade de deixar e pegar as crianças na escola por se localizada justamente no centro o que facilita a proximidade, os que vivem

da agricultura familiar, que no caso é uma minoria, os que dependem do Programa Social Bolsa Família e os que relatam não exercer nenhuma profissão, ou seja, não estão empregados no momento.

É uma escola com uma infraestrutura satisfatória, necessitando apenas de algumas adaptações. A mesma recebe alunos de vários bairros e também da zona rural e atende duas etapas da Educação Básica: Educação Infantil, (Pré- Escolar I e II) e Ensino Fundamental Anos Iniciais (1º ao 5º ano). Funciona em dois turnos, manhã e tarde, totalizando uma média de 260 alunos. Possui um quadro de 28 profissionais, sendo 11 professores em sala de aula, 3 profissionais de apoio para alunos com deficiência, 2 porteiros, 1 professor readaptado, 2 merendeiras, 1 merendeira readaptada, 1 assistente administrativo, 4 serviços gerais, 1 vigia, 1 secretário, 1 coordenador pedagógico e 1 gestor.

É de caráter público, com formação de ensino direcionada a Educação Infantil e Fundamental I. Foi fundada em 1977 para suprir as necessidades educativas desta comunidade. Sua missão é elevar o nível educacional dos estudantes, baseando-se em três pontos: formação consciente, participação da família e comprometimento profissional.

Dispõe de 5 (cinco) salas de aula, 1 (uma) secretaria, 1 (uma) sala de direção, 1 (um) almoxarifado, 2 (duas) salas para guardar materiais diversos, 1 (uma) biblioteca, 1 (uma) cozinha, 1 (um) pátio, 2 (duas) banheiros para alunos (um masculino e um feminino), 1 (um) banheiro para funcionários e 2 (duas) rampas de acesso.

A escola disponibiliza de duas entradas para alunos, pais, funcionários e visitantes, sendo que uma delas só é utilizada em caso de emergência. Disponibiliza de acessibilidade para cadeirantes nas entradas e em todas as salas, pois está no padrão de receber alunos cadeirantes.

O pátio é coberto e pequeno, mas dá para serem realizadas aulas de educação física, recreios e eventos. A cozinha é limpa e organizada, ficando uma parte aberta para o pátio. A merenda é de qualidade e supervisionada pela nutricionista da Secretaria de Educação.

As salas de aula apesar de não ter o tamanho esperado, são bem conservadas, iluminadas e climatizadas, cada uma tem seu bebedouro e sempre são mantidas limpas e organizadas. Essas salas são compostas por mesas e cadeiras, em número suficiente para todos os alunos nos respectivos turnos de funcionamento. Por opção da gestão escolar e segurança dos alunos, o lanche é servido na própria sala de aula e o recreio é realizado por turmas, o que evita possíveis acidentes.

Na escola existem alguns projetos, com atividades relacionadas a objetivos educacionais, visando suprir as dificuldades encontradas no ambiente escolar. Alguns deles são: ASPA (Associação Pernambucana de Atacadistas e Distribuidores), projeto de incentivo a leitura para alunos do 4º ano, Maleta viajante, que coloca a família como parte integrante do desenvolvimento do projeto. Projetos que são contemplados nas datas comemorativas, Trânsito, Trabalho Infantil, entre outros.

3.11 – Fases da pesquisa

3.11.1 – Primeira fase

Este primeiro momento foi de conhecer o espaço e informar aos participantes sobre a finalidade da pesquisa, pois a finalidade era que todos conhecessem a proposta elaborada, bem como entender os benefícios e os possíveis riscos da mesma.

3.11.2 – Segunda fase

Neste segundo momento foi realizada a aplicação do questionário aos pais/responsáveis e da entrevista as professoras preservando a identidade e integridade dos sujeitos, todo anonimato foi garantido durante a investigação, e esses procedimentos gerou bons resultados para as possíveis análises futuras.

3.11.3 – Terceira fase

Após a coleta de dados com base nos instrumentos analisados, previamente estruturados e aplicados, utilizou-se a análise descritiva e explicativa, com base em gráficos, tabelas, categorias, narrativas de falas e depoimentos.

Capítulo IV
APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS



CAPÍTULO IV – APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

4.1 - Apresentação e discussão dos resultados alcançados através da análise quantitativa

Na tabela 1 temos a distribuição do perfil dos familiares avaliados. Verifica-se que a maioria é do sexo feminino (80,0%), possui idade de 35 a 40 anos (30,0%) e está casado (58,0%). O teste de comparação de proporção foi significativo em todos os fatores avaliados (p-valor menor que 0,05), indicando que o perfil descrito é relevantemente o mais frequente entre o grupo avaliado.

Tabela 1. Distribuição do perfil dos familiares avaliados.

Fator avaliado	N	%	p-valor
Sexo			
Feminino	80	80,0	<0,001
Masculino	20	20,0	
Idade			
Até 25 anos	6	6,0	<0,001
De 26 a 29 anos	13	13,0	
De 30 a 35 anos	25	25,0	
De 35 a 40 anos	30	30,0	
De 41 a 50 anos	22	22,0	
Mais de 50 anos	4	4,0	
Estado civil			
Solteiro	27	27,0	<0,001
Casado	58	58,0	
Divorciado	7	7,0	
Separado	7	7,0	
Viúvo	1	1,0	

¹p-valor do teste Qui-quadrado para comparação de proporção.

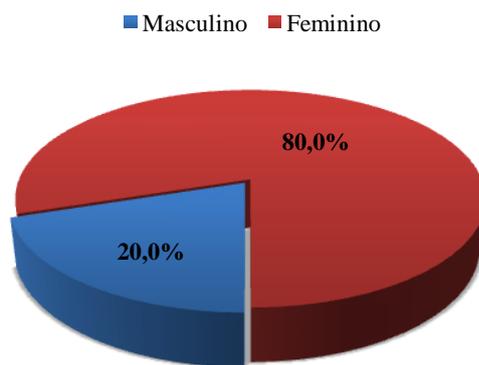


Figura 1. Distribuição dos familiares segundo o sexo.

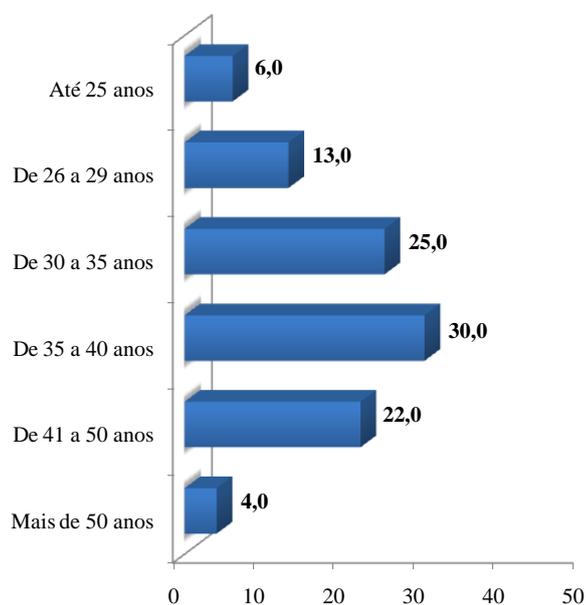


Figura 2. Distribuição dos familiares segundo a faixa etária.

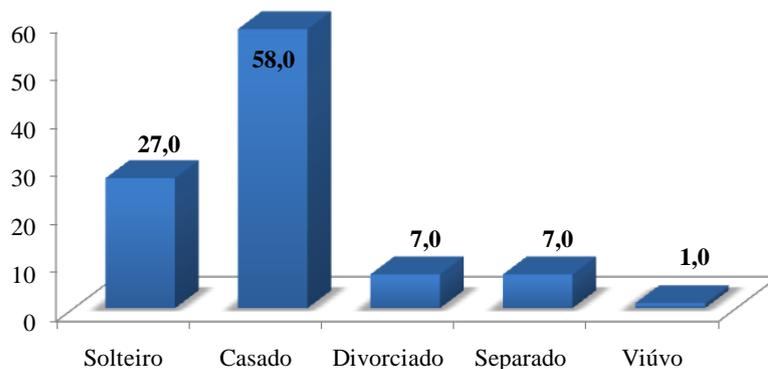


Figura 3. Distribuição dos familiares segundo o estado civil.

Na tabela 2 temos a caracterização da percepção dos familiares avaliados acerca da relação entre a família, escola e as representações sociais. Verifica-se que a maioria considera que a melhor definição para família é de " São pessoas que devido as transformações sociais e culturais, mais não perderam os valores da unidade familiar" (28,3%); a escola representa "um local onde eles irão aprender e criar oportunidade para o seu futuro" (80,4%); acredita que o afastamento da família da escola é decorrente da "Necessidade de trabalhar e conseguir suprir as necessidades diárias" (70,7%); considera que o principal atrativo da escola é "Ensinar e aprender com diversas trocas de conhecimento e informações" (66,0%); acredita que o motivo da quebra da parceria entre a escola e família é o fato de que "Há casos que a família transfere suas responsabilidades sociais para a escola, como se ela pode-se resolver tudo " (78,4%); considera que a principal contribuição da família para com a escola seria "Formar parcerias entre a escola e a família de um modo coletivo " (29,4%); e Formaria parceria entre a comunidade escolar e a comunidade, para um melhor desenvolvimento humano e participativo, de forma que a sua relação com a escola fluísse (42,0%). O teste de comparação de proporção foi significativo em todos os fatores avaliados (p-valor menor que 0,05), indicando que o perfil descrito é relevantemente o mais frequente entre os familiares avaliados, exceto para a questão: **"Em sua visão, como a família poderia ser parceira e cooperar com a escola"** (p-valor = 0,556), indicando que o número de respondentes é semelhante em cada categoria de resposta da variável.

Parolin (2008) destaca:

"que o papel da família na formação e nas aprendizagens das crianças e jovens é ímpar. Nenhuma escola por melhor que seja, consegue substituir a família. Por outro lado, destaco também que a função de escola na vida da criança é igualmente ímpar. Mesmo que as famílias se esmerem em sendo educadores, o aspecto socializador do conhecimento e das relações não adequadamente contemplado em ambientes domésticos". (PAROLIN, 2008, p.01)

É primordial que a escola elabore projetos e crie mecanismos para que a família participe ativamente do cotidiano escolar. Somente assim serão parceiros na efetivação do processo ensino e aprendizagem. A vida familiar e a vida escolar devem ser simultâneas e complementares. É preciso que a escola esteja em perfeita sintonia com a família, pois a instituição de ensino deve complementar a formação educacional da criança. Essas duas instituições, família e escola, devem se complementar na tentativa de alcançar o objetivo maior que é a formação integral da criança (CORTELAZZO, 2000, P.32).

E como nos diz Prado (1981) a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto, a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo.

López (2009) comenta que os pais têm o direito e o dever de participar na escola porque são os responsáveis legais e naturais pela educação de seus filhos, mas também representam a sociedade receptora da ação escolar. Se não se concretizar tal participação da família na escola, não se pode alcançar uma educação coordenada e eficaz dos filhos.

Desta maneira, Chechia e Andrade (2005) relatam que quanto mais os pais e a escola estiverem envolvidos, se tornando verdadeiros parceiros cada vez mais acontecerá a colaboração para a educação escolar dos filhos.

Soares (2010, p. 9) observa que a família somente é lembrada pela escola quando há problemas ocasionados pelos(as) alunos(as) no ambiente escolar. Neste sentido, muitos pais acabam se afastando da escola percebendo esta como um lugar negativo, já que poucas atividades recreativas e prazerosas são oferecidas a eles na escola. A escola deveria ser o ponto central de uma comunidade, um local onde todos pudessem participar e ter acesso.

Como bem diz Piaget (2007):

Uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois a muita coisa que a uma informação mútua: este intercâmbio acaba resultando em ajuda recíproca e, frequentemente, em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais, e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais um interesse pelas coisas da escola chega-se até mesmo a uma divisão de responsabilidades [...] (PIAGET, 2007, p.50)

Tabela 2. Caracterização da percepção dos familiares avaliados acerca da relação entre a família, escola e as representações sociais.

Fator avaliado	N	%	p-valor ¹
Q4.0 que sua família é para você*			
Um conjunto de pessoas que possuem grau de parentescos entre si	12	11,6	0,001
É um lugar que cuida da educação dos filhos	9	8,7	
É um local de fundamental importância do desenvolvimento do indivíduo	23	22,3	
É um ambiente que deve existir harmonia e parcerias no âmbito escolar	30	29,1	
São pessoas que devido as transformações sociais e culturais, mais não perderam os valores da unidade familiar	29	28,3	

Q6.0 que a escola representa para vocês*			
Um meio de levar as crianças para outro lugar	0	0,0	
Um local onde eles irão aprender e criar oportunidade para o seu futuro	82	80,4	
Um lugar de parcerias entre a comunidade que oferece uma boa relação com os familiares	13	12,7	<0,001
Um lugar que se reúne e apresenta opinião dos diferentes atores envolvidos nesta relação	7	6,9	
Q8.0 que tem levado a família a se afastar da escola			
As mudanças pelas quais nas últimas décadas tem passado a família	13	13,1	
A necessidade de trabalhar e conseguir suprir as necessidades diárias	70	70,7	
Devido a classe social e número de filhos	9	9,1	<0,001
Reuniões prolongadas a respeito de nossos filhos, onde requer mais, a nossa participação	7	7,1	
Q9.0 que a escola tem de atrativo em seus conceitos escolares			
Ensinar e aprender com diversas trocas de conhecimento e informações	68	66,0	
Os professores reinventam a educação	10	9,7	<0,001
Não oferece nada que possamos compartilhar	0	0,0	
Um olhar atento às diferentes reações do ser humano, sua efetividade e interação	25	24,3	
Q10.Observamos que é necessária a troca de saberes entre vocês, e a escola, e que juntas sempre buscaram soluções, o que quebrou esta parceria			
A escola só nos culpa pela má conduta de nossos filhos	2	2,0	
A escola é fechada para discutirmos assuntos do interesse de ambas as partes	7	7,2	
A escola transfere sua responsabilidade de ensinar para a família	12	12,4	<0,001
Há casos que a família transfere suas responsabilidades sociais para a escola, como se ela pode-se resolver tudo	76	78,4	
Q15.Em sua visão, como a família poderia ser parceira e cooperar com a escola			
Dando mais atenção no cotidiano escolar de nossos filhos	23	22,5	
Acompanhamento e participação escolar	21	20,6	
Formar parcerias entre a escola e a família de um modo coletivo	30	29,4	0,556
Desenvolver atividades culturais e educativas, junto a comunidade escolar	28	27,5	
Q18. Que atitude você faria para que suas relações com a escola fluíssem			
Dedicar-me-ia mais um pouco	40	40,0	
Atenderia as solicitações da comunidade escolar	7	7,0	
Formaria parceria entre a comunidade escolar e minha comunidade, para um melhor desenvolvimento humano e participativo	42	42,0	<0,001

Não mudaria minha relação diante a escola

11 11,0

¹p-valor do teste Qui-quadrado para comparação de proporção.

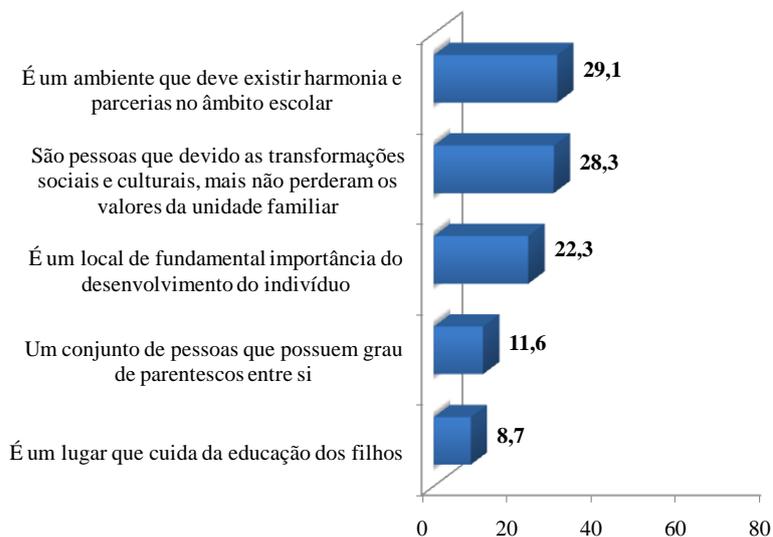


Figura 4. Distribuição dos familiares acerca da questão: "O que sua família é para você".

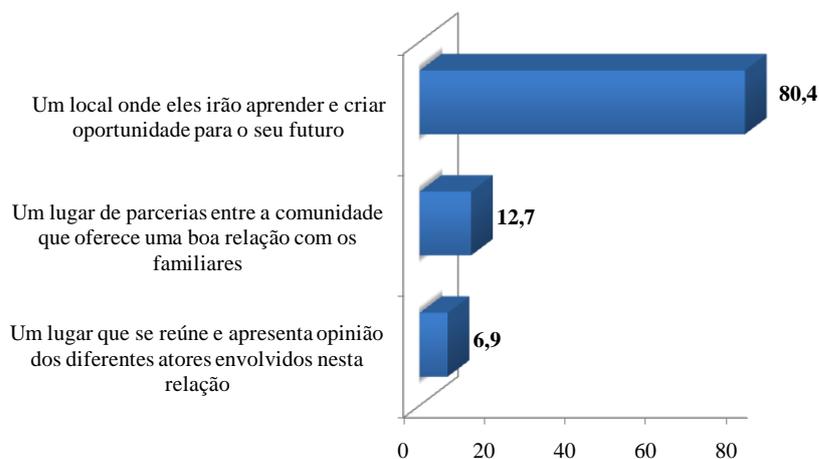


Figura 5. Distribuição dos familiares acerca da questão: "O que a escola representa para vocês".

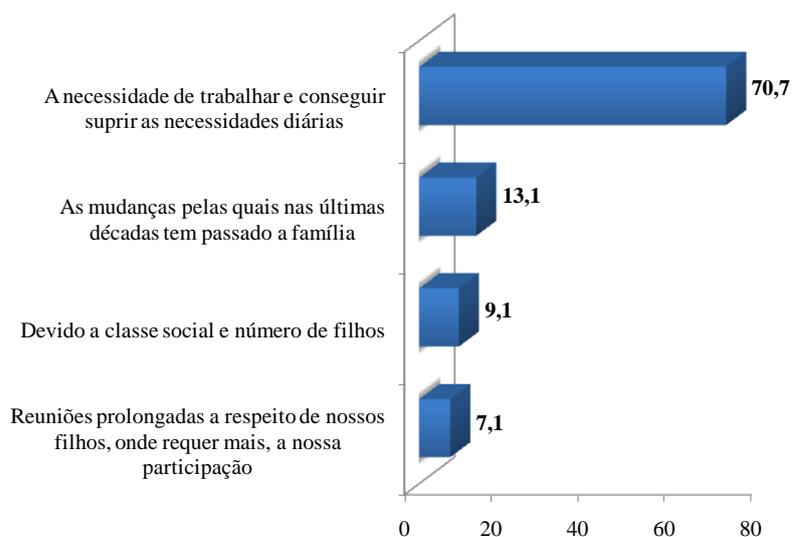


Figura 6. Distribuição dos familiares acerca da questão: "O que tem levado a família a se afastar da escola".

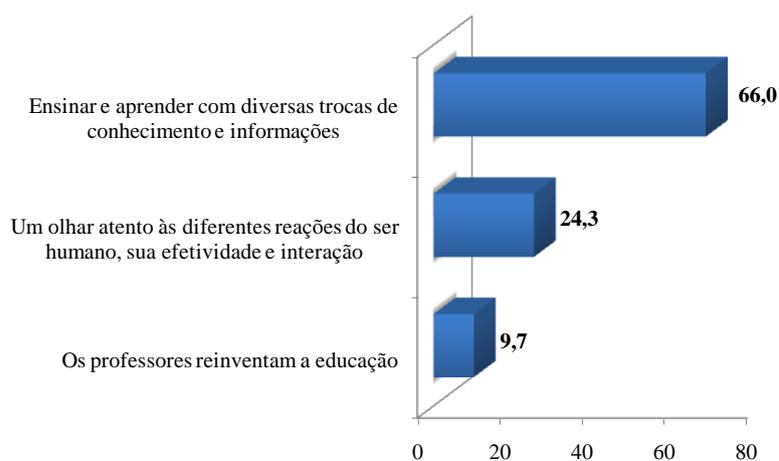


Figura 7. Distribuição dos familiares acerca da questão: "O que a escola tem de atrativo em seus conceitos escolares".

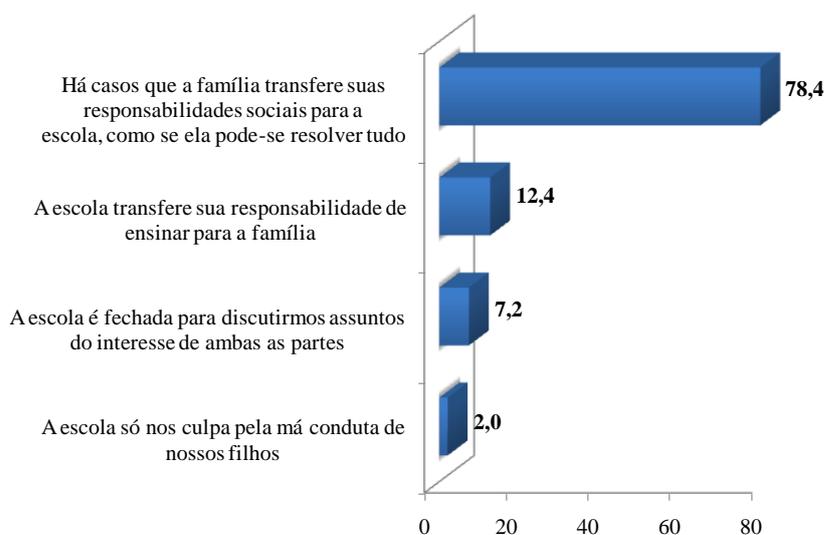


Figura 8. Distribuição dos familiares acerca da questão: "Observamos que é necessária a troca de saberes entre vocês, e a escola, e que juntas sempre buscaram soluções, o que quebrou esta parceria".

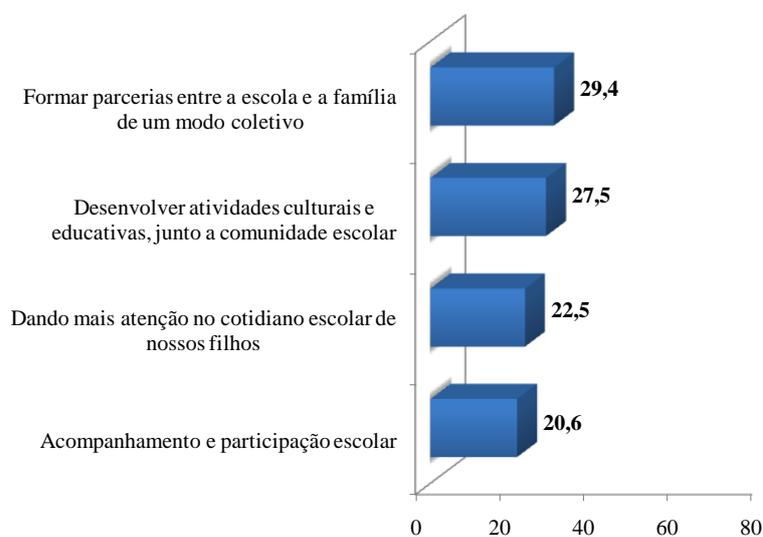


Figura 9. Distribuição dos familiares acerca da questão: "Em sua visão, como a família poderia ser parceira e cooperar com a escola".

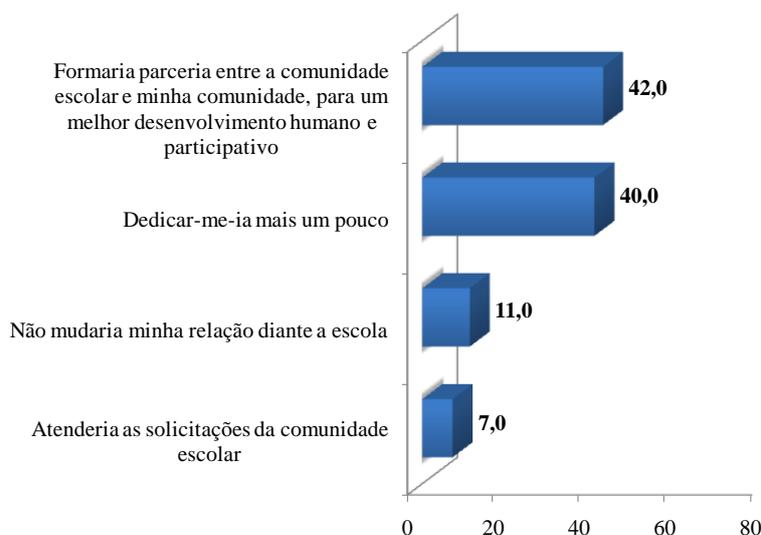


Figura 10. Distribuição dos familiares acerca da questão: "Que atitude você faria para que suas relações com a escola fluíssem".

Na tabela 3 temos a avaliação dos familiares acerca da relação escola-família e a comunidade escolar. Verifica-se que a maioria dos familiares considera muito boa: a relação entre a escola x família x conhecimento (81,0%), a relação pessoal para com a escola (53,0%), a relação da família com a escola (68,0%) e a qualidade da comunidade escolar (83,0%). O teste de comparação de proporção foi significativo em todos os fatores avaliados (p-valor menor que 0,05), indicando que a avaliação descrita é relevantemente a mais frequente entre os familiares avaliados, exceto para a relação pessoal com a escola em que o p-valor = 0,549, indicando um número semelhante de entrevistados que considera boa e muito boa a sua relação pessoal com a escola.

Para Reis (2007) os pais devem tomar consciência de que a escola não é uma entidade estranha, desconhecida e que sua participação ativa nesta é a garantia da boa qualidade da educação escolar. As crianças são filhos e estudantes ao mesmo tempo. Assim, as duas mais importantes instituições da sociedade contemporânea, a família e a escola, devem unir esforços em busca de objetivos comuns.

Tanto para a família quanto a escola desejam a mesma coisa: preparar as crianças para o mundo; no entanto a família tem suas particularidades que a diferenciam da escola. A escola tem sua metodologia e filosofia para educar uma criança, no entanto ela necessita da família para concretizar o seu projeto educativo (PAROLIN, 2003, p. 99)

Por meio disto, é possível analisar que a escola precisa demonstrar seu plano de atuação para a família. Parolin (2003 apud SOARES, 2002) destaca que a família está precisando das parcerias da escola, que ela não dá conta da educação dos filhos sozinha. Sendo assim, é notório o auxílio da escola na família para efetivação da educação e ensino.

De acordo com López (2009) sabendo que o aluno fica na escola um longo período, o professor deve ter responsabilidades imprescindíveis. As atividades docentes precisam ser congregadas em quatro grandes categorias: as estritamente didáticas, as de orientação, as vinculadas ao contexto social e as ligadas à formação permanente.

Tabela 3. Avaliação dos familiares acerca da relação escola-família e a comunidade escolar.

Questão avaliada	Avaliação				p-valor ¹
	Muito ruim	Ruim	Boa	Muito boa	
Q5.Como você define a relação entre a escola X família X conhecimento	0(0,0%)	0(0,0%)	19(19,0%)	81(81,0%)	<0,001
Q7.Que relação você tem com a escola	0(0,0%)	0(0,0%)	47(47,0%)	53(53,0%)	0,549
Q13.Hoje em dia, como está a relação da família com a escola	0(0,0%)	4(4,0%)	28(28,0%)	68(68,0%)	<0,001
Q16.Como você avalia a comunidade escolar	1(1,0%)	0(0,0%)	16(16,0%)	83(83,0%)	<0,001

¹p-valor do teste Qui-quadrado para comparação de proporção.

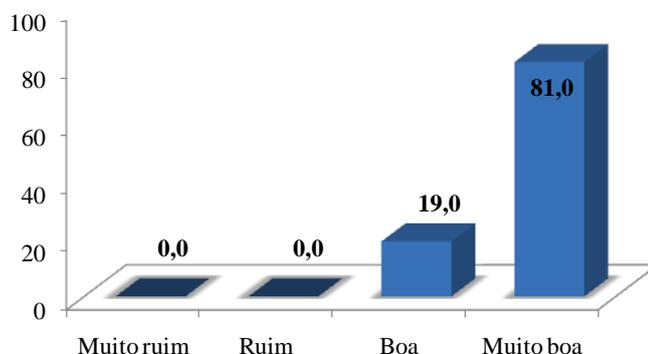


Figura 11. Distribuição da percepção dos familiares acerca de: "Como você define a relação entre a escola x família x conhecimento".

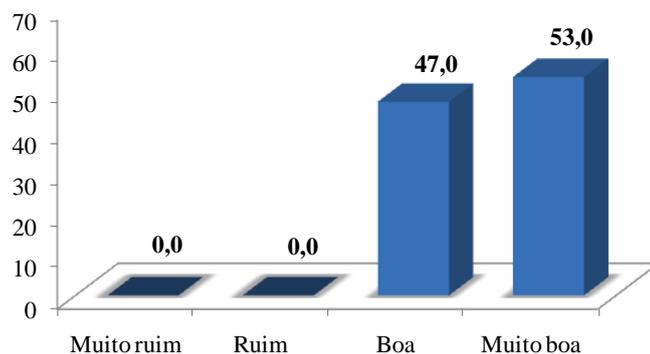


Figura 12. Distribuição da percepção dos familiares acerca de: "Que relação você tem com a escola".

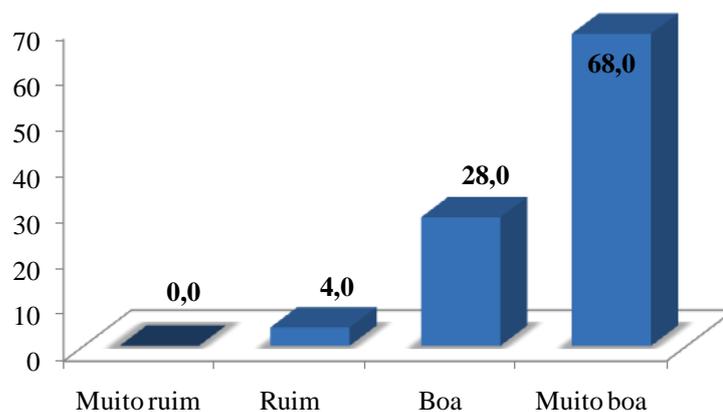


Figura 13. Distribuição da percepção dos familiares acerca de: "Hoje em dia, como está a relação da família com a escola"

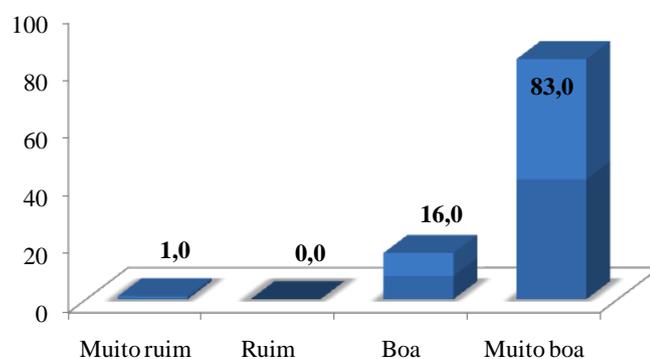


Figura 14. Distribuição da percepção dos familiares acerca de: "Como você avalia a comunidade escolar"

Na tabela 4 temos a avaliação da participação da família com as atividades estudantis. Verifica-se que a maioria dos familiares afirmaram que tem participado das atividades escolares do seu filho (57,0%); percebe que sua participação nas atividades escolares altera o rendimento do aluno (78,0%); a escola tem demonstrado alguns interesses pela participação da família na escola (88,0%) e a direção da escola abre espaço para a participação dos familiares nos planos escolares (88,0%). O teste de comparação de proporção foi significativo em todas as questões avaliadas (p -valor $< 0,05$), indicando que o perfil descrito é relevantemente o mais frequente no grupo de familiares avaliados.

López (2009, p.8) afirma que: Indiscutivelmente, a família tem um papel predominante no aprendizado de seu filho, pois sendo a família o primeiro grupo de convivência da criança. No entanto, a família é um elemento primordial na formação desse indivíduo, cabendo a mesma, motivar e ajudar nas atividades extra classe para o bom desempenho escolar.

É importante levar em conta que as tarefas de casa são estratégias de ensino que proporcionam a fixação e a revisão de conteúdo, reforçando e preparando para as aulas e para as avaliações através das leituras, exercícios e até mesmo de atividades familiares que estarão enriquecendo o que é proposto no currículo escolar, além de estar conectando o que é visto em sala de aula com o seu dia-a-dia (CARVALHO, 2006).

O processo educativo da criança é iniciado no convívio familiar onde desenvolve os afetos, adquirindo as primeiras lições de socialização, formando os alicerces que construirão sua identidade. Para tanto a escola deverá conhecer seu universo social e, alargar essa compreensão, é o grande desafio que os educadores têm pela frente, levando em consideração o fato de que a escola seja um espaço para se aprender a aprender o conhecimento histórico e também exercitar a convivência. (MELO, 2005).

Paro (2000, p. 119) afirma que a direção, a coordenação e vários professores acreditam na necessidade e buscam atrair os pais para ela. O que se acredita é que a permanência desse clima e a concretização positiva da experiência com os pais e os servidores da escola criem uma cultura de participação que seja favorável a um processo escolar de maior qualidade e de proveito para os objetivos de ensino.

A participação dos pais na Educação dos Filhos no Contexto Escolar é considerada essencial, afirma Lopes: É importante que os pais ou responsáveis pelas crianças demonstrem interesse em tudo no que diz respeito à escola do filho, para que ele perceba que estudar é algo prazeroso e indispensável para a vida. A participação dos pais na

educação formal dos filhos deve se proceder da maneira constante e consciente, integrando-se ao processo educacional, participando ativamente das atividades da escola. Essa interação só tem a enriquecer e facilitar o desempenho escolar da criança. (LÓPEZ, 2009, p.4).

Segundo Parsons (1996, p. 5) “O sistema consiste numa pluralidade de atores individuais que interagem entre si numa situação que tem, ao menos, um aspecto físico ou de meio ambiente, atores motivados por uma tendência a atingir um ótimo de gratificação e cujas relações com suas situações - incluindo outros atores – são mediados e definidas em termos de um sistema de símbolos culturalmente compartilhados e estruturados”.

Carvalho (2000) também coloca que o sucesso escolar depende do apoio direto da família, que segundo ele, deve ser investido nos filhos a fim de compensar tanto as dificuldades individuais, quanto as deficiências escolares, pois nos casos de sucesso escolar, sempre está por trás o apoio dos pais em tempo integral.

Tabela 4. Avaliação da participação da família com as atividades estudantis.

Questão avaliada	Frequencia				p-valor ¹
	Não	Às vezes	Pouco	Sim	
Q11. Você tem participado freqüentemente das atividades escolares do seu filho	6(6,0%)	12(12,0%)	25(25,0%)	57(57,0%)	<0,001
Q12.Quando você participa, percebe que o rendimento escolar dele melhorou ou retrocedeu	1(1,0%)	5(5,0%)	16(16,0%)	78(78,0%)	<0,001
Q14.A escola tem demonstrado alguns interesses pela participação da família na escola	2(2,0%)	3(3,0%)	7(7,0%)	88(88,0%)	<0,001
Q17.A direção da escola abre espaço para a participação de vocês nos planos escolares	2(2,0%)	4(4,0%)	6(6,0%)	88(88,0%)	<0,001

¹p-valor do teste Qui-quadrado para comparação de proporção.

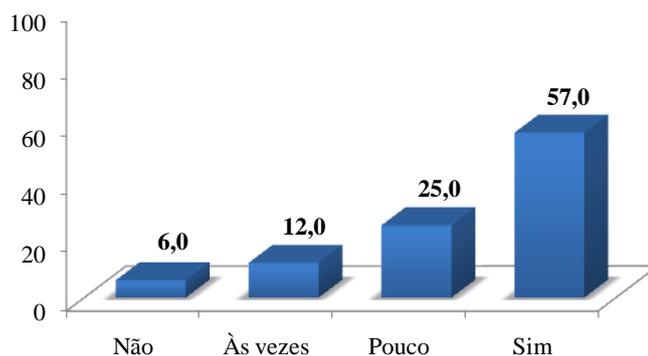


Figura 15. Distribuição da percepção dos familiares acerca de: "Você tem participado freqüentemente das atividades escolares do seu filho".

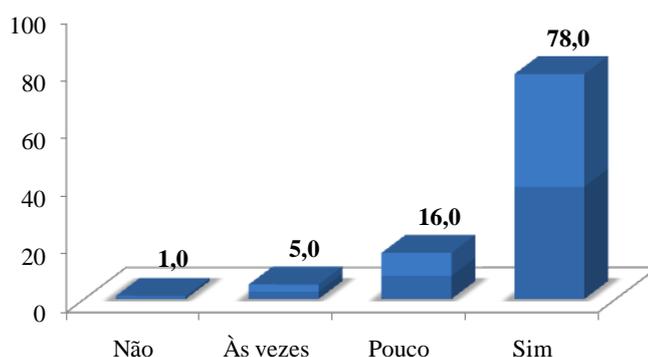


Figura 16. Distribuição da percepção dos familiares acerca de: "Quando você participa, percebe que o rendimento escolar dele melhorou ou retrocedeu".

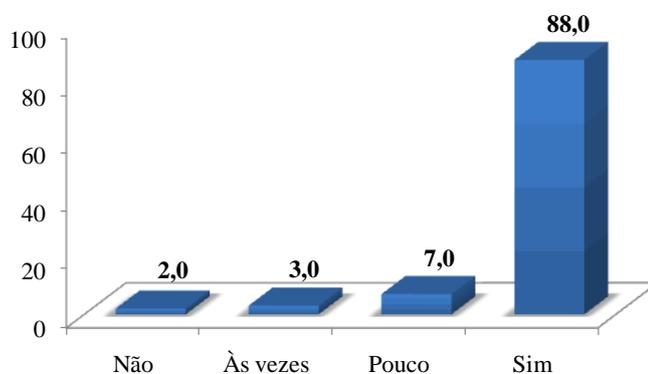


Figura 17. Distribuição da percepção dos familiares acerca de: "A escola tem demonstrado alguns interesses pela participação da família na escola".

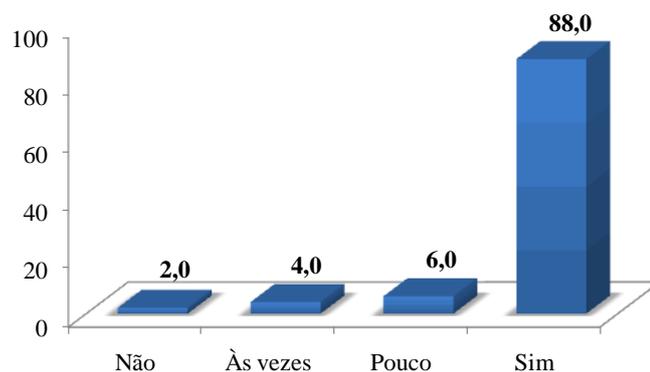


Figura 18. Distribuição da percepção dos familiares acerca de: "A direção da escola abre espaço para a participação de vocês nos planos escolares".

4.2 - Apresentação e discussão dos resultados obtidos através da análise qualitativa

Após a aceitação pelas professoras e agendamento para realização das entrevistas, as mesmas foram realizadas, preservando todo anonimato do entrevistado assim como confinamento para acesso as gravações. Após realização das mesmas, em um segundo momento foram transcritas para procedimentos relacionados as análises dos discursos. (Apêndice).

As Formações Discursivas (FD) trabalhadas nesta dissertação determinam os discursos de acordo com as categorias que emergem a produção discursiva. Esta produção foi reunida em 06 (seis) Formações Discursivas (FD): Identificação do Entrevistado, Conceito de Alfabetização, Conceito de Letramento, Prática Pedagógica, Escola/Família X Alfabetização/Letramento e Formação Pessoal.

4.2.1 - (FD) Identificação do Entrevistado

A partir da entrevista realizada com os 11 (onze) professores que participaram desta investigação, foi possível traçar um real perfil, reunindo questões sobre gênero, idade, grau de instrução, tempo de função e turma que leciona, colaborando satisfatoriamente para uma análise mais definida de quem são esses sujeitos na Formação Discursiva (FD) perfil das professoras (Tabela).

Tabela - Distribuição da Identificação do entrevistado

Professor	Gênero	Idade	Grau de Instrução	Tempo de Função	Turma que leciona
P1	F	38	Superior	3 anos	Pré II
P2	F	41	Especializada	12 anos	Pré I
P3	F	64	Superior	19 anos	1º ano
P4	F	52	Especializada	21 anos	3º ano
P5	F	44	Especializada	21 anos	5º ano
P6	F	57	Especializada	30 anos	1º ano
P7	F	59	Especializada	28 anos	3º ano
P8	F	46	Especializada	19 anos	4º ano
P9	F	47	Especializada	21 anos	2º ano
P10	F	49	Especializada	25 anos	Pré II
P11	F	48	Especializada	19 anos	4º ano

As professoras estão representadas pela letra “P” acompanhada de um número arábico, facilitando assim a exposição dos resultados e conservando o anonimato das entrevistadas. De acordo com a tabela é possível observar a predominância do gênero feminino no quadro docente, outro fator importante é a permanências das mesmas no ensino superior e especialização, assim como a atuação na Educação Infantil e Ensino Fundamental dos anos iniciais.

Segundo Krammer (2008), as atividades do magistério estão ligadas as funções exercidas pelas mulheres, caracterizadas por circunstâncias que reproduzem o meio, o dia a dia e as atividades domésticas.

Na tabela 4, observamos que todas as professoras participantes da pesquisa são do gênero feminino, na faixa etária entre 38 e 64 anos. O tempo de função varia de 03 a 30 anos, todas possuem Ensino Superior Completo, apenas 09 (nove) delas são especializadas na área de educação.

A LDBEN (9394/96) aponta em sua Seção VI e Art. 62 que a formação do professor para exercer suas funções do magistério na educação básica far-se-à em nível superior, em cursos de licenciaturas, [...] admitida, como formação mínima.

Esses dados demonstraram também, que, apesar da exigência mínima a titulação ofertada no nível médio, as docentes da amostra buscaram uma evolução nos estudos. Pois a formação do professor é parte fundamental no desenvolvimento da educação (NÓVOA, 1992).

Masetto (2000) destaca que para o desenvolvimento de professores competentes, é necessário possuir a capacidade de ir à busca de novas informações e a partir dessas,

construir novos conhecimentos frente a aprendizagem. Conhecimento que se encontram em constante mudança.

4.2.2 – (FD) Conceito de Alfabetização

Foram agrupados na FD conceitos acerca da alfabetização os depoimentos das professoras referentes ao pensamento que cada uma possui sobre alfabetização. Através da AD do corpus relacionado a esta FD, constatou-se que as professoras P1, P2, P5, P6, P8, P9 e P10 mencionam este processo como aquisição da leitura e escrita.

Para Soares (2008, p. 15), não é apropriado que a alfabetização nomeie tanto o processo de obtenção da língua escrita quanto o seu desenvolvimento. Pois é um processo onde se apropria do código escrito e de competências para ler e escrever, uma vez que etimologicamente, o vocábulo alfabetização restringisse a “[...] levar à aquisição do alfabeto”.

Já a P3 e P11 vai mais além, relata que a criança adquire o conhecimento e começa a conhecer palavras, frases e textos.

Segundo Kramer (2010, p.98) alfabetizar não se restringe à decodificação e à aplicação de rituais repetitivo da escrita, leitura e cálculo. A criança não compreende as situações que a rodeiam, não identifica os objetos e se expressa de várias formas antes de falar. Similarmente, diversas tentativas de produção da escrita e diversificadas experiências de ler antecedem a leitura/escrita da criança.

Para Cagliari (2010) escrever e ler:

São duas atividades da alfabetização conduzidas mais ou menos paralelamente. Ensina-se a ler e escrever letras, famílias silábicas, palavras, frases e textos. Na prática, ao longo do ano escolar, se dá mais ao aluno com relação à escrita do que a leitura. Exige-se mais do aluno com relação à escrita do que com relação à leitura. Isso se deve ao fato de a escola saber avaliar mais facilmente os acertos e erros da escrita e não saber muito bem o que o aluno faz quando lê, sobretudo quando ele lê em silêncio (CAGLIARI, 2010, p.147)

Ferreiro (1985) pontua que a alfabetização – aprendizagem do sistema escrita – incorpora o letramento - práticas sociais da leitura e de escrita – pois a alfabetização é um longo processo de aprendizagem que inicia bem antes da escola onde se espera que a criança seja alfabetizada a aprenda a ler e escrever.

FD: Conceitos da alfabetização	
Identificação da Professora	Excerto de Depoimentos (ED)
P1	“(…) é uma codificação e decodificação de uma língua... apresenta a criança a socialização de forma lúdica, cheia de interações e brincadeiras, tornando letrada e crítica no meio social”.
P2	“(…) processo onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever... como também a codificação da escrita das letras”.
P3	“(…) quando a criança ler e escreve... desenvolvimento da socialização na evolução intelectual e coordenação motora, prepara o aluno para chegar conhecendo letras e pequenos textos”.
P4	“(…) apropriação do sistema da escrita... fundamental para um bom desenvolvimento.
P5	“(…) é o processo de desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita... é de fundamental importância, o alicerce da leitura e escrita”.
P6	“(…) é o aprendizado através da leitura e escrita, compreendendo o alfabeto como código de comunicação... faz com que a criança nessa fase desenvolva o domínio da leitura e escrita no contexto social”.
P7	“(…) compreendo que alfabetização é o primordial, é a base para o desenvolvimento educacional da criança... faz a diferença no ensino e aprendizagem da criança e torna como competência para o decorrer da sua vida”.
P8	“(…) consiste no aprendizado do alfabeto e de suas letras como código de comunicação, a apropriação do sistema da escrita, que pressupõe a compreensão e domínio da leitura e escrita”.
P9	“(…) é o processo de aprendizagem dos códigos alfabéticos para aquisição da leitura e escrita”.
P10	“(…) processo de compreender a leitura e escrita”.

P11	“(…) processo de conhecimento de um código para em seguida ser complementado por palavras, frases, etc.”
-----	--

Quadro . Apresentação da ED das professoras, agrupadas na FD “conceito da alfabetização”.
Fonte: Entrevista aplicada (2020)

Por meio dos segmentos de depoimentos das professoras foi possível conferir vários conceitos acerca da alfabetização, indicando que a consideram ser um processo que vai além da aquisição dos códigos alfabéticos, pois para algumas a leitura e escrita de palavras, frases e textos são fundamentais na alfabetização, pois o que se aprende é levado para a vida.

Frente a esse contexto, Soares (2005) nos diz que o termo alfabetização designa o ensino e o aprendizado de uma tecnologia de representação da linguagem humana, a escrita alfabético-ortográfica.

Ressaltando no depoimento das professoras: P7 afirma que “a alfabetização é primordial, é a base para o desenvolvimento educacional da criança... faz a diferença no ensino e na aprendizagem da criança e torna como competência para o decorrer de sua vida”; a P10 compreende a alfabetização como “processo de compreender a leitura e escrita”; P3 expõe “quando a criança ler e escreve... desenvolve a socialização na evolução intelectual e coordenação motora, prepara o aluno para chegar conhecendo letras e pequenas palavras”.

Cada discurso conserva iterações bem próximas. Pinto (2010, p. 56) expõe que: “o discurso é movimento dos sentidos, é a palavra se metamorfoseando pela história, pela língua e pelo sujeito além de constituir um conjunto de práticas sociais do homem na sua relação com a realidade”.

Observa-se que a partir do depoimento da professora P6 “é o aprendizado através da leitura e escrita, compreendendo o alfabeto como código de comunicação... faz com que a criança nessa fase desenvolva o domínio da leitura e escrita no contexto social” e no da P8 “consiste no aprendizado do alfabeto e de suas letras como código de comunicação, a apropriação do sistema da escrita, que pressupõe a compreensão e domínio da leitura e escrita”. Nesses depoimentos percebe-se a existência de dois processos simultâneos e distintos, onde a alfabetização antecipa o letramento.

De acordo com Soares (2003, p. 20) só recentemente passamos a enfrentar esta nova realidade social em que não basta apenas saber fazer uso do ler e escrever, saber responder as exigências de leitura e escrita que a sociedade faz continuamente.

Identifica-se ainda nas falas das professoras P2, P5, P9, P10 e P11 que a alfabetização se restringe a aquisição da leitura e escrita, o que justifica a importância de preparar a criança para descoberta do ler e escrever.

Para Leal (2004, p. 107) escrever palavras mesmo antes de dominar a escrita alfabética e sem que haja treino dessas palavras era uma atividade pouco frequente quando se acreditava que a aprendizagem ocorria através da memorização dos padrões silábicos. A partir do momento em que se percebeu que os alunos são capazes de pensar e tentar descobrir a lógica das relações entre escrita e som, passou-se a solicitar com mais frequência, que os alunos, mesmo nos estágios iniciais da aprendizagem, escrevam. Nessas atividades, os alunos fazem um esforço grande de tentar descobrir quantas e quais letras utilizar para escrever. Assim, eles mobilizam todos os conhecimentos construídos e buscam o apoio nos professores, nos colegas, nos recursos que estão no ambiente escolar, e aos poucos começam a grafar cada pedaço das palavras.

4.2.3 – (FD) Conceito de Letramento

Foram agrupados na FD compreensão acerca do letramento os depoimentos das professoras referentes à visão que cada uma apresenta em relação ao letramento. Por meio da AD do corpus referente a esta FD, foi possível constatar que a professora P4 foi bem resumida no seu discurso: “fazer uso do conhecimento.” Já a P7 relata que o letramento “se dá quando a criança já tem uma competência leitora definida, compreendendo o que ler e sabendo interpretar de forma crítica e capaz de questionar as ideias do texto em que está lendo”. As demais professoras nos seus discursos caracterizam-se o letramento como um entendimento do que lê no dia a dia.

FD: Conceitos de Letramento	
Identificação da Professora	Excerto de Depoimentos
P1	“(…) seria o sentido e o significado de alfabetização e o uso da língua no cotidiano”.
P2	“(…) é um processo onde o aluno desenvolve o uso da leitura e da escrita no cotidiano”.
P3	“(…) é quando o aluno ler e interpreta”.
P4	“(…) fazer uso do conhecimento”.

P5	“(…) é quando o sujeito já está desenvolve competência de leitura e escrita no meio social”.
P6	“(…) é o aprendizado da leitura e escrita utilizadas nas práticas sociais”.
P7	“(…) se dá quando a criança já tem uma competência leitora definida, compreendendo o que ler e sabendo interpretar de forma crítica e capaz de questionar as ideias do texto em que está lendo”.
P8	“(…) uso competente da leitura e escrita nas práticas sociais”.
P9	“(…) é a compreensão da leitura e escrita na prática social”.
P10	“(…) é compreender, interagir, modificar, mecanismos de interação social”.
P11	“(…) quando você entende o que ler e escreve e usa no seu dia a dia”.

É possível observar nos discursos das professoras P3 e P4, que o letramento está vinculado a habilidade de ler e interpretar. O letramento é visto como um campo vasto de conhecimento que são construídos através das relações estabelecidas no meio social.

Klein (2000, p. 11) explica que o letramento:

são hoje, uma das condições necessárias para a realização do cidadão: ele o insere num círculo extremamente rico de informações, sem as quais, ele, inclusive, nem poderia exercer livre e consciente sua vontade [...] o homem contemporâneo é afetado por outros homens, fatos e processos por vezes tão distraídos do seu cotidiano que somente uma rede muito complexa de informações pode dar de conta de situá-lo, minimamente, na teia de relações em que se encontra inseridos. Neste universo, tão mais vasto e complexo, a escrita assume relevante função, registrando e colocando ao seu alcance as informações que podem esclarecê-lo melhor.

Para as professoras P8 e P9 há uma grande relação no pensamento, ambas abordam o uso da leitura e escrita nas práticas e interações sociais. De acordo com Mortatti (2004) o letramento é uma manifestação complexa, sustentada na relação com a alfabetização, porém apresentando suas singularidades.

Alguns relatos mostram que para habilitar o sujeito a utilizar à escrita e a leitura nos mais diversos contextos requer inserção desses alunos nas práticas sociais, ampliando assim a utilização dos diversos gêneros desde a mais tenra idade.

Ferreiro e Teberosky (1979) alertam para a importância do papel da instituição escolar na inclusão da criança na cultura escrita desde cedo, bem como outras necessidades referentes ao desenvolvimento e realidade.

Para as professoras P1, P2, P5, P6, P8, P9, P10 e P11 o letramento implica no sentido de utilizar a leitura e escrita nas práticas sociais. Sendo assim, a alfabetização é a obtenção do sistema tradicional da escrita, enquanto que o letramento remete ao desenvolvimento do uso desse sistema em ações de leitura existentes na prática social. Portanto nesse contexto, “o letramento é uma variável contínua, e não discreta ou dicotômica”. (SOARES, 1998, p. 71)

De acordo com Martins (1999), o ato de ler é usualmente relacionado com a escrita e a esse respeito é possível que se percebam diversas formas de leitura, tais como ler o olhar de alguém, ler o tempo, ler o espaço. A leitura é importante para o desenvolvimento humano, em todos os sentidos.

4.2.4 - (FD) Prática Pedagógica

Os discursos das professoras relacionados à prática pedagógica, considerando os processos de alfabetização e letramento.

Através da AD do corpus referente a esta FD, verificou-se que todas as professoras planejam suas aulas, assim como as atividades para as crianças, algumas declaram claramente a relação dessas atividades com alfabetização e letramento.

Segundo Silva (2012):

Quem se dispõe a entrar numa sala de aula para ensinar tem que saber satisfatoriamente aquilo que ensina, tem que dominar os conteúdos e suas disciplinas, para orientar a leitura, o professor tem que ser leitor, com paixão por determinados textos ou autores e ódios por outros (SILVA, 2012, p.14)

Os Excertos de Depoimentos (ED) podem ser identificados no quadro .

FD: Prática Pedagógica	
Identificação da Professora	Excerto de Depoimentos
P1	“(...) receita, relatos de experiência, lista de preferências, entre outros”.
P2	“(...) atividades lúdicas com uso de alfabeto móvel, massa de modelar, até mesmo o quadro para iniciar o aprendizado das letras”.

P3	“(…) trabalhos com letras móvel, fichas com nome próprio, lista de nomes dos colegas, chamada para leitura no quadro e em livros, pesquisa de palavras trabalhando letras iniciais, medianas e finais, leitura de texto trabalhando a interpretação e distribuição de livros para leitura em sala e casa”.
P4	“(…) atividades lúdicas”.
P5	“(…) ditados (de frase, de texto): formação de frases, produção e reescrita”.
P6	“(…) ordem alfabética, som inicial, separação silábica, caça-palavras, ditado, leitura compartilhada”.
P7	“(…) gosto muito de ditado, de palavras, frases e pequenos textos, fazendo uma correção coletiva de maneira que todos possam ver onde pode melhorar, roda de leitura é uma atividade bastante produtiva e satisfatória que realizo com minha turma”.
P8	“(…) atividades de leitura com textos que circulam e sua função social, atividades desafiadoras de oralidade, ditado, entre outras”.
P9	“(…) trabalho com os nomes dos alunos, contato com material escrito: embalagens, revistas e jornais, alfabeto móvel, brincadeiras com rimas”.
P10	“(…) alfabeto móvel, bingo das silabas, conto, ditado, etc.”
P11	“(…) uso do alfabeto móvel, ditados, mural com textos e atividades no livro e xerocada”.

As professoras P6 e P7 em seus discursos relatam construírem seus planejamentos visando a especificidade e o sucesso de cada aluno.

Charlot (2005) reforça que ensinar é um ato complexo, dinâmico, difícil de ser analisado separadamente do aprender. Sendo o professor o profissional que trabalha com o processo ensino-aprendizagem, essa passa a ser uma profissão complicada para ser estudada. As múltiplas facetas do ato de ensinar e de aprender não convergem para um único ponto, dificultando assim sua análise. E, ainda, não se pode desconsiderar que a atividade docente se dá no âmbito da escola, que possui estrutura definida que interfere no trabalho desse profissional.

Conforme Vasconcellos (2000, p. 35), “planejar é antecipar mentalmente uma ação a ser realizada e agir de acordo com o previsto, é buscar fazer algo incrível, essencialmente humano: o real ser comandado pelo ideal”.

Identifica-se na fala da P4 que seu planejamento é em cima de “atividades lúdicas”, porém a mesma não explica os tipos de atividades. Já a P7 relata “(…) gosto muito de ditado de palavras, frases e pequenos textos, fazendo uma correção coletiva de maneira

que todos possam ver onde pode melhorar, roda de leitura é uma atividade bastante produtiva e satisfatória que realizo com minha turma”.

Neste sentido, Leal (2004, p.77) afirma que:

é imprescindível, no processo pedagógico, que nós professores, planejemos nossa ação considerando os princípios teórico-metodológicos que desejamos adotar, os conhecimentos já construídos pelos alunos dentro e fora da escola sobre o objeto de ensino e a natureza do conhecimento a ser focado.

O planejamento faz parte do nosso cotidiano. Quando acordamos nos colocamos a pensar o que temos para fazer, em que ordem precisamos realizar cada atividade, quanto tempo é necessário para executar a atividade pensada e ainda nos perguntamos, será que vamos conseguir? É possível ocorrer algum imprevisto?

Nesta perspectiva Libâneo (1993, p. 221) afirma que “o planejamento é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face de objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino”.

Cagliari (2002) afirma que o professor precisa saber como acontece o processo de aquisição do conhecimento de seus alunos, de como eles se situam em termos de desenvolvimento emocional e de como eles vêm evoluindo no processo de interação social, pois assim, o ele pode encaminhar o processo de aprendizagem de forma agradável e produtiva. Dessa forma, ele estará mais livre para selecionar métodos e técnicas, buscando os rumos e o ritmo que considerar mais adequados a sua turma, colocando sua sensibilidade acima de qualquer modelo pré-estabelecido.

Quanto à realização das atividades que estimulem os processos de alfabetização e letramento, no depoimento da P3, “(...) trabalhos com letra móvel, ficha com nome próprio, listas dos nomes dos colegas, chamada para leitura no quadro e em livros, pesquisa de palavras trabalhando letras iniciais, medianas e finais, leitura de texto trabalhando a interpretação e distribuição de livros em sala e casa”. A P9 relata “(...) trabalho como os nomes dos alunos, contato com material escrito: embalagens, revistas e jornais, alfabeto móvel, brincadeiras com rimas”.

De acordo com Libâneo (1994, p.22) o planejamento tem grande importância por tratar-se de: “um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social”

López (2009) comenta que os alunos com dificuldades devem receber apoio complementar que os ajude a alcançar as metas escolares. E, em tudo isso, há um denominador comum: a informação constante aos pais, para que saibam o tempo todo do andamento dos estudos dos filhos e, se convém tomar medidas suplementares, que se faça isso de comum acordo entre a escola e família.

Quanto mais se planeja, o professor consegue desenvolver uma aprendizagem significativa e daí a criança percebe e tem uma melhor concepção do processo que está vivendo na educação, desenvolvendo assim a alfabetização e letramento.

Gadotti (2000, p. 9) afirma que “nesse contexto, o educador é um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação. Ele precisa construir conhecimento a partir do que faz e, para isso, também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o que fazer dos seus alunos”.

Para Brandão e Leal (2010, p. 24) é função do docente, ao decorrer desta etapa, “planejar atividades que contribuam para a alfabetização na perspectiva do letramento”.

4.2.5 - (FD) Tensões entre família e escola acerca de alfabetização e letramento

Os depoimentos das professoras associados à relação entre Escola e Família foram agrupados na FD Escola/Família X Alfabetização/Letramento.

As professoras ainda sentem a necessidade da intervenção familiar nas atividades escolares, pois a participação da família é insatisfatória. A maioria menciona que a família pouco participa da vida escolar dos filhos e as expectativas de melhoramento ainda são poucas.

FD: Tensões entre família e escola acerca de alfabetização e letramento.	
Identificação da Professora	Excerto de Depoimentos
P1	“(…) a família tem negligenciado seu papel, deixando a carga da escola, formar, educar e instruir a criança”.
P2	“(…) infelizmente nem todos, principalmente se falando da educação infantil, onde se tem a ideia que a criança só brinca, mas isso já está melhorando”.
P3	“(…) nem todos participam”.
P4	“(…) posso afirmar que não”.
P5	“(…) em parte sim”.

P6	“(…) na maioria não”.
P7	“(…) devo colocar que uma parte das famílias ainda se preocupa com o processo ensino-aprendizagem”.
P8	“(…) não”.
P9	“(…) a maioria dos pais participam no processo ensino-aprendizagem, é perceptível nos deveres de casa”.
P10	“(…) algumas”.
P11	“(…) em parte. Existe um grupo de família que sempre estão presentes na escola”.

Através dos depoimentos das professoras, é possível perceber algumas relações quanto à família e escola no processo de alfabetização e letramento. Ao observar o relato da P7 “(…) devo colocar que uma parte das famílias ainda se preocupa com o processo ensino-aprendizagem dos alunos”.

López (2009) defende que: a eficácia da educação escolar depende do grau de implicação, enfim, do grau de participação dos pais, do mesmo modo que a educação familiar não deve encontrar na escola uma concepção oposta a sua.

Segundo Reis (2007, p. 6) a escola surgiu para complementar à educação familiar, por isso a necessidade de os pais sempre estarem buscando acompanhar o desempenho educacional de seus filhos.

A escola nunca educará sozinha, de modo que a responsabilidade educacional da família jamais cessará. Uma vez escolhida à escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre escola, pais e filhos. (REIS, 2007, p. 6)

De acordo com Oliveira (2011) o professor tem deixado de ser um mero transmissor de conhecimentos para ser mais um orientador, um estimulador de todos os processos que levam os alunos a construir seus conceitos, valores, atitudes e habilidades que lhes permitam crescer como pessoas, como cidadãos e futuros trabalhadores, desempenhando uma influência verdadeiramente construtiva.

Pelo que observamos existe a família que acompanha como também as que largam as crianças na escola e esperam que a mesma exerça o papel da família que é educar, não percebendo que a escola tem o papel de despertar o conhecimento. No discurso da P1, é possível perceber a ausência da família na escola quando a mesma relata “(…) a família tem negligenciado seu papel, deixando a cargo da escola, formar, educar e instruir a criança”.

É possível reconhecer que o letramento muitas vezes está atrelado ao que a criança traz na sua bagagem extraescolar, e esses conhecimentos devem ser aproveitados ao máximo no desenvolvimento da leitura e escrita.

Identifica-se a partir dos ED da P9, “(...) a maioria dos pais participam no processo ensino-aprendizagem, é perceptível nos deveres de casa”. A preocupação em propiciar um ensino de qualidade deve ser meta da família, pois com a ajuda dessa instituição social, o rendimento será mais eficiente.

Para Silva (2011) partindo da prática social, o conteúdo terá sentido para os alunos, que irão construindo conhecimentos gradativamente e desenvolvendo uma atitude transformadora da sociedade, pois ele perceberá que conhecimento científico faz parte da sua vida e pode contribuir para melhorá-la. As atividades devem promover tanto a alfabetização como o letramento, de maneira, que o ensino do código alfabético seja conciliado com o seu uso social em diferentes ocasiões.

López (2009, p. 156) diz que a principal fonte de educação é a relação e o contato cotidiano entre pais e filhos.

Os depoimentos das P3, P5, P6 e P7 afirmam nos seus discursos uma participação muito pequena dos pais, o que na maioria das vezes tem dificultado a melhoria do ensino, principalmente no desenvolvimento da alfabetização e letramento que é a base escolar.

Já a P2, por está lecionando atualmente na Educação Infantil relata “(...) infelizmente nem todos, principalmente se falando da Educação Infantil, onde se tem a ideia que a criança só brinca, mas isso já esta melhorando”.

Faz-se necessário uma reavaliação das relações entre escola e sociedade, entre informação e conhecimento, entre fontes de informação provida pelos meios de comunicação e o trabalho escolar realizado pelo professor (LIBÂNEO, 1998, p.76).

4.2.6 – Formação Pessoal

Os discursos das professoras relacionados à formação pessoal, considerando o conhecimento acerca da alfabetização e do letramento, foram agrupados na ED (Formação Pessoal).

Através da AD do corpus referente a esta FD percebe-se que apesar de ouvirem falar do tema e participarem de formações específicas a maioria não esta preparada para

tratar dos mesmos com os colegas de profissão. Os Excertos de Depoimentos podem ser identificados no quadro.

FD: Formação Pessoal	
Identificação da Professora	Excerto de Depoimentos
P1	“(...) formações, trocas de experiências com colegas de profissão e pesquisas na internet...um pouco”.
P2	“(...) leitura, formações, busco conhecimentos e tento levar para a minha prática pedagógica...sim, tento me aprimorar”.
P3	“(...) novas metodologias...sim”.
P4	“(...) planejando com base no currículo...sempre que tenho oportunidade”.
P5	“(...) procurando sempre rever e mudar o que não deu certo...sim”.
P6	“(...) leitura e estudos...sei que o meu conhecimento sobre o assunto já me tira da lista dos leigos. Quanto ao meu colega, dependendo do nível dele, quem sabe se não vou aprender mais”.
P7	“(...) como professora, que já passei pela Educação Infantil e atualmente estou no Ensino Fundamental, posso dizer que sempre procuro melhorar minha prática, buscando novos conhecimentos e maneiras mais lúdicas de trabalhar com meus alunos...me sinto pouco preparada para tratar do tema alfabetização e letramento”.
P8	“(...) sempre procuro me manter atualizada...sim, porém preciso estudar mais sem pouco esses conceitos”.
P9	“(...) procuro participar de curso de aperfeiçoamento e formações continuadas...não, preciso me aprofundar”.
P10	“(...) pesquisar, estudar, atualizar-me como educador...sim”.
P11	“(...) sempre busco ler e me atualizar para fazer o melhor...ainda não, preciso estudar mais um pouco”.

É possível observar nos discursos das professoras P9 e P11 que apesar de se aperfeiçoarem com leituras, estudos, ainda não se sentem preparadas em tratar do tema alfabetização e letramento com os demais colegas de profissão.

Portanto é preciso compreender que alfabetização e letramento são práticas distintas, porém, indissociáveis, interdependentes e simultâneas. No entanto, a falta de compreensão destes termos gera grande confusão em seu uso teórico e prático, levando à perda da especificidade destas. (SOARES, 2003)

De acordo com Seber (2009, p. 26), “o ritmo próprio de cada criança para aprender pode variar tanto quanto a qualidade das estimulações propiciadas pelo meio social em que ela cresce.” O professor precisa, então, buscar novas metodologias e teorias que deem conta de tal diversidade em sala de aula, caso contrário, as dificuldades vivenciadas pelos alunos na alfabetização se arrastarão durante toda vida escolar, ou seja, dos anos iniciais até o ensino médio.

No discurso da P6 “(...) leitura e estudos... sei que o meu conhecimento sobre o assunto já me tira da lista dos leigos. Quanto ao meu colega, dependendo do nível dele, quem sabe vou aprender mais”. Com essa fala percebe-se que a mesma domina o conhecimento acerca da alfabetização e letramento, mas que sente a necessidade de ouvir de outros colegas algo que contribua e melhore as suas tensões.

O educador é aquele que tendo adquirido o nível de cultura necessário para o desempenho de sua atividade, dá direção ao ensino e a aprendizagem. Ele assume o papel de mediador entre a cultura elaborada acumulada e em processo de acumulação da humanidade (LUCKESI, 1993, p.115)

A P7 relata que “(...) como professora, que já passei pela Educação Infantil e atualmente estou no Ensino Fundamental, posso dizer que sempre procuro melhorar minha prática, buscando novos conhecimentos com meus alunos... sinto-me pouco preparada para tratar do tema alfabetização e letramento com meus colegas”.

É notório nos discursos a insegurança que as professoras apresentam em relação à alfabetização e letramento.

De acordo com Cagliari (1998, p. 107):

Estar na escola é um fato que cria expectativas. Mas alguns alunos podem ter uma visão muito restrita do que os espera. Por isso, é necessário que o professor, no início do ano, converse com seus alunos para saber de suas experiências com relação ao trabalho escolar que terão pela frente. Mas é bom também perguntar aos alunos quais são seus anseios. O que eles pretendem ler? O que eles pretendem escrever? O que pretendem fazer no começo da alfabetização? O que eles pretendem fazer depois, quando já souberem ler e escrever fluentemente? O que pretendem fazer depois, quando saírem da escola já formados?

Sabemos que no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica a uma inadequada aquisição do conhecimento acerca do tema investigado.

Já os discursos da P3 e P11, trazem bastante segurança, as mesmas relatam que a prática de estudar e inserir novas metodologias no cotidiano tem levado a uma melhor compreensão do que de fato é a alfabetização e o letramento.

Segundo Charlot (2005), ao saber da prática profissional é um saber que o professor tem e nem percebe que tem: esse saber só se mostra na prática, ou seja, quando o professor age e não fala sobre. As relações da prática pedagógica envolvem muito conhecimento e experiência pessoal. Desse modo, essa prática só poderá alterar-se na interação, na partilha, na análise e na discussão, dependendo assim de muito investimento na formação do professor.

O Professor contribui procurando conhecer os gostos de seus alunos e a partir daí escolher um livro ou uma história que vá ao encontro das necessidades da criança, adaptando o seu vocabulário, despertando esse educando para o gosto da leitura, deixando-o se expressar (SOARES, 2004, p.223)

No entender de Cagliari (2009),

A questão metodológica não é a essência da educação, apenas uma ferramenta. Por isso, é preciso ter ideias claras a respeito do que significa assumir um ou outro comportamento metodológico no processo escolar. É fundamental saber tirar todas as vantagens dos métodos, bem como conhecer as limitações de cada um. (CAGLIARI, 2009, p.38)

Segundo Silva (2011) o professor alfabetizador deve também utilizar métodos, criar estratégias de ensino de acordo com as características de seus alunos, sem esquecer que a educação é um ato político e deve romper com as situações de opressão que muitas vezes as pessoas sofrem e nem a percebem. Por fim, acredita-se que é possível, sim, atingir a qualidade na educação das classes de alfabetização, com práticas educacionais que utilizem diferentes metodologias, que proporcionem tanto o desenvolvimento da alfabetização quanto o desenvolvimento do letramento de cada sujeito, através do qual ele possa ser autor de sua vida e de transformações.

Capítulo V CONCLUSÕES



CAPÍTULO V – CONCLUSÕES

5.1 – Considerações finais

Considerando os objetivos a que se propôs essa pesquisa, os resultados encontrados servem como orientação para analisar as tensões enfrentadas pelos professores e familiares acerca dos conceitos de alfabetização e letramento no que diz respeito às controvérsias dos mesmos em uma escola do município de Arcoverde – PE.

Durante toda vida escolar, as pessoas são desafiadas a aprender. É importante ressaltar que a construção do conhecimento depende também do ritmo próprio de cada indivíduo e outros fatores que colaboram de maneira positiva ou negativa para a apropriação da aprendizagem.

À medida que as coisas acontecem no dia a dia, é importante buscar atitudes que colaborem para o avanço das dificuldades, visto que a leitura e a escrita necessitam ser aplicada e ensinada de maneira satisfatória.

Esta pesquisa aplicada é quanti-qualitativa, descritiva sob a forma de levantamento, analisando os pontos de vista de sua natureza, da forma de abordagem da problemática, dos objetivos a serem alcançadas e dos procedimentos técnicos utilizados.

Conforme o exposto, a presente pesquisa teve como objetivo analisar as tensões enfrentadas pelos professores e familiares acerca dos conceitos de alfabetização e letramento no que diz respeito às controvérsias dos mesmos em uma escola do município de Arcoverde-PE. Bem como, compreender as dificuldades dos professores no processo de alfabetização e letramento e identificar que metodologias são utilizadas para melhorar a aprendizagem dos alunos.

Durante a investigação realizada no decorrer do trabalho, percebe-se os vários ritmos que são vistos no processo da aprendizagem. Cada sujeito traz características diferentes e daí reflete na condução do desenvolvimento intelectual. Sendo assim, essas diferenças apontam a lentidão em alguns alunos e a rapidez em outros, quando se trata da aprendizagem.

Constatou-se que a gestão escolar, professores e familiares que formam a comunidade escolar, ainda não entendem na sua integridade o conceito de alfabetização e letramento, necessitando de um melhor entendimento para que haja avanços significativos na escola e na sala de aula. E esses conhecimentos promovam uma melhor

aquisição desses processos (alfabetização e letramento) que possibilitam os alunos descobrirem e explorarem a leitura e a escrita.

A investigação foi realizada com professores e familiares de uma escola pública do município de Arcoverde-PE, a coleta de dados foi desenvolvida por meio de um questionário optativo, onde os familiares puderam expressar o que pensavam e percebiam sobre a relação da família e da escola; uma entrevista semiestruturada foi aplicada aos professores, onde expressaram suas tensões quanto à alfabetização e letramento, prática pedagógica, a participação da família na escola e sua formação pessoal.

É importante entender que o educador tem como função, contribuir para sanar as dificuldades apresentadas por cada criança, trabalhando com foco nas especificidades, o que melhora o aprendizado do sujeito.

A amostra da pesquisa, obtida por meio de questionário, entrevista e observação, foi composta em sua totalidade por onze (11) professoras do gênero feminino, na faixa etária de 38 a 64 anos. O tempo de atuação na profissão varia entre 3 e 30 anos. O perfil das docentes aponta um bom percentual de grau de instrução, onde a maioria tem especialização e apenas três com Ensino Superior. As mesmas estão em processo de conhecimento/saberes dentro de suas práticas pedagógicas.

A partir da análise de dados dos questionários aplicados aos familiares constatou-se assuntos sobre a família e a escola na elaboração das tabelas e suas porcentagens como: Verificamos que (80,0%) dos entrevistados são do gênero feminino, (30,0%) possuem idade entre 35 e 40 anos e (58,0%) estão casados.

Qual a relação entre a família, escola e as representações sociais – a maioria dos pais e responsáveis consideram a família como pessoas que devido as transformações sociais e culturais, não perderam os valores da unidade familiar (28,3%). Ainda, a principal representação aponta a escola como um local onde eles irão aprender e criar oportunidades para o seu futuro (80,4%) e que o afastamento da família da escola é devido a importância de trabalhar e conseguir suprir as necessidades diárias (70,7%). Para a maioria, o principal atrativo da escola é ensinar e aprender com diversas trocas de conhecimento e informações (66,0%) e acredita que o motivo que quebra a parceria entre escola e família é o fato de que há casos que a família transfere suas responsabilidades sociais para a escola, como se ela pode resolver tudo (78,0%). Ainda consideram que a principal contribuição da família e escola seria formar parcerias de um modo coletivo

(29,4%) e que a formação de parceria entre a comunidade escolar e comunidade melhoram o desenvolvimento humano e participativo de forma que a sua relação com a escola fluísse (42,0%).

Quanto a avaliação dos familiares em relação a escola e comunidade escolar. Verifica-se que a maioria dos familiares consideram muito boa: a relação entre escola X família X conhecimento (81,0%) e a relação pessoal para com a escola (53,0%). Ainda a relação da família com a escola (68,0%) e a qualidade da comunidade escolar (83,0%)

Diante da distribuição dos fatores relacionados à participação da família com as atividades estudantis. Verifica-se que a maioria dos familiares afirmaram que tem participado das atividades escolares do seu filho (57,0%), quando participam percebem um bom rendimento do aluno nas atividades escolares (88,0%) e que a direção abre espaço para a participação dos familiares nos planos escolares (88,0%).

A partir dos resultados, verificamos que os docentes têm consciência do conceito de alfabetização e fazem referência a aquisição da leitura e escrita, colocam também que é justamente nos anos iniciais que se solidifica esse processo. Quanto as contribuições para a melhoria da alfabetização, colocaram a importância da afetividade, do planejamento, do uso das novas metodologias que contribuem de maneira positiva no desenvolvimento da aprendizagem.

Alguns professores destacaram ainda que a partir do letramento as crianças fazem o uso social da leitura e escrita, interagindo no meio em que vivem. Eles ainda complementaram que para a melhoria da prática, é importante o uso de atividades que estimulem a vivência da criança, ou seja, a possibilidade de acesso a diferentes textos, com leituras variadas, aprofundando as funções dos gêneros no dia a dia, onde todas essas práticas permitam a aprendizagem significativa.

Quanto à prática pedagógica, percebe-se que todas as atividades propostas são planejadas e os alunos interagem de maneira positiva. Entre as atividades promovidas, eles destacam o uso de vários gêneros textuais, uso do alfabeto móvel e outros recursos para a alfabetização; destacam também a importância de atividades lúdicas, o que torna a aula mais atrativa e dinâmica, enfim um leque de atividades para desenvolver os processos estudados.

Os professores entrevistados acreditam também que o grande desafio está no relacionamento entre escola e família. Infelizmente há uma grande negligência, pois a família tem transferido o papel de educar apenas para a escola, nem todos os alunos tem

o privilégio de serem acompanhados por seus familiares. Esta ausência tem causado grande desconforto e atrapalhado no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem. Foi esclarecido também maneiras de aproximar cada vez mais os familiares através de reuniões, grupos de whatsapp, palestras, projetos, eventos, enfim situações diversas que possam aproximar essas duas instituições sociais. Segundo alguns envolvidos na pesquisa, acreditam que a escola é vista como um depósito de criança e que os professores também devem ser responsáveis pela formação pessoal das crianças.

No que diz respeito à formação pessoal, em alguns discursos coloca-se que a maioria dos professores buscam aperfeiçoamentos em formações pedagógicas na própria rede de ensino e que apesar de serem poucos momentos tem contribuído muito para a jornada de trabalho. Outros recursos citados são as pesquisas diretamente na internet e até mesmo as trocas de experiência entre os colegas de profissão, o que têm contribuído para melhorar a prática pedagógica. Um grande entrave que os mesmos encontram é a insegurança em aprofundar os conceitos de alfabetização e letramento, o que de fato tem causado uma controvérsia, alguns acreditam não estarem preparados para debaterem os assuntos com os próprios colegas de profissão.

A partir da análise realizadas, verificamos que os docentes têm consciência da função da alfabetização e letramento, ao mesmo tempo, a maioria não se sente preparado em falar dos dois processos. Reconhecem que os anos iniciais é uma etapa fundamental para que a criança desenvolva a leitura e escrita e as leve para o resto da vida.

Destacamos ainda que, ao revelarem suas concepções quanto à prática pedagógica, as professoras tentam unir o lúdico ao pedagógico e também se preocupam com o cuidado. Sempre buscam levar para o cotidiano escolar novas metodologias e atividades que possam desenvolver a alfabetização e o letramento.

Em relação à participação da família no processo de ensino e aprendizagem, percebemos que poucos familiares/responsáveis participam da vida escolar dos filhos e que é preciso criar momentos na escola, principalmente com palestras que abordem temas que possam envolver os pais/responsáveis, levando-os a compreender o seu real papel frente a escolarização do sujeito.

A análise evidenciou que realmente existem alguns problemas na leitura e escrita nos anos iniciais e que é preciso uma melhor compreensão, buscando atividades diferenciadas que possam promover uma aprendizagem significativa, principalmente nos alunos com raciocínio lento.

Acreditamos que o grande desafio entre família e escola é realmente criar parcerias, onde haja mais cobrança e responsabilidade, não deixando o fracasso do aluno apenas sendo culpa da escola, pois foi constatado que esta parceria precisa de um melhor reforço para acontecer, principalmente no intuito de aproximar e entender que o caminho não é fácil, mas também não é impossível, isto vai depender do dinamismo de cada instituição escolar criar seus métodos específicos para melhorar assim esse envolvimento.

Por fim, faz-se necessário uma mudança de postura na relação família e escola, promovendo reflexões que possam melhorar a participação e interação na vida escolar do aluno, buscando assim, uma nova forma de construir valores, onde haja rompimento de práticas antigas. A quebra de paradigmas no que diz respeito a essas duas instituições sociais com certeza será unificada e o sujeito desenvolverá diariamente seu protagonismo, desenvolvendo sua aprendizagem.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir com aqueles, que de alguma forma acreditam na educação de qualidade, vendo as reflexões desenvolvidas e se propondo a mudanças que surgirão ao longo do processo de ensino aprendizagem, especialmente levando a uma melhor compreensão da importância da alfabetização e do letramento na aquisição do conhecimento.

Sendo assim, perante a obtenção dos resultados, percebe-se a necessidade urgente de estudar a alfabetização e letramento, envolvendo também a família. Esse trabalho será de total importância para o campo acadêmico e profissional.

5.2 – Considerações teóricas

No decorrer da pesquisa, verificou-se a riqueza da produção bibliográfica sobre o assunto. Entretanto, compreendeu-se que para um melhor resultado do trabalho e pelo tempo disponível para as pesquisas deveriam ser selecionados alguns autores como: Cagliari (1998,2007,2010), Ferreira (1995,1999), Laroca (1999), Libâneo (1994,2000), Perrenoud (2000), Rios (2006), Soares (1998,2001,2003,2006,2009,2011). Dentre outros que deram apoio à pesquisa empírica. Foi aplicada uma versão adaptada do questionário de Romildo (2017) aos pais dos alunos.

As discussões acerca da alfabetização e do letramento contribuem para a apropriação da compreensão do uso dos termos no cotidiano, tornando através dos

processos o desenvolvimento da leitura e escrita da criança, resultando em novas informações que melhorem o processo da aprendizagem.

Ferreiro (1999, p. 47) afirma que “a alfabetização não é um estado ao qual se chega, mas um processo cujo início é na maioria dos casos anterior a escola e que não termina ao finalizar a escola primária”.

A partir dessa perspectiva, Cagliari (1998, p.32), assegura que a alfabetização é um processo que inclui vários fatores e, quanto mais ciente estiver o professor de como se dá o processo de aquisição de conhecimento, mais condições terão de encaminhar de forma agradável e produtiva o processo de aprendizagem sem os sofrimentos habituais.

Soares (1998) ressalta que “letramento é resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita: é o estado ou condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita de suas práticas sociais.

Para Castanheira, Marciel e Martins (2009, p. 16) “acreditar que é possível alfabetizar letrando, é um aspecto a ser refletido, pois não é interessante apenas compreender a alfabetização como a aquisição de uma tecnologia. O ato de ensinar a leitura e a escrita, nada mais é do que possibilitar o domínio de uma tecnologia, criando condições para a inserção do sujeito em práticas sociais de consumo e produção de conhecimentos em instâncias sociais e políticas”.

Para Ferreiro (1996), a leitura e escrita são sistemas construídos paulatinamente. As primeiras escritas feitas pelos educandos no início da aprendizagem devem ser consideradas como produções de grande valor, porque de alguma forma os seus esforços foram colocados nos papéis para representar algo. “É necessário, portanto, ensinar aos alunos linguagem – os aspectos notacionais relacionados ao sistema alfabético e às restrições ortográficas – como à linguagem que se usa para escrever. Para tanto é preciso que tão logo, o aluno chegue à escola, seja solicitado a produzir seus próprios textos, mesmo que não saiba grafá-los, a escrever como lhe foi possível, mesmo que não faça convencionalmente”. (PCN – LP, 1997)

Para Veiga (1992, p. 16) “A prática pedagógica é uma prática social orientada por objetivos e conhecimentos, e inserida no contexto da prática social. Dessa forma: conhecimento e afetos; saberes e valores; cuidados e atenção; seriedade e riso colaboram para o desenvolvimento da criança.

Como bem destaca Libâneo (1994), “o planejamento é um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e problemática do contexto social”.

Sutter (2007) afirma que a família é o âmbito em que a criança vive suas maiores sensações de alegria, felicidade, prazer e amor, o campo da ação no qual experimenta tristezas, desconfortos, brigas, ciúmes, medos e ódios. A partir desta perspectiva, Laroca (1999) complementa “que as famílias esperam da escola o auxílio de que precisam para ajudar seus filhos a resolverem impasses e dificuldades, como também nutre expectativas para que o aluno seja bem sucedido na escola”.

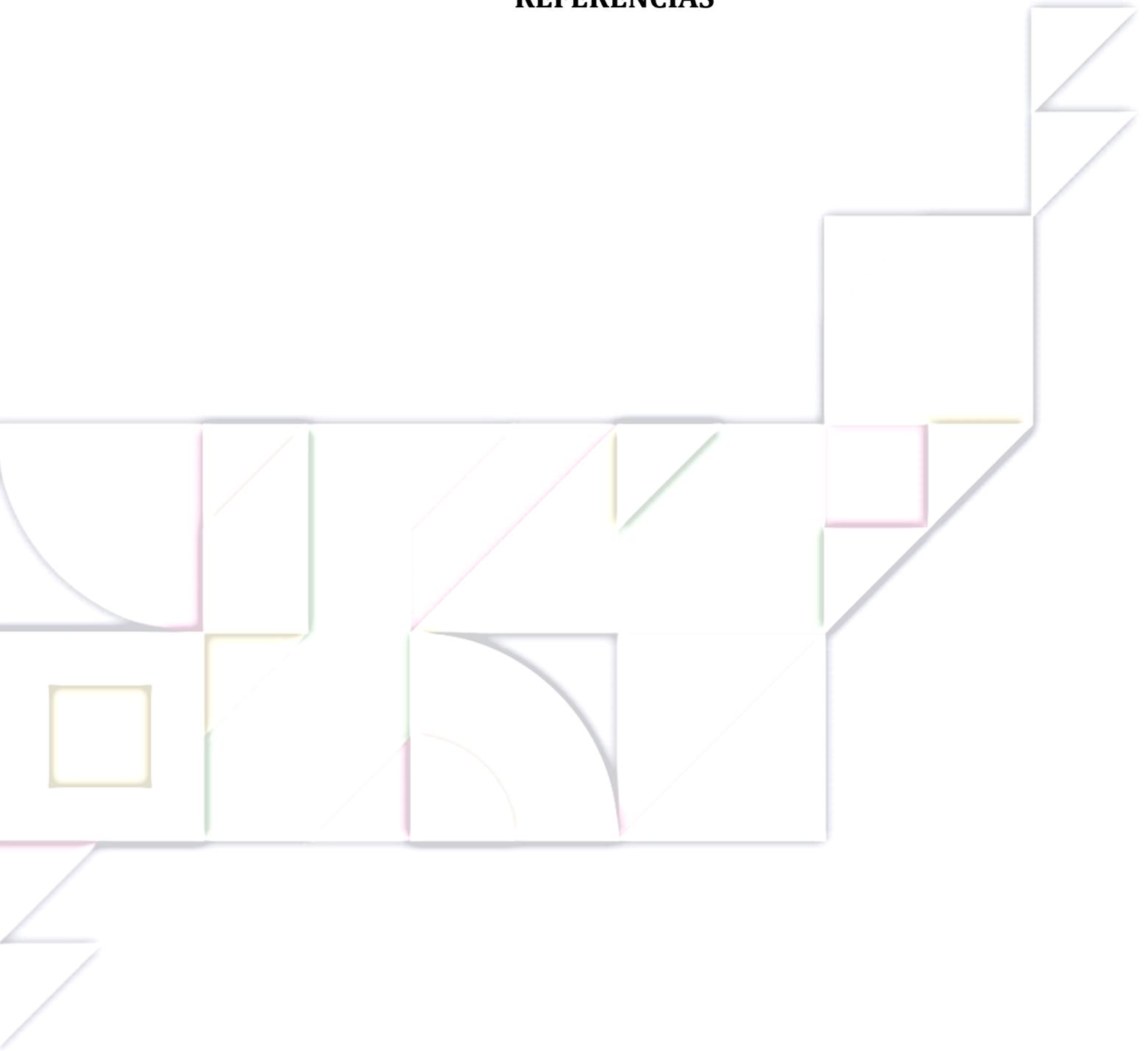
Considerando que alfabetização e letramento é ensinar a ler e escrever, fazendo uso nas práticas sociais. É necessário destacar que as tensões em relação a alfabetização e letramento dos professores e familiares estão relacionadas aos postulados teóricos apresentados nesta pesquisa, porém precisando de mais aprofundamento. Portanto, tendo em vista os objetivos, traçados para este estudo, estamos convictos de que as conclusões a que chegamos contemplam a nossa proposta que foi analisar as tensões enfrentadas pelos professores e familiares acerca dos conceitos de alfabetização e letramento no que diz respeito às controvérsias dos mesmos em uma escola do município de Arcoverde – PE.

Assim sendo, finalizamos nossa pesquisa acreditando que as conclusões a qual chegamos nos mostram a necessidade de mais aprofundamento nos estudos, com o objetivo de compreender melhor os conceitos acerca da alfabetização e letramento.

5.3 – Sugestões para novas pesquisas

- Concepções a práticas de alfabetização e letramento frente a pandemia.
- Alfabetização e Letramento: A formação dos alfabetizadores como contribuição para o desenvolvimento da leitura e escrita.
- Alfabetização e Letramento: Tensões enfrentadas durante a pandemia.

REFERÊNCIAS



REFERÊNCIAS

- VEIGA-NETO, Alfredo José da. **Currículo e história: uma conexão radical**. Rio de Janeiro DP&A, 2001.
- _____, Alfabetização e Letramento. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- _____, Alfabetização e letramento. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2011. 123 p.
- _____, **Alfabetização e Linguística**. 9 ed. São Paulo: Scipione, 2010.
- _____, Alfabetização sem o babebibobu. São Paulo: Scipione, 1998.
- _____, **Alfabetização: o duelo dos métodos**. In: SILVA, Ezequiel Teodoro da. **Alfabetização no Brasil: questões e provocações da atualidade**. Campinas: Autores associados, 2007.
- _____, **Alfabetizando sem o bá-bé-bí-bó-bú**. São Paulo: Scipione, 2009.
- _____, **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 1999.
- _____, **Letramento e escolarização**. In: RIBEIRO, V. M. (Org.). **Letramento no Brasil, reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2001.
- _____, **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 124 p.
- _____, **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.
- _____, **O letramento e a alfabetização** – Qual é a diferença entre a alfabetização de crianças e de jovens e adultos? *Letra A – O jornal do alfabetizador*, Belo Horizonte, ano 2, p. 3, jun/jul. 2006. Edição Especial
- _____, **Os processos de leitura e escrita**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- _____, **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: 1995.
- _____, **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: 2011.
- _____, (1994). **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- _____, (1998) **Adeus professores, adeus professoras: Novas exigências educacionais e profissão docente**. São Paulo: Cortez, 1998.
- _____, **Análise do Discurso. Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- _____. Relação família e Escola. *Revista Atividades & Experiências*, Julho, 2008. Disponível em: . Acesso em: 15/09/2020.
- _____, **Política Nacional da Alfabetização**. Brasília, DF. MEC, 2019.
- _____, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília, DF. MEC, 1998.3.v.

_____, **A Entrevista na Educação: A prática reflexiva**. Brasília: Líber livro Editora, 2010.

ALVÂNTARA, A. M. ; VESCE, G. E. P. (2012) **As Representações Sociais no Discurso do Sujeito Coletivo no Âmbito da Pesquisa Qualitativa** PUCPR, 2008. Disponível em9. <http://www.pucpr.br/eventos/educere2008/anais/pdf/724-59>. Acesso em 27-10-2012

ANDRADE, M. M. de. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

BAPTISTA, M. C. **A linguagem escrita e o direito à educação na primeira infância**. In: Seminário Nacional Currículo em Movimento: perspectivas atuais, 2010, Belo Horizonte. Anais... São Paulo: MEC, 2010.

BEAUCHAMP, J. PAGEL, S. D; NASCIMENTO, A. R. do. **Indagações sobre currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/indag3.pdf>>

BORTONI-RICARDO, Stella M. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola, 2004.

BOURDIEU, Pierre. (2008). **Esquisses algériennes**. Prefácio de Tassadit Yacine. Paris: Líber.

BRANDÃO, A.C.P; CARVALHO, M. J. P. **As fichas de atividades de linguagem na educação infantil**. IN: BRANDÃO, A. C. P; ROSA, E. C. de S (org). **Ler e escrever na Educação Infantil: discutindo práticas pedagógicas**. Belo Horizonte. Autêntica, 2010.

BRASIL, Ministério da Educação e Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa para o 1º e 2º ciclos**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 2/2001. Diário da União, Brasília, 2001.

BRASIL. Constituição (1988) **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. Lei 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 31 de dez, 1996.

CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2002

- CARVALHO, Andressa. **A família na atualidade.** Disponível em: <http://www.meuartigo.br/brasilecola.com/psicologia/a-familia-na-atualidade.htm> Acesso em 15/12/2019.
- CARVALHO, M. (2000). *Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática.* Petrópolis, RJ: Vozes.
- CARVALHO, M. E. P. **Relações entre família e escola e suas implicações de gêneros.** São Paulo, 2006.
- CASTANHEIRA, M. L.; MACIEL, F. I. P.; MARTINS, R. M. F. (Org.). **Alfabetização e letramento na sala de aula.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica: Ceale, 2009.
- CAVALCANTE, M. B. *A pedagogia do diálogo e o ato de liberdade.* Secretaria Municipal de Educação do município de Passa e Fica, 2005. Acesso a internet em 21/01/2020.
- CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. (1998). *Metodologia científica.* São Paulo: Makron Books.
- CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje.** Porto Alegre: Artemed, 2005.
- CHECHIA, V. A.; ANDRADE, A. S. **O desempenho escolar dos filhos na percepção de pais de alunos com sucesso e insucesso escolar.** *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2005, vol.10, n.3, pp.431-440. ISSN 1678-4669. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000300012>. Acesso em 23/08/2020.
- CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO (RS). Parecer nº 323, de 31 de março de 1999. Diretrizes curriculares do ensino fundamental e do ensino médio para o sistema estadual do ensino.
- CORTELAZZO, I. B. de C. **Ensinar e aprender: as duas faces da educação.** In: **Colaboração, Trabalho em Equipe e as Tecnologias da Comunicação: Relações de Proximidade em cursos de pós-graduação:** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2000.
- CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto.* 2 ed. Artemed, 2007.
- DANIEL, J.; SALES, S. *A importância da família no processo de alfabetização da criança.* Artigo, 2016, UFMG.
- ESTEVES, José M. **A terceira revolução educacional: a educação na sociedade do conhecimento.** São Paulo. Moderna, 2004.
- FERREIRO, E. ; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da Leitura e da Escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas,(1979/1999).

- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre alfabetização**. São Paulo: Cortez, 2001.
- FOLCAULT, M. **A Arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves-5ª edição - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- FOUCAULT, M. (1986). **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. **Perspectivas atuais da educação**. Porto Alegre: Ed. Artmed, 2005.
- GARDNER, H. **Inteligência: a teoria na prática**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas Ciências Naturais e Sociais: Pesquisa quantitativa e qualitativa**. Ed Pioneira, 1998.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Editora Atlas, 1999/2009.
- GONÇALVES, R. **A rotina na educação infantil**. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.com/pedagogia/a-rotina-na-educacao-infantil.htm>> Acesso em: 1 abr. 2015.
- GONTIJO, C. M. M. **O processo de alfabetização: novas contribuições**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- HOFFMAN, J. **Avaliação na pré-escola: um olhar sensível e reflexivo sobre a criança**. Porto Alegre: Mediação, 2001.
- HUBERMAN, M. **O ciclo de vida profissional dos professores**. In: Nóvoa, A. *Vidas de professores*. Porto: Porto Editora, 2000.
- INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. **Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional**. Disponível em: <http://www.ipm.org.br/ipmb-pagina-php?mpg=4.02.00.00&ver=por>. Acesso em 23 de fev de 2019.
- KLEIMAN, A. B. **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- KLEIN, L. R. (2000). **Proposta Metodológica de Língua Portuguesa**. Campo Grande: Secretaria de Estado de Educação/Governo Popular. (Série Fundamentos Político-pedagógicos).
- KOCH, I. V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003.
- KRAMER, S. **Alfabetização, Leitura e Escrita: formação de professores em curso**. São Paulo: Ática, (2006/2010).
- LAROCCA, Priscila. **A psicologia na formação docente**. Campinas 1999, p. 19. Editora Alín

- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.
- LEAL, T. F. Alfabetização apropriação do sistema de escrita alfabética. CEEL, 2005.
- LEAL, T. F.; RODRIGUES, S. G. C. Além das obras literárias, que outros livros queremos na sala de aula? In Telma Ferraz Silva, Alexandro (orgs.) **Recursos didáticos e ensino de língua portuguesa: computadores, livros... e muito mais**. Curitiba: Editora CRV, 2011, v.1
- LEAL, Telma F. **A aprendizagem dos princípios básicos do sistema alfabético: Por que é tão importante sistematizar o ensino?** Em Eliana Borges C. de Albuquerque e Telma Ferraz Leal. **A alfabetização de jovens e adultos em uma perspectiva do letramento**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- Letramento e Alfabetização: uma prática de qualidade. DIOGO, Emilli Moreira, GORETTE, Milena da Silva. Curitiba, 2011
- LIBÂNEO, José Carlos.(2000) **Pedagogia e pedagogos, Para quê?**. 3ª ed. São Paulo, Cortez, 2000.
- LÓPEZ, I. Sarramona. **Educação na família e na escola: o que é, como se faz**. 2 ed. São Paulo: Editora Loyola, 2009.
- LOURENÇO, F. M. B. **Como aperfeiçoar a literatura infantil**. Revista Brasileira. Rio de Janeiro, 1943.
- LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da educação**. Coleção magistério 2º grau. Série formação de professor. 21 ed. São Paulo: Cortez, 1993.
- MAINGUENEAU, Dominique. Análise de textos de comunicação. Tradução de Cecília P de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2001, 238 p.
- MARCHESI, ÁLVARO, GIL H. Carlos. **Fracasso Escolar: Uma perspectiva multicultural**. Porto Alegre, ARTMED, 2004.
- MARCONNI, M. A.; LAKATOS, E. M. Fundamentos de metodologia científica. 5 ed. Atlas, 1986.
- MARINHO, M. A Língua Portuguesa nos currículos do final do século. In BARRETO, E. S. **Os currículos do ensino fundamental para as escolas brasileiras**. São Paulo: Autores Associados, 2008.
- MARQUES, H. R. (et al). **Metodologia da pesquisa e do trabalho científico**. Campo Grande: UCDB, 2006.

- MARTINS, Daniele da Silva (2018). **As representações de alfabetização e letramento por professores do ensino fundamental I, da EMEF Maria de Lourdes Ramos Castro/** Daniele da Silva Martins; orientação Valeria Iensen Bortoluzzi – Santa Maria.
- MATURANA, H. **Cognição, ciência e vida cotidiana**. Belo Horizonte. Editora da UFMG, 2001.
- MAY, T. **Pesquisa social: questões, métodos e processos**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004
- MEDEIROS, Mariel de Souza Azevedo. Fatores que ocasionam as dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização: uma revisão bibliográfica, 2012. Disponível em <http://www.avm.edu.br/docpdf/monografias_publicadas/./50645.pdf>. Acesso em: 28 set. 2020.
- MELO, Guiomar Nano de. **Ofício de professor**. São Paulo: Ed. Abril, 2005.
- MENDES, F. M. (2017). **Reflexões sobre alfabetização e letramento: ênfase nas publicações da ANPEd (2010 a 2015)**. 113f. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Processos de Ensino, Gestão e Inovação da Universidade de Araraquara – UNIARA, Araraquara-SP.
- MENEGOLLA e SANT'ANA, Maximiliano e Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar? Currículo e Área-Aula**. 11 Ed. Editora Vozes. Petrópolis, 2001.
- MINAYO, M. C. de S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social**. In: **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 19.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2001.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: [s.n.], 2018.
- MORAIS, A. Sistema de Escrita Alfabética. São Paulo, Melhoramentos, (1998/2012)
- MOREIRA, A.F.B. CANDAU, V. M. Currículo, conhecimento e cultura. In.
- MORTATTI, M. do R. L. **Educação e Letramento**. São Paulo: UNESP, 2006.
- MORTATTI, M. R. L. (2004). Educação e letramento. São Paulo: UNESP.
- NETA, E. S. V, SILVA, D.R.M. (2014) Artigo: **Importância da família na alfabetização da criança**. Revista Interação, ano V, 2014.
- NÓVOA, A. (1992). Os professores e sua formação. Lisboa, Portugal: Dom Quixote.
- OCDE. Programme for international student assesment (PISA): results from PISA 2015. Paris: OECD Publishing, 2015.
- ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso. Princípios e Procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2005.

- PARO, Vitor Henrique. **Qualidade do Ensino. A contribuição dos pais.** São Paulo: Xamã, 2000.
- PAROLIM, Isabel. **As dificuldades de aprendizagem e as relações familiares.** Fortaleza, 2003.
- PARSONS, T. O conceito de sistema social. In: CARDOSO, Fernando H.; IANNI, Octávio (Org.). *Homem e Sociedade: leituras básicas de sociologia geral.* São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1996.
- PÉREZ GÓMEZ, A. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In NOVOA, A. (Coord). *Os professores e sua formação.* Lisboa. D. Quixote. 1995.
- PERRENOUD, P. **Dez Novas Competência para ensinar.** Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médica, Sul, 2000.
- PIAGET, Jean. **Para onde vai à educação?** Rio de Janeiro: José Olímpio, 2007.
- PIMENTA, S. G.; GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. **Pesquisa em educação: alternativa investigativa com objetos complexos.** São Paulo: Loyola, 2006.
- PINTO, A. C. (1994) *Cognição, Aprendizagem e Memória.* Porto: 4 ed. Revista, 1997; Edição policopiada do Autor, 227 p.
- PINTO, R. A. F. (2010). *A escola e a formação do sujeito: preconceito e racismo no ensino fundamental.* 2010. Dissertação. (Mestrado em Psicologia da Educação), Instituto Superior de Línguas e Administração, Vila de Gaia.
- PRADO, Danda. *O que é família.* São Paulo: Brasiliense, 1981.
- REIS, Risolene Pereira. **Relação família e escola: uma parceria que dá certo.**
- RICHARDSON, R. J. *Pesquisa social: métodos e técnicas.* 3. ed. São Paulo: Atlas, (1999/2010).
- RIOS, Terezinha Azevedo. *Compreender e ensinar: por uma docência da melhor qualidade.* 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- RODRIGUES, A. M. S. (2006). **A minha vida seria muito diferente se não fosse a matemática: O sentido e os significados do ensino de matemática em processos de exclusão e de inclusão escolar e social na Educação de Jovens e Adultos.**
- ROSETTO, A. C. Z. (2009). *Dificuldades e possibilidades no processo de integração da Escola Agrotécnica Federal de Sombrio com as famílias dos alunos residentes.* Dissertação de mestrado. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/tede/164>. Acesso em 15/05/2020.

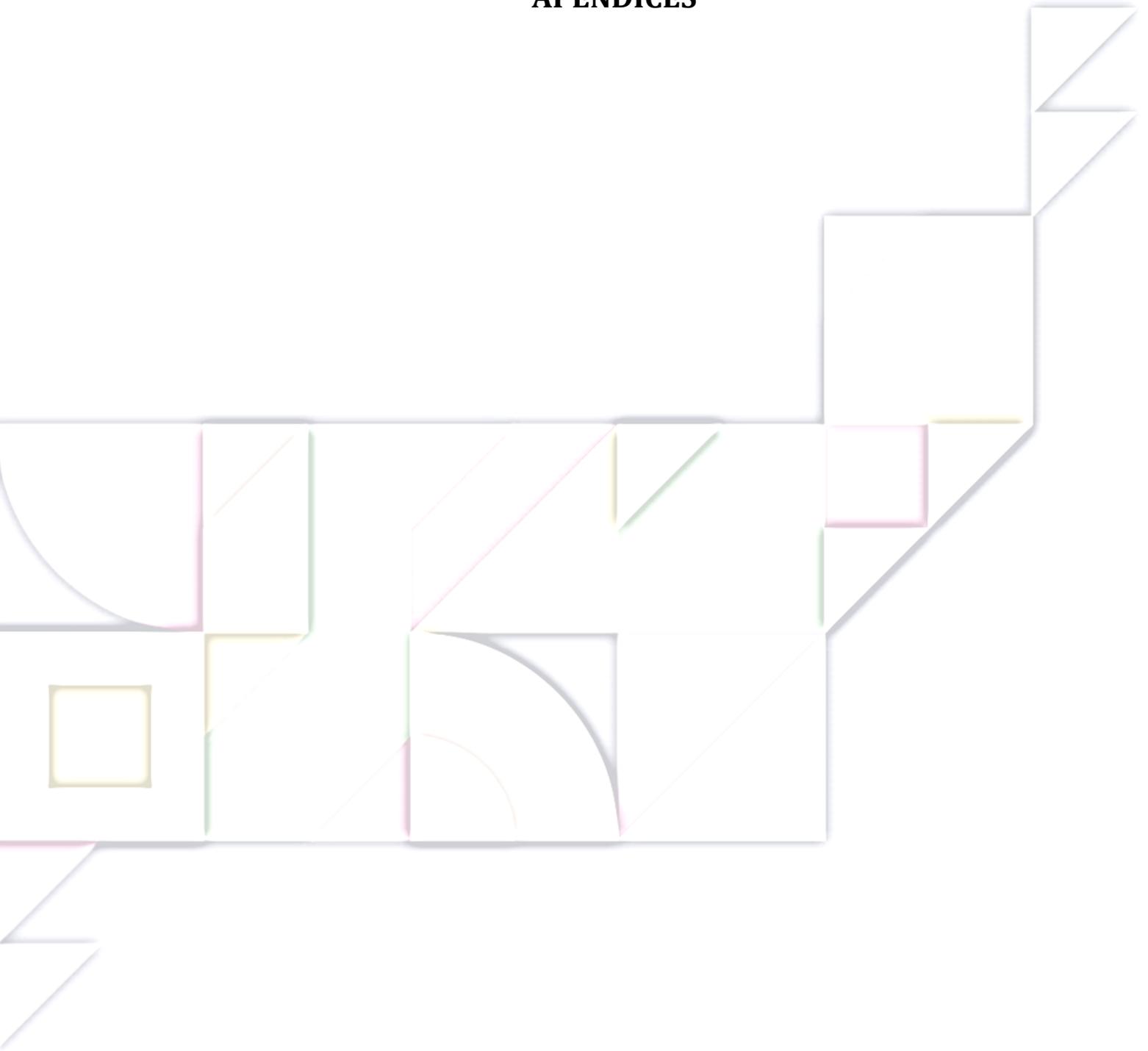
- SEBER, M. da G. **A Escrita Infantil: o caminho da construção**. São Paulo: Scipione, 2009. (Coleção Pensamento e Ação na Sala de Aula).
- SILVA, A. P. S.; ROSSETTI-FERREIRA, M. C. (2000). Desafios atuais da educação infantil e da qualificação de seus profissionais: onde o discurso e a prática se encontram? REUNIÃO ANUAL ANPED, 23, 2000. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/23/textos/0707t.PDF> . Acesso em 12 jul. 2020.
- SILVA, C. R. Os fundamentos da prática de ensino da alfabetização e do letramento para as crianças de seis anos. In: **Alfabetização e letramento na infância**. Brasília, 2005.
- SILVA, E. T. da. **Leitura crítica e suas fronteiras**. Campinas: Mercado das letras, 1998.
- SILVA, Tomaz Tadeu. **Currículo e identidade social: territórios contestados**. In. SILVA, Tomaz Tadeu. (org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995. p.190-207.
- SILVIA, E. L.; MENEZES, E. M. *Metodologias da pesquisa e elaboração de dissertação*. 4 ed. Florianópolis: UFSC, 2005.
- SOARES, Adriana Fraga. **A participação da família no processo ensino-aprendizagem**. Alvorada, 2010.
- SOARES, M. **Alfabetização e Letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- SUTTER, Graziela. **Refletindo sobre a relação família-escola**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/926/1/refletindo-sobre-a-relacao-familia-escola/pagina1.html>. Acesso em 13/12/2019.
- SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família/escola: desafios e perspectivas**. Brasília: Plano, 2001.
- TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. São Paulo, Cortez. (1995/2010)
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: Atlas, 1987
- UNESCO. *Education for All Global Monitoring Report 2006: Literacy for life*, 2006.
- VASCONCELLOS, C. dos S. (2000). *Planejamento: projeto de ensino aprendizagem e projeto político-pedagógico*. São Paulo, Libertad.
- VEIGA, I. P. A. **A prática pedagógica do professor de Didática**. 2. Ed. Campinas: Papirus, 1992.
- VEIGA, I. P. A. Docência: formação, identidade e inovações didáticas. In.: SILVA, Aida Monteiro [et al] (Org.). **Educação formal, processos formativos, saberes pedagógicos: desafios para a inclusão social**. Recife: ENDIPE, 2006.

XIMENES, Priscilla de Andrade Silva (2015). Concepções e práticas de Alfabetização e Letramento de professores da pré-escola do município de Catalão-GO. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás – Regional Catalão

ZANELLI, J. C. **Pesquisa qualitativa em estudos da gestão de pessoas**. *Estud. psicol. (Natal)* [online]. 2002, vol.7, n.spe, pp.79-88. ISSN 1678-4669. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2002000300009>. Acesso em 20/11/2020.

ZILBERMAN, R. **Leitura em crise na escola: as alternativas do professor**. Porto Alegre: Mercado aberto. São Paulo, 1985.

APÊNDICES



APÊNDICE I

GUIÃO DE ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

Prezado (a) Professor (a): _____

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo analisar as tensões enfrentadas pelos professores e familiares acerca dos conceitos de alfabetização e letramento no que diz respeito às controvérsias dos mesmos em uma escola do município de Arcoverde – PE, bem como, identificar e compreender as metodologias utilizadas pelos professores para o desenvolvimento da alfabetização e letramento. Não existe respostas corretas ou incorretas, sendo assim, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos ter resultados satisfatórios e significativos. Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

Q1. Identificação do Entrevistado

- Gênero
- Idade
- Grau de instrução
- Tempo de função
- Turma que leciona.

Q2. Conceito de Alfabetização

- O que você compreende por alfabetização?
- Qual o papel dos anos iniciais em relação ao processo de alfabetização?
- Como você pode contribuir para a melhoria da alfabetização?

Q3. Conceito de Letramento

- O que você entende por Letramento?

- Qual o seu papel para a melhoria do letramento no seu ambiente de trabalho?

Q4. Prática pedagógica

- Quais as atividades de Alfabetização e Letramento que você realiza com os alunos?
- Suas atividades são planejadas e direcionadas?
- Os alunos interagem na execução das atividades?
- Você costuma levar atividades diferenciadas para os alunos?

Q5. Escola e Família X Alfabetização/Letramento

- Como educador você tem notado se a família participa ativamente do processo ensino-aprendizagem dos alunos?
- O que a Escola pode fazer para fortalecer o vínculo com a família?
- Atualmente como você define a relação família/escola

Q6. Formação Pessoal

- O que você tem feito para melhorar sua prática diária na escola?
- Na sua formação foram aprofundados os conceitos de Alfabetização e Letramento?
- Você se sente preparado em tratar dos temas Alfabetização e Letramento com os colegas de profissão, melhorando assim o conhecimento dos mesmos?
- Você costuma participar de formações para desenvolver suas práticas de Alfabetização e Letramento?
- Seus alunos cobram aulas dinâmicas?

APÊNDICE II

SOLICITAÇÃO E AUTORIZAÇÃO DE ADAPTAÇÃO DE QUESTIONÁRIO



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

Exmo. Professor Mestre Romildo Monte da Silva

Sou Ailson Tenório Cavalcanti Júnior, professor do ensino fundamental anos iniciais da Rede Municipal no estado de Pernambuco, aluno do Mestrado Ciências da Educação.

Estou no momento trabalhando na minha dissertação, sobre orientação da Professora Doutora Graça Ataíde, brasileira. O objetivo da minha pesquisa é analisar as representações da comunidade escolar – professores, pais... Sobre os processos de alfabetização e letramento.

Pretendo aplicar um questionário com os familiares de uma instituição pública da Cidade de Arcoverde- Pernambuco- Brasil. E gostaria de solicitar sua autorização para utilizar o questionário adaptado e validado em (2009): “Relação família-escola: práticas educativas utilizadas por pais e professores”. O mesmo será utilizado de forma devidamente referenciada, com a realização de algumas modificações pertinentes em razão aos objetivos da dissertação.

Desde já agradeço pela atenção.

Cordialmente,

Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

Professor Mestrando em Ciências da Educação

Especialista em Psicopedagogia Institucional

Atualmente Coordenador Pedagógico.

APÊNDICE III

SOLICITAÇÃO E AUTORIZAÇÃO DE ADAPTAÇÃO DE QUESTIONÁRIO



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

De: "Romildo Monte"

Enviada: 2019/08/12 09:09

Para: ailsonjuba11@gmail.com

Assunto: Re: Autorização

Bom dia!

Peço desde já desculpas pela demora em lhe responder.

Fico agradecido em poder contribuir em sua dissertação, e autorizo o questionário para futuras pesquisas neste ramo tão crescente de desbravar novos temas para uma sociedade mais justa.

APÊNDICE IV

QUESTIONÁRIO ADAPTADO



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

Prezado (a) Família/Responsável

Este questionário faz parte de uma pesquisa de mestrado e tem por objetivo analisar as tensões enfrentadas pelos professores e familiares acerca dos conceitos de alfabetização e letramento no que diz respeito às controvérsias dos mesmos em uma escola do município de Arcoverde – PE. Não há respostas corretas ou incorretas, é preciso clareza absoluta para que possamos obter resultados fidedignos. Os dados serão mantidos em sigilo absoluto e farão parte apenas dessa pesquisa.

Agradeço desde já sua atenção e participação.

Q1. SEXO:

- Feminino
 Masculino
 Outro

Q2. ESTADO CIVIL:

- Solteiro (a)
 Divorciado (a)
 Viúvo(a)
 Casado (a)
 Separado (a)

Q3. IDADE:

- Até 25 anos
- De 30 a 35 anos
- De 40 a 50 anos
- De 25 a 29 anos
- De 35 a 40 anos
- Mais de 50 anos

Q4. O QUE SUA FAMÍLIA É PARA VOCÊ?

- Um conjunto de pessoas que possuem grau de parentescos entre si.
- É um lugar que cuida da educação dos filhos.
- É um local de fundamental importância no desenvolvimento do indivíduo.
- É um ambiente que deve existir harmonia e parcerias no âmbito escolar.
- São pessoas que devido as transformações sociais e culturais não perderam os valores da unidade familiar.

Q5. COMO VOCÊ DEFINE A RELAÇÃO ENTRE ESCOLA X FAMÍLIA X CONHECIMENTO?

- Muito Ruim (Ela não oferece oportunidade de discussões).
- Ruim (Ela sempre nos culpa pelas irresponsabilidades de nossos filhos).
- Boa (A escola sempre ocupa um espaço importante em nossas vidas).
- Muito boa (Ela enfrenta diversos desafios, nos propicia dialogo, parcerias e nos mostra que nossa participação direta colabora no desenvolvimento de nossos filhos).

Q6. O QUE A ESCOLA REPRESENTA PARA VOCÊ?

- Um meio de levar as crianças para outro lugar.
- Um local onde eles iram aprender e criar oportunidade para o seu futuro.
- Um lugar de parcerias entre a comunidade que oferece uma boa relação com os familiares.

Um lugar que se reúne e apresenta opiniões dos diferentes atores envolvidos nesta relação.

Q7. QUE RELAÇÃO VOCÊ TEM COM A ESCOLA?

Muito Ruim

Ruim

Boa

Muito

Q8. O QUE TEM LEVADO A FAMÍLIA A SE AFASTAR DA ESCOLA?

As mudanças pelas quais nos últimas décadas tem passado a família.

A necessidade de trabalhar e conseguir suprir as necessidades diárias.

Devido a classe social e números de filhos.

Reuniões prolongadas a respeito de nossos filhos, onde requer mais, a nossa participação.

Q9. O QUE A ESCOLA TEM DE ATRATIVO EM SEUS CONCEITOS ESCOLARES?

Ensinar e aprender com diversas trocas de conhecimentos e informações.

Os professores reinventam a educação.

Não oferece nada que possamos compartilhar.

Um olhar atento às diferentes reações do ser humano, sua afetividade e interação.

Q10. OBSERVAMOS QUE É NECESSÁRIA A TROCA DE SABERES ENTRE VOCÊ E A ESCOLA, E QUE JUNTOS SEMPRE BUSCARAM SOLUÇÕES. O QUE QUEBROU ESTA PARCERIA?

A escola só nos culpa pela mal conduta de nossos filhos.

A escola é fechada para discutirmos assuntos do interesse de ambas as partes.

A escola transfere sua responsabilidade de ensinar para a família.

Há casos que a família transfere suas responsabilidades sociais para a escola, como se ela pode resolver tudo.

Q11. VOCÊ TEM PARTICIPADO FREQUENTEMENTE DAS ATIVIDADES ESCOLARES DO SEU FILHO?

Não (porque não tenho tempo e trabalho).

Às vezes (meu tempo é pouco e tenho afazeres domésticos e autônomos).

Pouco (vou a escola sempre que dá).

Sim (a nossa participação na vida escolar, influencia no desenvolvimento de nosso filho).

Q12. QUANDO VOCÊ PARTICIPA, PERCEBE QUE O RENDIMENTO ESCOLAR DELE (A) MELHORA OU RETROCEDE?

Não (eu não tenho tempo para observar)

Às vezes (resolve alguns afazeres escolar, quando sento perto)

Pouco (verifico sempre que posso e fico surpreso pelo seu desenvolvimento)

Sim (a nossa dedicação e participação é fundamental na vida escolar, e o seu desenvolvimento depende da parceria entre a escola e nossa família)

Q13. HOJE EM DIA, COMO ESTA A RELAÇÃO DA FAMÍLIA COM A ESCOLA?

Muito Ruim (não tenho tempo para as mesmas conversas e discussões)

Ruim (quando participo sempre vem as mesmas conversas)

Boa (nossa relação melhorou tenho frequentado mais um pouco)

Muito Boa (sempre que posso faço-me presente em todas solicitações escolares)

Q14. A ESCOLA TEM DEMONSTRADO ALGUNS INTERRESSES PELA PARTICIPAÇÃO DA FAMÍLIA NA ESCOLA, APRESENTANDO SEU CURRÍCULO E O QUE ESPERA ALCANÇAR COM OS ALUNOS?

Não (a escola continua a mesma, a escola é escola e a família é família).

- As vezes (ela demonstra algum interesse quando necessita de nós).
- Pouco (a escola sempre que dá nos elogia, outras vezes não).
- Sim (a escola tem demonstrado em suas reuniões, a maior atenção conosco).

Q15. EM SUA VISÃO, COMO A FAMÍLIA PODERIA SER PARCEIRA E COOPERAR COM A ESCOLA, VIABILIZANDO O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

- Dando mais atenção no cotidiano escolar de nossos filhos.
- Acompanhando e participando frequentemente da escola.
- Formando parcerias entre a escola e a família de um modo coletivo.
- Desenvolvendo atividades culturais e educativas, junto a comunidade escolar.

Q16. COMO VOCÊ AVALIA A COMUNIDADE ESCOLAR DIRETOR (A), COORDENADOR (A), SECRETÁRIO, PROFESSOR (A) SERVIÇOS GERAIS, VIGIAS E PORTEIROS?

- Muito Ruim (ninguém nos dá a atenção necessária).
- Ruim (a indiferença é bastante clara outras vezes não).
- Boa (sempre que pode ou quando quer nos atende da melhor forma).
- Muito Boa (a atenção de toda comunidade escolar esta sempre disponível para devidos acertos e discussões).

Q17. A DIREÇÃO DA ESCOLA ABRE ESPAÇO PARA A PARTICIPAÇÃO DE VOCÊS NOS PLANOS ESCOLARES E SÃO CAPAZES DE APRESENTAR A PROPOSTA UTILIZADA PARA AVANÇAR NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO?

- Não (não tenho interesse e nem tempo para tais assuntos).
- Pouco (algumas vezes, pois nem sempre tenho este tempo).
- As vezes (tenho percebido que sim, mais a minha frequência nem sempre corresponde a tais solicitações).
- Sim (sempre que há alguma reunião pedagógica somos convocados, para tais acertos e participações escolares).

Q18. QUE ATITUDE VOCÊ FARIA PARA QUE SUAS RELAÇÕES COM A ESCOLA FLUÍSSEM?

- Dedicar-me-ia mais um pouco.
- Atenderia as solicitações da comunidade escolar.
- Formaria parceria entre a comunidade escolar e minha comunidade, para um melhor desenvolvimento humano e participativo.
- Não mudaria minha relação diante a escola.

Q19. COMO VOCÊ DEFINE O CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO?

- É quando o aluno conhece as letras.
- É quando o aluno aprende seu nome.
- É quando o aluno consegue ler livro.
- É quando o aluno consegue fazer a atividade sozinho.

APÊNDICE V

RESPOSTA DA ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

Prezado (a) Professor (a): _____

Esta entrevista faz parte de uma pesquisa de mestrado que tem por objetivo analisar as tensões enfrentadas pelos professores e familiares acerca dos conceitos de alfabetização e letramento no que diz respeito às controvérsias dos mesmos em uma escola do município de Arcoverde – PE, bem como, identificar e compreender as metodologias utilizadas pelos professores para o desenvolvimento da alfabetização e letramento. Não existe respostas corretas ou incorretas, sendo assim, faz-se necessária toda franqueza, para que possamos ter resultados satisfatórios e significativos. Os dados serão mantidos em total sigilo e serão apenas usados nesta pesquisa.

P-1

Q1. Identificação do Entrevistado

- Feminino
- 38 anos
- Superior Completo
- 3 anos
- Pré II

Q2. Conceito de Alfabetização

- É uma codificação e decodificação de uma língua.

- O papel da alfabetização nos anos iniciais é de suma importância para apresentar a criança a socialização junto com a alfabetização, porém esta terá que ser de forma lúdica, cheia de interações e brincadeiras e assim apresentando a função social da alfabetização que seria uma criança letrada participativa no meio em que esta inserida se tornando uma pessoa crítica e ativa no meio social.
- Contextualizando-a com o mundo social-cultural do meu aluno sempre.

Q3. Conceito de Letramento

- Seria o sentido e o significado da alfabetização e o uso social da língua no cotidiano.
- Trazer atividades que estimulem as crianças e elas compreendam na prática para que serve a nossa língua.

Q4. Prática Pedagógica

- Receita, relatos de experiências, lista de preferencias, entre outros.
- Sim
- Sempre
- Sempre

Q5. Escola/Família X Alfabetização/Letramento

- A família tem negligenciado seu papel, deixando a cargo da escola formar, educar e instruir a criança.
- Reuniões, grupos de whatsapp para sensibilizar que cada um tem sua função.
- A escola é um depósito de crianças, onde as famílias se sentem seguras em deixar com expectativas de lá saírem indivíduos prontos, formados e educados para a sociedade.

Q6. Formação Pessoal

- Formações, trocas de experiências com colegas de profissão e pesquisas na internet.
- Sim
- Um pouco
- Sim, uma vez a cada mês.

- Não

RESPOSTA DA ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

P-2

Q1. Identificação do Entrevistado

- Feminino
- 41 anos
- Especialização
- 12 anos
- Pré I

Q2. Conceito de Alfabetização

- Processo onde se desenvolve a habilidade de ler e escrever.
- É nesse primeiro momento que a criança começa a ter habilidades motoras, como também a codificação da escrita das letras.
- Estar sempre me aperfeiçoando, usar sempre um bom planejamento, onde adeque o assunto abordado ao tempo de sala de aula.

Q3. Conceito de Letramento

- É um processo onde o aluno desenvolve o uso da leitura e da escrita no cotidiano.
- É criar possibilidades para que o aluno trabalhe diferentes tipos de textos e se aprimore no uso da língua.

Q4. Prática Pedagógica

- Atividades lúdicas com uso de alfabeto móvel, massa de modelar, até mesmo o quadro para iniciar o aprendizado das letras.
- Sim
- Sim
- Sempre que possível.

Q5. Tensões entre família e escola acerca de alfabetização e letramento.

- Infelizmente nem todos, principalmente se falando da educação infantil, onde se tem a ideia que a criança só brinca, mas isso já está melhorando.
- Reuniões, palestras e atividades que engajem a família.
- Algumas pessoas ainda tem o professor como um inimigo, que só cobra ou reclama. Quando na verdade o professor está querendo que a família participe desse processo.

Q6. Formação Pessoal

- Leitura, formações, busco conhecimentos e tento levar para a minha prática pedagógica.
- Não
- Sim, tento me aprimorar.
- Sim
- Não, infelizmente eles estão mais dispersos.

RESPOSTA DA ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

P-3

Q1. Identificação do Entrevistado

- Feminino
- 64 anos
- Superior Completo
- 19 anos
- 1º ano

Q2. Conceito de Alfabetização

- Quando a criança ler e escreve.
- Ajuda o desenvolvimento da socialização na evolução intelectual, coordenação motora. Prepara o aluno para chegar conhecendo letras e pequenas palavras.
- Acolhendo com carinho, levando o aluno a desenvolver e aprimorar os seus desempenhos.

Q3. Conceito de Letramento

- É quando o aluno lê e interpreta.
- Fazer leituras variadas que os levem a memorizar e incentivá-los a contar histórias mesmo sem saber ler.

Q4. Prática Pedagógica

- Trabalhos com letras móvel, fichas com o nome próprio, lista de nomes dos colegas, chamada para leitura no quadro e em livros, pesquisa de palavras trabalhando letras iniciais, medianas e finais. Leitura do texto trabalhando a interpretação e distribuição de livros para leitura em sala e casa.
- Sim
- Sim
- Sim

Q5. Escola/Família X Alfabetização/Letramento

- Nem todos participam.
- Agregar as famílias aos projetos da escola
- Ainda precisa fortalecer os vínculos.

Q6. Formação Pessoal

- Novas metodologias.
- Sim
- Sim
- Sim
- Não

RESPOSTA DA ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

P-4

Q1. Identificação do Entrevistado

- Feminino
- 52 anos
- Especializada
- 21 anos
- 3º ano

Q2. Conceito de Alfabetização

- Apropriação do sistema da escrita.
- Fundamental para um bom desenvolvimento.
- Estimulando a aprendizagem

Q3. Conceito de Letramento

- Fazer uso do conhecimento.
- Desenvolver competências.

Q4. Prática Pedagógica

- Atividades lúdicas.
- Sempre.
- A maioria sim.
- Quase sempre.

Q5. Escola/Família X Alfabetização/Letramento

- Posso afirmar que não.
- A partir de projetos que incluam a família.
- Infelizmente enfraquecida.

Q6. Formação Pessoal

- Planejamento com base no currículo.
- Posso dizer que sim.
- Sempre que tenho oportunidade.
- Mensalmente.
- De alguma forma sim, porque são as mais atraentes.

RESPOSTA DA ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

P-5

Q1. Identificação do Entrevistado

- Feminino
- 44 anos
- Especializada
- 21 anos
- 5º ano

Q2. Conceito de Alfabetização

- É o processo de desenvolvimento da habilidade de leitura e escrita.
- É de fundamental importância, é o alicerce de leitura e escrita.
- Fazendo sempre que necessário a renovação através de outras técnicas de alfabetização, ou seja, buscando sempre mais suportes em metodologia pedagógica.

Q3. Conceito de Letramento

- É quando o sujeito já está desenvolvendo competência de leitura e escrita no meio social.
- Desenvolvendo competências.

Q4. Prática Pedagógica

- Ditados (de frase, de texto): formação de frases, produção e reescrita.

- Sempre.
- Sim, faço sempre atividades orais.
- Sempre que posso.

Q5. Escola/Família X Alfabetização/Letramento

- Em parte sim.
- Projetos envolvendo a participação familiar.
- Defino como sendo de fundamental importância a parceria, para melhor aprendizado do aluno.

Q6. Formação Pessoal

- Procurando sempre rever e mudar o que não deu certo.
- Com certeza!
- Sempre.
- Sim
- Sim

RESPOSTA DA ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

P-6

Q1. Identificação do Entrevistado

- Feminino
- 57 anos
- Especializada
- 30 anos
- 1º ano

Q2. Conceito de Alfabetização

- É o aprendizado através da leitura e escrita, compreendendo o alfabeto como código de comunicação.
- Fazer com que a criança nessa fase desenvolva o domínio da leitura e escrita no contexto social.
- Auxiliando as crianças no desenvolvimento da aprendizagem inicial na compreensão, memorização do código alfabético, leitura e escrita.

Q3. Conceito de Letramento

- É o aprendizado da leitura e escrita utilizadas nas práticas sociais.
- Levar ao conhecimento dos alunos variados textos explorando suas funções e onde são usados.

Q4. Prática Pedagógica

- Ordem alfabética, som inicial, separação silábica, caça-palavras, ditado, leitura compartilhada.
- Sim, Uma atividade bem planejada desperta interesse do aluno e tem tudo para um bom sucesso.
- Sim. Principalmente pra saber se o seu colega sabe ou estar precisando de ajuda.
- Com certeza. Pra que este momento não seja apenas uma rotina mais um momento divertido.

Q5. Escola/Família X Alfabetização/Letramento

- Na maioria não.
- Confesso que é difícil.
- A família ainda está distante da escola, falta prioridade aos filhos.

Q6. Formação Pessoal

- Leitura e estudos.
- Não o suficiente.
- Sei que o meu conhecimento sobre o assunto já me tira da lista dos leigos. Quanto ao meu colega, depende do nível dele. Quem sabe se não vou aprender mais.
- Sim
- Eles gostam de aulas divertidas e participam com mais gosto.

RESPOSTA DA ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

P-7

Q1. Identificação do Entrevistado

- Feminino
- 59 anos
- Especializada
- Aposentada de um vínculo e 19 anos do outro.
- 4º ano

Q2. Conceito de Alfabetização

- Compreendo que alfabetização é o primordial, é a base para o desenvolvimento educacional da criança.
- É fundamental, pois o processo de alfabetização nos anos iniciais faz a diferença no ensino e aprendizagem da criança e torna como competência para o decorrer da sua vida.
- Melhorando diariamente minha prática pedagógica.

Q3. Conceito de Letramento

- Se dá quando a criança já tem uma competência leitora definida, compreendendo o que ler e sabendo interpretar de forma crítica e capaz de questionar as ideias do texto em que está lendo.

- Utilizar bastante atividades que levem as crianças a saborearem a leitura de maneira satisfatória e instigando as mesmas a terem o prazer no que estão lendo.

Q4. Prática Pedagógica

- Gosto muito de ditado de palavras, frases e pequenos textos, fazendo uma correção coletiva de maneira que todos possam ver onde pode melhorar. Roda de leitura é uma atividade bastante produtiva e satisfatória que realizo com a minha turma.
- Sim, atualmente estou planejando com a especificidade de cada aluno, com relação a aprendizagem.
- Sim.
- Sim, como falei anteriormente. Atualmente estou com dois alunos não alfabetizados, então é necessário que leve atividades diferenciadas para a sala.

Q5. Escola/Família X Alfabetização/Letramento

- Devo colocar que uma parte das famílias ainda se preocupam com o processo ensino-aprendizagem dos alunos.
- A escola tem maior interesse nessa integração, mas ainda encontra muita dificuldade para chegar a atingir algumas famílias. Até porque hoje nós temos uma demanda de alunos com pais que estão no mercado de trabalho e as vezes que são chamados a participarem de um colegiado, não comparecem, devido ao tempo, como eles falam.
- A família ainda está um pouco distante, precisa participar mais da escola.

Q6. Formação Pessoal

- Como professora, que já passei pela Educação Infantil e atualmente estou no Ensino Fundamental, posso dizer que sempre procuro melhorar minha prática, buscando novos conhecimentos e maneiras mais lúdicas de trabalhar com meus alunos.
- Sim, algumas que participei sempre abordam.

- Me sinto pouco preparada para tratar do tema alfabetização e letramento com meus colegas.
- Sim, sempre que possível. Já tenho até alguns cursos no meu currículo.
- Sim, meus alunos são questionados e críticos, sempre cobram aulas mais dinâmicas, pois sempre existem os momentos de aulas expositivas e cansativas até para eles. Procuro sempre maneiras dinâmicas para trabalhar com eles.

RESPOSTA DA ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

P-8

Q1. Identificação do Entrevistado

- Feminino
- 46 anos
- Especializada
- 19 anos.
- 4º ano

Q2. Conceito de Alfabetização

- A alfabetização consiste no aprendizado do alfabeto e de suas letras como código de comunicação, a apropriação do sistema da escrita, que pressupõe a compreensão e domínio da leitura e escrita.
- Levar o aluno a dominar as atividades em sala a medida que eles se alfabetizam, uma vez que o resultado será o domínio de ler e escrever.
- Reservando tempo para ler em voz alta na sala, incentivando o uso da escrita, estimulando o uso das palavras, enfim levando o aluno a construir conhecimentos.

Q3. Conceito de Letramento

- Uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais.
- Sempre proponho situações de aprendizagem próximas a realidade social dos educandos, trabalhando com textos que permitem o uso da leitura e escrita de maneira significativa, que irá desenvolver o pensamento crítico.

Q4. Prática Pedagógica

- Atividades de leitura com textos que circulam e sua função social, atividades desafiadoras de oralidade, ditados, entre outras.
- Sim.
- Sim.
- Sim.

Q5. Escola/Família X Alfabetização/Letramento

- Não.
- A escola cumpre com o seu papel em criar vínculos com a família ao realizar as reuniões de pais e mestres, na entrega de resultados bimestrais de seus filhos e nas decisões voltadas aos interesses sociais. Dessa forma cabe à escola manter esses contextos e sempre motivar a família em buscar melhores resultados durante todo o ano letivo.
- Melhor. Há mais participação. Atualmente uma boa parte das famílias mantém presentes na vida escolar dos seus filhos.

Q6. Formação Pessoal

- Sempre procuro me manter atualizada.
- Sim. Sempre tratam dos temas.
- Sim, porém preciso estudar mais um pouco esses conceitos.
- Sim.
- Sim, eles demonstram mais interesse por aulas diferentes.

RESPOSTA DA ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

P-9

Q1. Identificação do Entrevistado

- Feminino
- 40 anos
- Especializada
- 12 anos.
- 2º ano

Q2. Conceito de Alfabetização

- É o processo de aprendizagem dos códigos alfabéticos para aquisição da leitura e escrita.
- Inserir os alunos no processo de alfabetização.
- Criando estratégias pedagógicas que visem estimular os alunos na aquisição da leitura e escrita. Buscando sempre que possível após as avaliações diagnósticas, atividades diversificadas de acordo com o nível de escrita.

Q3. Conceito de Letramento

- É a compreensão da leitura e escrita na interação social.
- Mostrar aos alunos além de livros, textos do cotidiano para que possam ser compreendidos na sua função social.

Q4. Prática Pedagógica

- Trabalho com o nome dos alunos, contato com material escrito como: embalagens, revistas e jornais, alfabeto móvel e brincadeiras com rimas.
- Sempre planejo e procuro direcionar as atividades.
- Os alunos participam na execução das atividades, oralmente ou através de chamadas ao quadro.
- Sempre que possível levo tarefas ou trabalhos de forma diversificadas.

Q5. Escola/Família X Alfabetização/Letramento

- A maioria dos pais participam no processo ensino-aprendizagem, é perceptível nos deveres de casa.
- Buscar eventos que façam as famílias participarem ativamente no ambiente escolar.
- É um reflexo no comportamento do aluno na escola. Quando os pais são comprometidos com a vida escolar dos filhos, os alunos interagem melhor com a comunidade escolar.

Q6. Formação Pessoal

- Procuro participar de cursos de aperfeiçoamento e formações continuadas.
- Não.
- Não, preciso me aprofundar.
- As formações são voltadas mais para o conceito de alfabetização.
- Não, mas eu tenho percebido que eles aprendem e interagem melhor em aulas dinâmicas.

RESPOSTA DA ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

P-10

Q1. Identificação do Entrevistado

- Feminino
- 48 anos
- Especializada
- 25 anos.
- Pré II

Q2. Conceito de Alfabetização

- Processo de conhecimento de um código para em seguida ser complementado por palavras, frases, etc.
- Tem suma importância, pois nessa etapa tudo se inicia.
- Buscando diversas alternativas para ter meu aluno alfabetizado.

Q3. Conceito de Letramento

- É compreender, interagir, modificar, mecanismos de interação social.
- Travar cotidianamente na busca do sucesso.

Q4. Prática Pedagógica

- Alfabeto móvel, bingo das sílabas, conto, ditado, etc.
- Sim, sempre planejo o que vou fazer.
- Sim, busco instigá-los o tempo todo.

- Sempre que possível.

Q5. Escola/Família X Alfabetização/Letramento

- Algumas sim.
- Cobrar mais, fazendo-os mais comprometidos com o seu papel.
- Meio mais eficaz para um bom resultado educacional.

Q6. Formação Pessoal

- Pesquisar, estudar, atualizar-me como educador.
- Sim.
- Sim, porém preciso me aprofundar um pouco mais.
- Sim, sempre que tem por aqui participo.
- Sempre.

RESPOSTA DA ENTREVISTA



MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

Mestrando: Ailson Tenório Cavalcanti Júnior

E-mail: ailsonjuba11@gmail.com

P-11

Q1. Identificação do Entrevistado

- Feminino
- 46 anos
- Especializada
- 20 anos.
- 3º ano

Q2. Conceito de Alfabetização

- Processo de compreender a leitura e escrita.
- Desenvolver no aluno o conhecimento das letras para daí compreender o processo da leitura.
- Promovendo aulas com várias atividades que contemplem a leitura e escrita.

Q3. Conceito de Letramento

- Quando você entende o que ler e escreve e usa no dia-a-dia.
- Incentivar através das aulas o gosto pelo uso dos textos na vida escolar e social.

Q4. Prática Pedagógica

- Uso do alfabeto móvel, ditados, mural com textos e atividades com livros e xerocadas.

- Sim. Sempre procuro levar o que é interessante e desenvolve a aprendizagem significativa.
- Sim. Todos demonstram bastante interesse.
- Sempre que possível levo atividades diferenciadas.

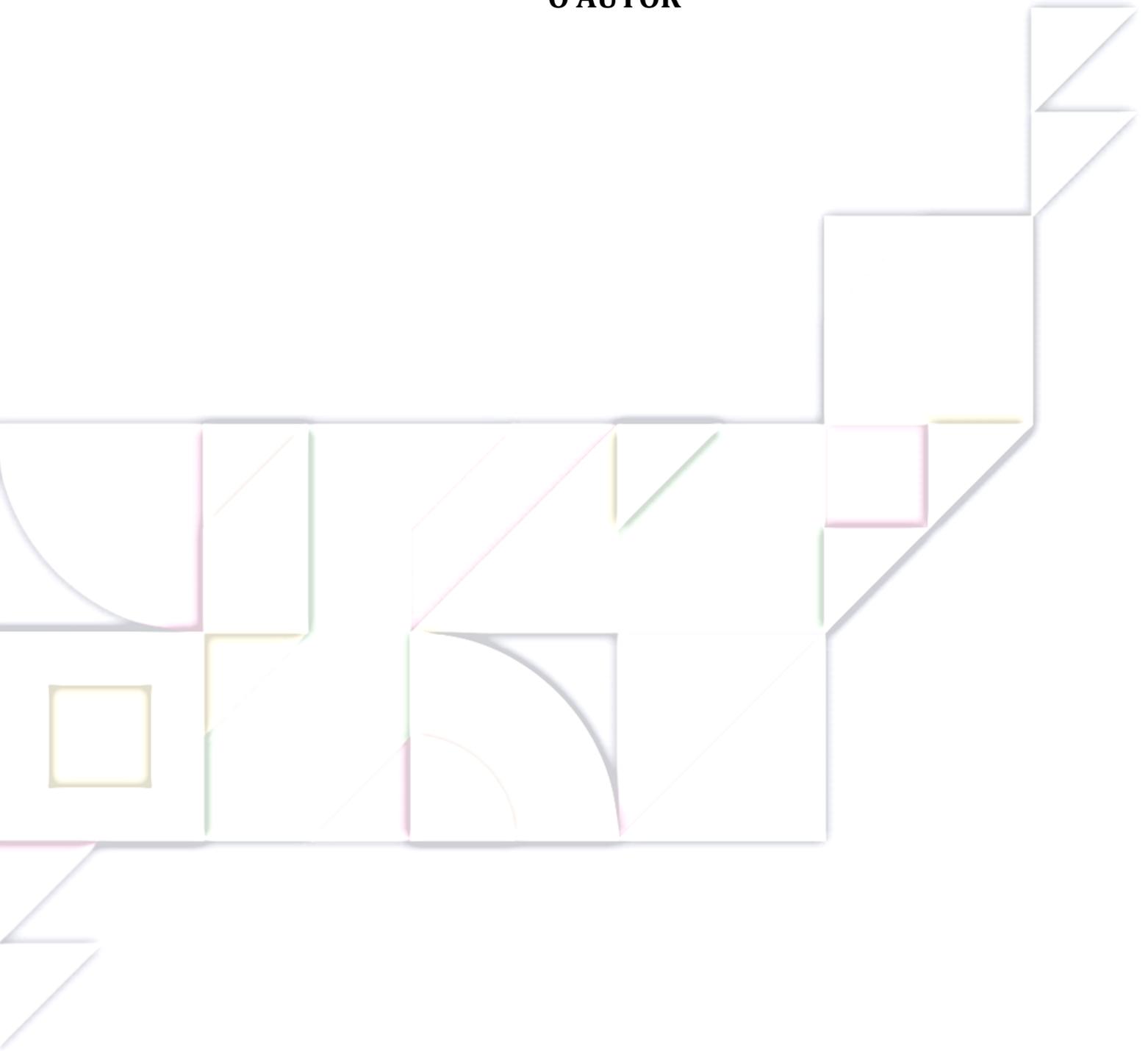
Q5. Escola/Família X Alfabetização/Letramento

- Em parte. Existe um grupo de família que sempre se faz presente na escola.
- Promover reuniões, atividades dinâmicas e aproveitar a presença dos mesmos nos eventos da escola.
- Está melhorando um pouco.

Q6. Formação Pessoal

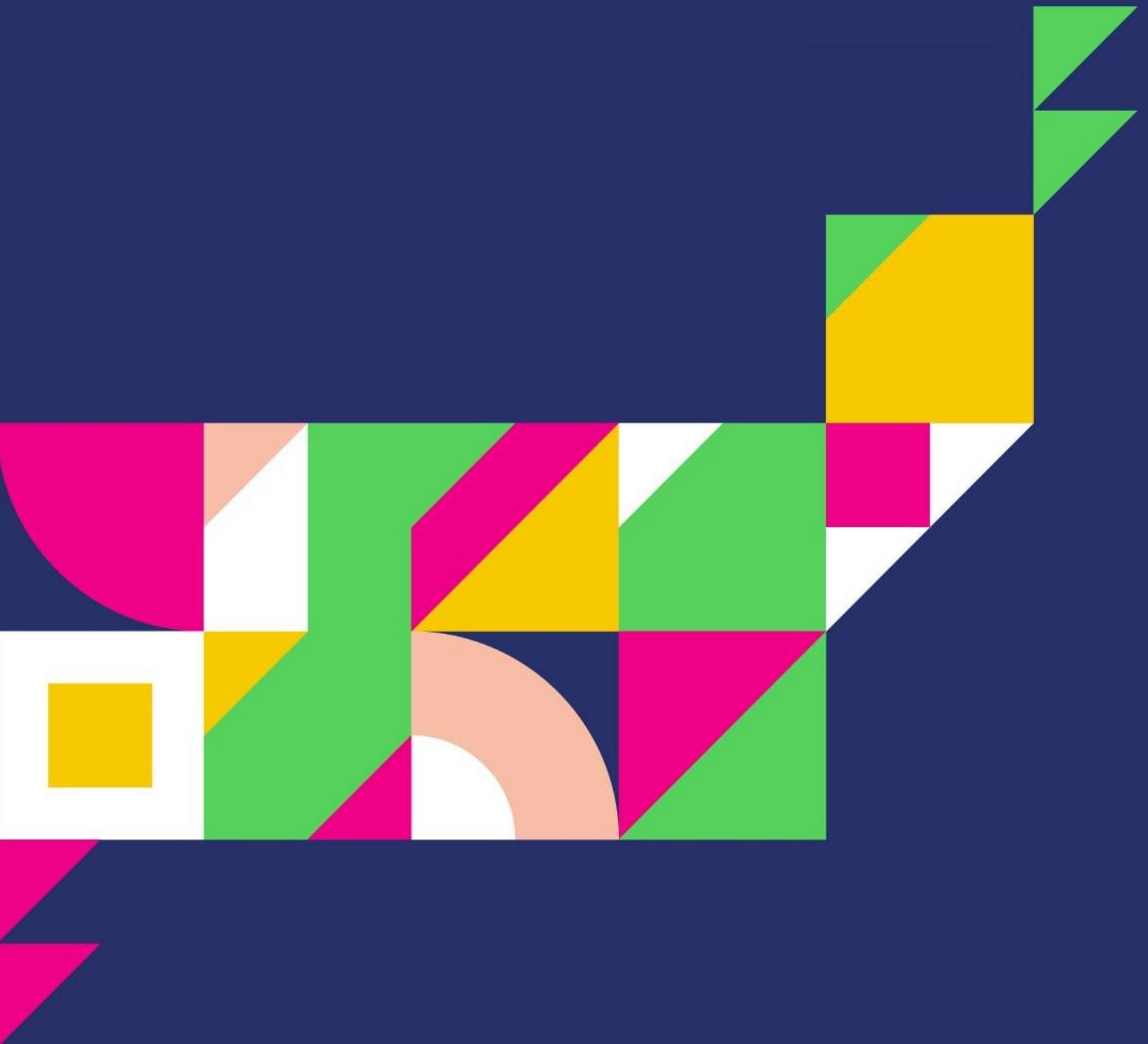
- Sempre busco ler e me atualizar para fazer o melhor.
- Sim, porém não dei a importância devida.
- Ainda não, preciso estudar mais um pouco.
- Sim, porém precisam ser mais articuladas.
- Não, mas sempre que mudo a metodologia eles demonstram interesse.

O AUTOR



AILSON TENÓRIO CAVALCANTI JÚNIOR

Possui graduação em Pedagogia pelo Instituto Superior de Educação de Pesqueira (2012) e mestrado em Ciências da Educação - Universidad de Desarrollo Sustentable (2021). Atualmente é professor da Prefeitura Municipal de Buíque e professor/coordenador pedagógico da Prefeitura Municipal de Arcoverde. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação



Editora
REALCONHECER

ISBN 978-658452538-2



9

786584

525382